



UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA - UnB
INSTITUTO DE LETRAS- IL
DEPARTAMENTO DE LÍNGUAS ESTRANGEIRAS E TRADUÇÃO – LET
CURSO: LETRAS - TRADUÇÃO - PORTUGUÊS/ INGLÊS

**O FUNCIONALISMO E A TRADUÇÃO COMENTADA:
UMA PROPOSTA TRADUTÓRIA FEMINISTA PARA O ARTIGO DE
LUISE VON FLOTOW E JOAN W. SCOTT**

WICTÓRIA JOHANNA CAMPOS PINHEIRO

WICTÓRIA JOHANNA CAMPOS PINHEIRO

**O FUNCIONALISMO E A TRADUÇÃO COMENTADA:
UMA PROPOSTA TRADUTÓRIA FEMINISTA PARA O ARTIGO DE
LUISE VON FLOTOW E JOAN W. SCOTT**

Projeto Final apresentado como requisito parcial à obtenção de menção na disciplina Projeto Final do Curso de Letras Tradução – Inglês, sob orientação da Professora Dra. Alessandra Ramos de Oliveira Harden, da Universidade de Brasília (UnB).

Brasília, 2022

**O FUNCIONALISMO E A TRADUÇÃO COMENTADA:
UMA PROPOSTA TRADUTÓRIA FEMINISTA PARA O ARTIGO DE
LUISE VON FLOTOW E JOAN W. SCOTT**

Projeto Final apresentado como requisito parcial à
obtenção de menção na disciplina Projeto Final do
Curso de Letras Tradução – Inglês, sob orientação
da Professora Dra. Alessandra Ramos de Oliveira
Harden, da Universidade de Brasília (UnB).

BANCA EXAMINADORA

Profa. Dra. Alessandra Ramos de Oliveira Harden
(Orientadora)

Profa. Dra. Norma Diana Hamilton
(Examinadora)

Profa. Dra. Christiane Roscoe-Bessa
(Examinadora)

Brasília, 2022

AGRADECIMENTOS

Dedico esse trabalho final de curso ao meu filho Gael, e dizer que sou muito grata pela missão de ser sua mamãe. Gostaria de agradecer ao meu companheiro Gabriel, que me incentiva a sempre buscar a minha melhor versão. Agradecer aos meus pais, que nunca deixaram de acreditar em mim. Mamãe, obrigada por sempre ter a fé que eu muitas vezes não tive. Agradecer, em especial ao meu Papai, pelas noites que passou comigo na UnB me esperando nas aulas e por cuidar do Gael pelo ICC enquanto eu estava em aula, eu devo isso ao senhor.

Agradeço à minha mãe-avó Leide, que rezou para que eu entrasse na UnB e que me tornou uma mulher forte, além de me fazer macarronada depois de aulas cansativas. Gostaria de agradecer a uma pessoa que não poderá ler meu Projeto Final, mas que eu sei que está em outro plano pulando de alegria porque a neta dela está se tornando uma tradutora... Vovó Dilza, o coral da UnB nunca mais será o mesmo sem sua voz. Agradecer ao meu Vovô Cherubim e Vovô Sebastião, que hoje são estrelas no céu. Agradeço à minha Tia Jussara e minha Tia Sayonara, grandes apoiadoras das minhas empreitadas. Dada, eu consegui!

Por fim, gostaria de agradecer à minha orientadora Professora Alessandra Harden, cujo apoio e carinho foram essenciais para que eu concluísse essa etapa da minha vida, muito obrigada!

“Sometimes you need more than one way to reach the outside”

Nova Ren Suma

Brasília, 2022

RESUMO

Este Projeto Final de Curso apresenta uma proposta de tradução em português brasileiro para o texto originalmente em inglês "*Gender Studies and Gender Translations: Entre Braguette - connecting the transdisciplines*". (2016), escrito por Luise Von Flotow e Joan W. Scott. O objetivo é apresentar uma tradução focada para publicação acadêmica, focada nas diretrizes da revista *Cadernos de Tradução*, permeando a teoria funcionalista de Nord (2006). São apontadas características da tradução feminista, pertinentes ao conteúdo e função social dada ao texto escrito por Flotow e Scott. Como metodologia, é utilizada a tradução comentada e o SMARTCAT (website) como ferramenta de tradução. Por fim, considerando a tradução como uma interação comunicativa (NORD, 2006), este trabalho tem por finalidade analisar o papel da tradutora como uma agente na solução de problemas específicos encontrados no processo tradutório.

Palavras-chave: tradução funcionalista; tradução feminista; tradução comentada; SMARTCAT; estudos de gênero.

ABSTRACT

This Final Course Project presents a proposal for a translation into Brazilian Portuguese for the text originally in English "Gender Studies and Gender Translations: Entre Braguettes - connecting the transdisciplines" (2016), written by Luise Von Flotow and Joan W. Scott. The objective is to present a translation for academic publication, focused on the guidelines of the journal *Cadernos de Tradução*, permeating the functionalist theory of Nord (2006). The characteristics of feminist translation are pointed out, pertinent to the content and social function given to the text written by Flotow and Scott. The methodology used is commented translation and SMARTCAT (website) as a translation tool. Finally, considering translation as a communicative interaction (NORD, 2006), this paper aims to analyze the role of the translator as an agent in solving specific problems encountered in the translation process.

Keywords: functionalist translation; feminist translation; commented translation; SMARTCAT; gender studies.

LISTA DE QUADROS

1. TABELA 1 - EXEMPLO TRADUÇÃO COMENTADA
2. TABELA 2 - ANÁLISE DOS ELEMENTOS TEXTUAIS
3. QUADRO 1 - SMARTCAT (EXEMPLO 1)
4. QUADRO 2 - SMARTCAT (EXEMPLO 2)
5. QUADRO 3 - SMARTCAT (EXEMPLO 3)
6. TABELA 3 - COMENTÁRIOS DO TERMO DRAG
7. QUADRO 4 - SMARTCAT (EXEMPLO 4)
8. QUADRO 5 - SMARTCAT (EXEMPLO 5)
9. QUADRO 6 - SMARTCAT (EXEMPLO 6)
10. ANEXO III - TEXTO ORIGINAL E TEXTO TRADUZIDO
ESPELHADO - SMARTCAT

LISTA DE FIGURAS

1. **Figura 1** - NORD, Christiane. p. 132 **Translating as a purposeful activity: a prospective approach.** TEFLIN Journal, Volume 17, Number 2, August 2006
2. **Figura 2**, NORD, Christiane. p. 154 **Texto base-texto meta. Un modelo funcional de análisis pre-traslatoivo.**

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	11
CAPÍTULO 1 - AS AUTORAS E A OBRA	12
1.1. As autoras	12
1.1.1 Luise Von Flotow	12
1.1.2 Joan W. Scott	13
1.2 Scott e Flotow: a intersecção entre estudos	13
1.3 A obra	14
CAPÍTULO 2 - CONSIDERAÇÕES TEÓRICAS	17
2.1 Tradução funcionalista	17
2.1.1 O modelo funcionalista por Christiane Nord	18
2.2 Tradução comentada	20
2.2.1 Um dos modelos de tradução comentada	22
2.3 Tradução Feminista	23
2.4 Publicação Acadêmica	26
CAPÍTULO 3 - METODOLOGIA E DISCUSSÃO DA TRADUÇÃO	28
3.1 O modelo funcionalista e a publicação acadêmica	28
3.1.1 As diretrizes da revista Cadernos de Tradução no artigo	31
3.2 O processo de tradução comentada	33
3.2.1 SMARTCAT	33
3.2.2 Os comentários no SMARTCAT e em tabela espelhada	37
3.3 A função social do texto traduzido	38
3.3.1 Termos específicos	39
CONSIDERAÇÕES FINAIS	44
REFERÊNCIAS	45
ANEXOS	47
ANEXO I	47
ANEXO I	50

INTRODUÇÃO

Este Projeto Final tem por objetivo apresentar uma proposta de tradução para o artigo científico "*Gender Studies and Gender Translations: Entre Braguette - connecting the transdisciplines.*" (2016), escrito por Luise Von Flotow e Joan W. Scott. Na obra, são abordados os movimentos feministas como precursores no processo de retradução de textos que utilizavam uma linguagem exclusiva e misógina. Além disso, as autoras também apontam exemplos da tradução do termo "gênero" em vários documentos, revelando a relação dos Estudos de Gênero e os Estudos da Tradução e pensando na tradução como um ato formador de opinião.

Esse texto foi escolhido para ser traduzido por não ter uma tradução oficialmente publicada em português até o ano de 2022. Além disso, justifica-se a escolha do artigo por seu conteúdo pertinente em relação à tradução e como essa atividade é importante na sociedade. Levando em consideração o foco do texto em considerar os Estudos da Tradução e os Estudos de Gênero como áreas correlatas, é um texto que aborda de forma objetiva e interessante como a linguagem molda a sociedade e como isso tem trazido mudanças importantes para grupos minoritários.

À luz da tradução funcionalista, amplamente propagada por Christiane Nord, especialmente em sua publicação "*Translating as a purposeful activity: a prospective approach*" (2006), a tradução foi feita em acordo com a estrutura de um artigo científico, descrito por Gomes (2011). A metodologia é baseada em tradução comentada, também conhecida como tradução anotada, em que o tradutor faz apontamentos importantes do processo tradutório. Foi utilizada a ferramenta SMARTCAT (CAT *tools*) para auxiliar e dinamizar o processo.

Com base na tradução feminista e na função social apresentada no texto traduzido, foi escolhido o modelo de as publicações na *Cadernos de Tradução*, uma revista importante para a área dos Estudos da Tradução. São apresentadas as soluções encontradas para problemas tradutórios como, por exemplo, o uso de termos específicos da área de Estudos de Gênero. Como resultado, é proposta uma tradução pensada no público-alvo, seu impacto para o meio acadêmico e o que o conhecimento entre as intersecções dos Estudos de Gênero e Estudo da Tradução trariam ao leitor.

CAPÍTULO 1 - AS AUTORAS E A OBRA

Neste capítulo são apresentadas informações sobre Luise Von Flotow e Joan W. Scott, autoras do texto *Gender Studies and Gender Translations: Entre Braguettes - connecting the transdisciplines*. (2016). O artigo traduzido, objeto desse Projeto Final, aborda o papel do movimento feminista na história dos Estudos de Gênero e sua importância para a tradução.

1.1. As autoras

1.1.1 Luise Von Flotow

Luise Von Flotow é uma tradutora de origem canadense com trabalhos publicados em inglês e alemão, trabalhando atualmente como professora de Estudos da Tradução, no Canadá. Flotow produziu inúmeros artigos sobre a relação da mulher com a tradução. Sua lista de livros e artigos escritos é enorme, tais como: *Translating Women* (2011), *Feminist Translations: contexts, practice and theories* (1991) e *Translation and Gender: Translating in the era of Feminism* (2016).

Como atual diretora da *School of Translation and Interpretation* da Universidade de Ottawa, Flotow produz uma série de livros e artigos em sua área de interesse e foca seus trabalhos, principalmente, nos estudos sobre gênero e sua ligação com os Estudos da Tradução. Além disso, ela é tradutora de livros literários em línguas como o alemão, inglês e francês. Flotow produz conteúdo sobre a multidisciplinaridade dos Estudos da Tradução e o impacto da tradução feminina dentro da vida cotidiana e as implicações de produções feitas por mulheres na sociedade atual.

Um de seus livros, *Translation and Gender* (1997), foi publicado em 1997 e aborda o impacto do desenvolvimento artístico e intelectual, uma crescente no século XX, dentro de disciplinas que antes não eram tão debatidas (FLOTOW, 1997). Com o foco em como a cultura pode impactar os Estudos da Tradução, Flotow aponta como a "linguagem patriarcal" afetou, durante anos, o desenvolvimento da sociedade e sua visão em relação às mulheres. Em sua obra, a autora explica como as várias práticas tradutórias derivam de tentativas feministas de traduzir

novamente textos fundamentais para a sociedade. Um desses textos é a Bíblia em que as tradutoras criaram estratégias para deixar de lado uma linguagem machista e recuperar significados perdidos no passado por uma linguagem conservadora.

Flotow também foi professora visitante em países como Espanha, Brasil, Chile e México. Escrevendo sobre sua própria experiência como tradutora com línguas como alemão, inglês e o francês, a levaram a produzir o livro chamado *Translating Women (2011)*, um de seus trabalhos mais recentes sobre a mulher nos Estudos da Tradução em um cenário mundial.

1.1.2 Joan W. Scott

Joan Wallach Scott é uma historiadora estadunidense nascida na cidade de Brooklyn, em Nova Iorque, que se dedicou à história francesa e redirecionou suas pesquisas no século XX para a história das mulheres, mais especificamente para os Estudos de Gênero. Em 1986, Scott publicou um dos seus artigos de maior sucesso: *Gender: A Useful Category of Historical Analysis (Gênero: uma categoria útil de análise histórica, em tradução livre)*. Nesse artigo, a autora afirma que "gênero é um elemento constitutivo das relações sociais baseado nas diferenças percebidas entre os sexos... o gênero é uma forma primária de dar significado às relações de poder." (SCOTT, 1989, p. 21).

A concepção de Scott (1989), então, afirma que o termo "gênero", como conceito, é uma construção social das relações presentes entre os indivíduos sociais, abandonando a ideia de que as diferenças, entre homens e mulheres, sejam meramente biológicas. É possível observar a importância dessa perspectiva em seu texto "*Gender Studies and Gender Translations: Entre Braguettes - connecting the transdisciplines*" (2016), publicado em parceria com Luise Von Flotow.

1.2 Scott e Flotow: a intersecção entre estudos

Em entrevista ao *Cadernos de tradução (2011)*, Flotow é sempre muito clara sobre os objetivos de suas pesquisas. Buscando dar voz na tradução às minorias que foram constantemente silenciadas, cita que sempre traduziu mulheres, pois:

gosta de pensar que as entende melhor, claramente não podendo dizer isso de todas, porém que acredita, em geral, conseguir lidar com o conteúdo

dos textos e os detalhes de uma melhor forma quando escritos por uma mulher. (FLOTOW, 2011, p. 255).

Além disso, na mesma entrevista, ela afirma pesquisar sobre como as ligações dos Estudos da Tradução com, por exemplo, os estudos *Queer*, podem impactar em uma discussão de textos que estão sendo retraduzidos ao adotar uma linguagem mais inclusiva.

Luise Von Flotow, por ter como área de interesse as influências ideológicas e políticas na tradução, utiliza o conceito de gênero proposto por Joan W. Scott (1941-) para apoiar suas pesquisas dos Estudos de Gênero e a tradução. O "gênero", como estudo em específico, foi introduzido na disciplina dos Estudos da Tradução como uma categoria analítica, ou seja, uma categoria que analisa um fenômeno por meio de uma teoria, no final da década de 1980 do século XX. Já no decorrer da década de 1990, outros assuntos abarcados pela teoria *queer* foram adicionados nas discussões dos Estudos da Tradução que envolviam os Estudos de Gênero.

Então, em parceria com Scott, uma historiadora e pesquisadora sobre os Estudos de Gênero, Flotow produz um artigo científico que retrata como as discussões em relação aos diversos conceitos do que é gênero podem impactar, por exemplo, a tradução do mesmo termo em várias culturas.

1.3 A obra

"*Gender Studies and Gender Translations: Entre Braguette - connecting the transdisciplines*" é um artigo científico publicado pela revista *Border Crossing: Translation Studies and other Disciplines*, em 2016, escrito por Luise Von Flotow em parceria com Joan W. Scott. O artigo aborda como os Estudos de Gênero e os Estudos da Tradução se entrelaçam como disciplinas dentro do campo das ciências sociais. Em resumo, ambas as áreas de estudo levantam questionamentos sobre o impacto social da língua em assuntos como política e direitos. É um texto que discute como construções sociais mais antigas e repressivas possuíam poder por meio da linguagem sob as minorias e, como movimentos emancipadores, como o movimento feminista ou os estudos *Queer*, conquistam o lugar de fala.

O texto trata, primeiramente, em como os Estudos da Tradução e os Estudos de Gênero devem ser trabalhados como áreas acadêmicas complementares, por terem discussões em relação

ao uso da linguagem e seu impacto social em comum. Dividido em duas partes, o artigo científico conta com uma introdução escrita por Luise Von Flotow sobre a discussão de antigas propostas de significado para o termo "gênero", já a segunda parte, Joan W. Scott apresenta o exemplo do equívoco da frase, em destaque no título do texto, "Entre Braguettes", ambientada em uma reunião importante internacional e discorre sobre a união entre os Estudos de Gênero e os Estudos da Tradução.

Inicialmente, no prefácio escrito por Flotow, identifica-se como o desenvolvimento da Tradução está presente desde a antiguidade até os dias atuais. Como uma atividade de difusão de ideias, Flotow cita que é possível encontrar a tradução na religião, na política e, cada vez mais, em discussões em organizações internacionais. Esse foco é o principal do texto, já que em um segundo capítulo, Scott explica como as traduções em várias línguas de termos considerados polêmicos, influenciaram que ponto de vista seria tomado pelas sociedades sobre sexo, sexualidade e o gênero em si. Citando mulheres como Judith Butler (1990) e a desconstrução da oposição de sexo/gênero, Scott faz uma linha temporal de como se desenrolou a discussão sobre o uso da linguagem com impacto social. Por fim, Flotow conclui o artigo retomando alguns pontos principais de Scott, como os conflitos pela busca de significados, a dificuldade histórica em definir o que é o gênero para assim traduzi-lo, entre outros tópicos.

É possível observar na leitura do artigo como as autoras buscam se manter em uma espécie de linha do tempo da história da tradução em paralelo com movimentos ativistas femininos, além da discussão, no final da década de 1970 para a década de 1980, do termo "gênero" em contraposição do termo "sexo".

De acordo com a ABNT (Associação Brasileira de Normas Técnicas), o texto traduzido possui os elementos pré-textuais, como, por exemplo, a identificação do nome das autoras, em que revista foi publicada a pesquisa e título do texto. Esses elementos estão presentes logo na primeira página do artigo. Apresenta, também, elementos textuais como a introdução, o desenvolvimento e a conclusão. Essa divisão do texto demonstra, com clareza, as etapas de desenvolvimento lógico e histórico do conteúdo pelas autoras. Em uma explicação sobre o título e os pontos de intersecção entre os Estudos da Tradução e os Estudos de Gênero, Scott desenvolve o segundo tópico do artigo. Em um terceiro momento, Flotow retoma as considerações de Scott e finaliza demonstrando alguns pontos importantes de união dessas áreas

de estudo, como: a identificação, a significação e a tradução do termo "gênero", além dos efeitos da tradução na sociedade que ela atinge.

Os elementos pós-textuais como referências e notas de rodapé são utilizadas na citação de várias outras pesquisadoras da história feminista e dos Estudos de Gênero para enriquecer ainda mais a narrativa do texto. A objetividade¹ é um dos elementos principais quando se trata da escrita de uma publicação científica. Em *Gender Studies and Gender Translations: Entre Braguette - connecting the transdisciplines*. (2016), as autoras alcançam o objetivo do texto abordando de forma didática a tradução e os Estudos de Gênero, com uma linguagem formal e objetividade em suas ideias. Flotow e Scott (2016) traçam paralelos entre os Estudos da Tradução e os Estudos de Gênero utilizando termos como "*transdisciplinas*", "*translinguismo*" e palavras específicas dentro dos Estudos de Gênero, como "*Drag*" e "*Queer*".

¹ **Artigo científico: quais são suas principais particularidades?** GOMES, Monique. 2018 Disponível em: <https://rockcontent.com/br/talent-blog/artigo-cientifico/>

CAPÍTULO 2 - CONSIDERAÇÕES TEÓRICAS

Neste capítulo são abordados os pontos teóricos que embasaram a tradução do artigo escrito por Flotow e Scott. São apontadas a tradução funcionalista e a teoria de Nord (2006) da interação cultural do texto traduzido, a tradução comentada e a importância da produção acadêmica. Por fim, é apresentada a tradução feminista com base em Flotow (1998) e Marie-france D  p  che (2000) e sua import  ncia para os Estudos da Tradu  o, assunto tratado pelo texto traduzido.

2.1 Tradu  o funcionalista

O processo da tradu  o   uma das atividades mais antigas conhecidas pelo homem. Segundo o dicion  rio *Aur  lio* (2010) do portugu  s brasileiro, a palavra "*traduzir*" prov  m do termo em latim "*traduccere*" etimologicamente significa "conduzir al  m", "transferir". Dentro dos Estudos da Tradu  o, a abordagem funcionalista ganhou for  a no final da d  cada de 1970, e consiste em fornecer uma tradu  o que possua uma fun  o no destino de chegada.

Levando em considera  o que o principal ponto na teoria funcionalista era a linguagem como pr  tica de intera  o social, Reiss e Vermeer (1996) propuseram conceitos que permearam os Estudos da Tradu  o Funcionalista at   hoje. Esses conceitos s  o:

1. a transla  o est   em fun  o de seu *Skopos* (objetivo, finalidade);
2. a transla  o   uma oferta informativa em uma cultura final e em sua l  ngua sobre uma oferta informativa procedente de uma cultura de origem e de sua l  ngua;
3. a oferta informativa de uma transla  o se apresenta como transfer  ncia que reproduz uma oferta informativa de partida. Esta reprodu  o n  o   revers  vel de um modo un  voco. (REISS; VERMEER 1996: p.89²apud PONTES, 2016, p.347)

A *transla  o*³, entendida pela tradu  o escrita e interpreta  o (tradu  o oral),   um conceito apresentado por Christiane Nord (2012) em que se entende que o objetivo da tradu  o,

² Tradu  o por PONTES, Valdecy de Oliveira; PEREIRA, Lyvia Lea de Oliveira. — **A tradu  o a partir do modelo funcionalista de Christiane Nord: perspectivas para o ensino de l  nguas estrangeiras.** *TradTerm*, S  o Paulo, v. 28, Dezembro/2016, p. 338-363 — www.usp.br/tradterm

³ Conceito para Tradu  o utilizado por Nord (2012).

ou a sua finalidade, é determinada pelo público-alvo, o que irá determinar o projeto de tradução. A tradução, nessa perspectiva comunicativa, é reconhecida como um ponto de conexão e troca de informações entre duas línguas, duas culturas e entre emissor e receptor daquele texto.

Apesar da importância de Reiss e Vermeer para a tradução funcionalista, a concepção de que o Texto Base (TB), ou texto original e o Texto Meta (TM), ou texto traduzido eram polos opostos foi muito difundida por ambos teóricos. Por um lado, Reiss (1971) priorizava o texto original, em que identificar a função do TB era primordial no processo de tradução. Em contrapartida, Vermeer (1978) foca sua teoria nos *skopos*, em que o "propósito da translação na cultura meta é que determinará todo o processo translativo, a fim de que se alcance um texto funcionalmente adequado, sem se descaracterizar o TB."⁴ (PONTES, 2016, p. 348). Ou seja, o foco estava no texto traduzido e como ele atingiria seu propósito já na língua de chegada.

Buscando encontrar um equilíbrio entre os dois pólos de comunicação, Christiane Nord busca apontar a necessidade de entender ambos os textos, por meio dos elementos intratextuais e extratextuais e a sua função cultural em ambas as línguas.

2.1.1 O modelo funcionalista por Christiane Nord

Escritora de "*Translating as a purposeful activity: a prospective approach*" (2006), Nord afirma que o tradutor é um interveniente para passar uma mensagem, um "ponto em comum" entre culturas e línguas (NORD, 2006). Considerando a tradução como uma atividade de propósito social, quando se possui um texto, em especial um artigo científico, o importante é pensar na funcionalidade que esse texto tem quando traduzido de sua língua original para uma outra língua.

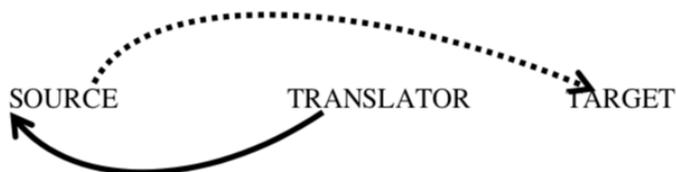
Em seus trabalhos, Nord (2006) afirma que seria impossível que o texto fosse traduzido como uma mensagem única, não existindo apenas um receptor/leitor daquele texto. O tradutor é apenas mais uma visão sobre o texto lido. Explicando o propósito comunicativo da tradução, Nord utiliza um esquema (Figura 1) para mostrar a relação Texto Base, tradutor e Texto Meta.

Como é possível ver na Figura 1 abaixo, o tradutor primeiro precisa do contato com o texto original, entendendo a situação cultural em que ele foi escrito, assim como quem é o autor, o

⁴ PONTES, Valdecy de Oliveira; PEREIRA, Lyvia Lea de Oliveira. — **A tradução a partir do modelo funcionalista de Christiane Nord: perspectivas para o ensino de línguas estrangeiras.** *TradTerm*, São Paulo, v. 28, Dezembro/2016, p. 347

tipo de linguagem e o propósito da produção daquele texto. Depois, o tradutor escolhe a melhor metodologia para atingir o mesmo objetivo do texto original no Texto Meta.

Figura 1 - Relação Texto Base, tradutor e Texto Meta



Fonte: (NORD, 2006, p. 132)

A tradução para Nord (2006), tal como uma interação comunicativa social, demonstra que há um emissor de uma mensagem em uma cultura X, que possui um propósito emitido em um texto de língua X, e há o receptor desta mensagem em uma língua Y, com uma situação comunicativa Y e que pertence a um meio cultural Y. Para que essa mensagem seja levada de um ponto a outro, surge a necessidade de uma mediação que entenda ambas as línguas e que esteja familiarizada, o mínimo possível, com ambas as culturas envolvidas (X e Y).

Constituído por elementos como forma e conteúdo, Nord mostra em *Traduciendo funciones* (1994) que há uma interdependência entre esses dois elementos e a função comunicativa do texto. São essas funções:

- a) função fática: serve para estabelecer, manter ou terminar contato entre os participantes da comunicação;
- b) função referencial, informativa ou descritiva: se refere à representação, descrição de objetos ou fenômenos do mundo;
- c) função expressiva ou emotiva: trata-se da verbalização das emoções ou opiniões do emissor acerca de objetos ou fenômenos do mundo;

d) função apelativa: pensada para conseguir um determinado efeito extralinguístico nos seus interlocutores. (NORD. 1994, p.101 *apud* PONTES, 2016, p.349)⁵

A tipificação das funções comunicativas por Nord (1994), apontam que não são traduzidos apenas os elementos do texto de forma isolada, como em uma tradução literal, mas a informação contida no texto como um todo. O processo tradutório tem um propósito, elevando, assim, o status da tradução a uma atividade de importante contato entre diferentes culturas.

Por fim, para que seja traçado um projeto de tradução, os elementos intratextuais e intertextuais são analisados de acordo com uma série de perguntas, propostas por Nord (2012), em que o tradutor deve responder quem transmite o texto (autor), para que (intenção/finalidade/objetivo), a quem (leitor/receptor) e por qual meio transmissor, além de onde, quando e o porquê (lugar/tempo/motivo da comunicação). Esses elementos apontam, também, o ponto principal: em que contexto cultural está o Texto Base e como o tradutor deve agir para atingir o objetivo de passar a mensagem em uma outra língua.

2.2 Tradução comentada

O propósito da tradução é levar o conteúdo escrito em uma língua original para uma outra língua por meio de um tradutor. Uma das possibilidades dessa atividade é feita por meio da tradução comentada, também chamada de tradução anotada. Com base no artigo de Adriana Zavaglia et. al (2015), a tradução comentada neste artigo será considerada como um gênero acadêmico ainda em construção nos Estudos da Tradução.

Primeiramente, é necessário pontuar o papel do tradutor na tradução para, posteriormente, apontar a importância dos comentários durante o processo de traduzir. Com um função social, o tradutor não apenas deve dominar a língua do texto, mas também entender em que contexto social se aplica a mensagem que deve ser traduzida, assim como analisar qual seu público-alvo. Para Basnett (2003, p. 54), “a tradução não é a substituição de elementos lexicais e gramaticais

⁵ PONTES, Valdecy de Oliveira; PEREIRA, Lyvia Lea de Oliveira. — **A tradução a partir do modelo funcionalista de Christiane Nord: perspectivas para o ensino de línguas estrangeiras.** *TradTerm*, São Paulo, v. 28, Dezembro/2016, p. 349

entre línguas", mas um meio de informar de forma coerente e eficaz o leitor do que está sendo lido..

Ainda pensando no tradutor, sua responsabilidade consiste em produzir significados em uma língua distinta ao texto original e, conseqüentemente, ser um representante do autor e da sua tradução produzida. Como afirma Arrojo (2003, p. 104), “Cabe ao tradutor assumir a responsabilidade pela produção de significados que realiza e pela representação do autor a que se dedica”.

O tradutor produz antes, durante e até depois da tradução uma série de comentários sobre pesquisas, escolhas e soluções para problemas encontrados na atividade. Isso porque, ao traduzir, o texto possui sua historicidade e o conteúdo, um propósito. Pensando na responsabilidade de representação do texto, o tradutor detalha sobre suas escolhas tradutórias.

Esses comentários podem ou não serem lidos posteriormente, mas quando lidos pelo próprio tradutor, podem ajudar no processo de revisão da tradução. Uma tradução precisa ser revisada, exatamente pela carga cultural que um texto carrega. O período histórico em que foi feita a tradução, o público que era desejado atingir, assim como o próprio tradutor, interferem no texto final. Dessa forma, a retradução é um processo em que situa um texto traduzido há anos em uma nova realidade.

No caso de "*Gender Studies and Gender Translations: Entre Braguettes - connecting the transdisciplines*" (2016), são citadas as mudanças temporais que podem acontecer com textos que foram traduzidos. Um exemplo citado é a própria tradução da palavra “gênero” em diversas línguas, e como isso influenciou na produção de conhecimento dentro de uma antiga realidade em que gênero era apenas o desígnio biológico, mas que com os movimentos sociais e o questionamento das traduções, passou a ter um significado diferente e mais abrangente.

Os comentários podem se apresentar como notas de rodapé ou pesquisas anexadas ao processo de tradução, desenvolvendo um raciocínio do tradutor e esclarecendo sua interpretação do texto original. De acordo com Zavaglia et. al (2015), há diferentes tipos de comentários feitos pelo tradutor, sendo eles os contextuais, que envolvem tudo o que diz respeito ao autor e a obra; os tradutórios, que são os apontamentos feitos pelo tradutor do processo de tradução em si; e os críticos, que são a base teórica e uma análise dos apontamentos feitos nos comentários tradutórios.

Por fim, é importante pontuar que os comentários não se restringem apenas aos pontos destacados no texto, mas a todo o processo de pesquisa que o tradutor desenvolve para expandir seu conhecimento e traduzir um texto em uma outra língua de acordo com o seu projeto de tradução. Todo esse processo de pesquisa envolve conhecer do autor do texto, da história da obra, da fundamentação teórica que vai ser utilizada para embasar a tradução e que objetivo (ou público) se deseja alcançar com o produto final.

2.2.1 Um dos modelos de tradução comentada

A tradução comentada, como pontuado previamente, não possui um único modelo a ser seguido. A utilizada neste artigo consiste no uso de uma tabela em que há o texto original em uma coluna, seguido pela coluna do texto traduzido e uma coluna para comentários e pesquisas. Normalmente dividido em parágrafos, esse modelo de tradução viabiliza que o tradutor faça seus comentários logo ao lado daquele trecho ou expressão que precisou de uma pesquisa maior.

É possível visualizar o modelo espelhado como exemplo por meio da Tabela 1 abaixo. Nele, consta uma tabela em que mostra a divisão do texto em "entradas", ou fragmentos, que auxiliam a visualização dos comentários e até mesmo facilita para o tradutor em um futuro processo de revisão da tradução.

TEXTO ORIGINAL	TEXTO TRADUZIDO	COMENTÁRIOS
The scandal around Dominique Strauss-Kahn (DSK) is a case in point (Apter 2012); it not only raises serious questions about “the nature of sexual citizenship” – does gender determine a citizen’s rights, obligations, and	O escândalo envolvendo Dominique Strauss-Kahn (DSK) é um caso em questão (APTER, 2012). Não apenas levanta sérios questionamentos sobre a "natureza da cidadania sexual", em que gênero determinaria os direitos, obrigações e	Pesquisa sobre Dominique Strauss-Kahn: Dominique Gaston André Strauss-Kahn, por vezes referido como DSK, é um economista, advogado, e político francês, membro do Partido Socialista. Foi Professor de Economia nas Universidades de Lorraine, Paris X - Nanterre e Sciences Po. Iniciou sua carreira política como

		deputado, pelo Partido Socialista, em 1986. (Wikipedia) Foi acusado por abuso sexual (https://aventurasnahistoria.uol.com.br/noticias/reportagem/de-diretor-do-fmi-acusado-de-abuso-sexual-escandalo-libidinoso-de-dominique-s-trauss-kahn.phtml)
--	--	---

(Tabela 1 - trecho de "*Gender Studies and Gender Translations: Entre Braguette - connecting the transdisciplines*", p. 3)

Nos comentários, visualiza-se quaisquer apontamentos que o tradutor deseja colocar. Os comentários não estão, necessariamente, dispostos em ordem ou para visualização de um leitor que não ele mesmo, mas, sim, de uma forma que facilite o entendimento de pontos importantes no processo da tradução, tais como: pessoas importantes, nomes de cidades ou elementos culturais que causaram estranhamento.

2.3 Tradução Feminista

A tradução feminista teve seu início entre final da década de 70 e o início da década de 80, no Canadá francófono. Esse novo movimento nos Estudos da Tradução emergia com a necessidade de uma nova visão sobre as traduções produzidas até então, assim como aprofundar-se na contribuição feminina para esses estudos. Nos anos 90, a tradução feminista alcançou destaque em trabalhos como de Luise Von Flotow, Sherry Simon e, nos anos 2000, de Marie-france D  p  che.

Sherry Simon (1996) iniciava uma discuss  o nos Estudos da Tradu  o sobre como o papel do tradutor era subjugado socialmente, mais ainda o papel da mulher na tradu  o. Simon (1996) aponta que, historicamente, o tradutor    submisso ao autor, assim como as mulheres s  o submissas ao homem. Assim como    atribu  da    imagem do autor uma figura soberana, que dita

as regras e que possui domínio em relação ao tradutor, à mulher configurada a fragilidade perante ao homem.

A tradução feminista visa identificar quem são esses entes subalternos e dar-lhes o direito à voz perante a sociedade. Para Flotow (1998), a tradução feminista tras muito mais que uma simples crítica literária, mas submerge diferentes nuances de "universalismos" petrificados em diversas línguas. Em seu texto "*Le féminisme en traduction*" (1998), a autora tece sua crítica do movimento feminista ignorar que dentro do próprio movimento existem diferenças culturais, ou como abordado no artigo aqui traduzido sobre identificação de gênero.

Para Marie-france Dépeche (2000, p. 159), os problemas encontrados na tradução revelam-se muito menos de cunho linguístico e, muito mais de natureza cultural. Isso porque, para a autora, a tradução é um ato político, sendo que as línguas naturais se hierarquizam por meio do masculino, enraizado socialmente. Então, a tradução feminista busca quebrar esse ciclo em que a linguagem patriarcal predomina textos importante, consequentemente refletindo na construção social de determinada cultura.

Dépeche (2000) faz uma linha temporal em seu texto *A Tradução Feminista: Teorias e Práticas Subversivas* que mostra como a igreja teve um efeito fundamental na construção social que marginalizava mulheres. Homens, clérigos mais especificamente, eram os que poderiam possuir conhecimento suficiente para ler a Bíblia e, consequentemente, traduzi-la. Logo depois, a autora menciona outros tradutores (do latim para as línguas vernáculas), sempre deixando claro que essa atividade era exclusivamente para homens. É possível entender, então, que as primeiras traduções, apesar de serem à serviço da Igreja Católica e buscarem uma maior "literalidade", estavam carregadas de ideologia.

Nos anos de 1970, com o desenvolvimento de teorias desconstrutivistas e pós-estruturalistas, algumas noções que eram perpetuadas nos Estudos da Tradução como fidelidade e equivalência passam a entender a tradução como um fenômeno sociocultural, não apenas linguístico. As traduções feministas, então, buscavam se libertar completamente do conservadorismo e durante anos travaram uma luta social para se libertar do "pudor linguístico". Flotow, então, é uma das figuras que começa a movimentar as produções na tradução por meio da "écriture ao féminin", que propunha uma linguagem mais subversiva em busca da subjetividade feminina nos textos.

Abarcando todas as teóricas citadas, a tradução de uma perspectiva feminista é tomada pela necessidade de encontrar novas possibilidades de propagação do conhecimento por meio das traduções. Para Mariana Waquil (2021), é possível retirar as seguintes reflexões após a produção de traduções feministas:

1. denunciam a grande quantidade de obras escritas por mulheres até então perdidas, silenciadas e ignoradas;
2. questionam e revelam distorções em traduções de livros feministas, cujo sentido havia sido incorporado à ideologia dominante patriarcal;
3. oferecem alternativas para a mudança da representação das mulheres a partir da tradução e por meio de intervenção na linguagem sexista.

Com isso, é possível afirmar que a tradução revela uma função social ainda maior do que era conhecido antes do movimento feminista, sendo agora ambiente para a defesa de movimentos antes silenciados por produções feitas majoritariamente por homens:

[...] a tradução é fundamental na construção e circulação de pensamentos e epistemologias feministas, antirracistas e decoloniais, em um mundo no qual prevalece, nos mais diversos campos do conhecimento, uma hegemonia branco-europeia, patriarcal, cisgênera e (neo)colonialista (Araújo et al., 2019, p. 3)

Essa movimentação teórica e prática da tradução feminista acaba fomentando cada vez mais produções com o objetivo de propagar conhecimento acerca de assuntos que eram marginalizados. Para o tradutor, isso significa novos desafios em relação à língua, mas também culturalmente, levando em consideração que a tradução é uma atividade que vai evoluindo de acordo com a necessidade da sociedade de absorver conhecimento.

A responsabilidade social em que uma tradutora transparece em sua tradução, não mais se prendendo a uma linguística castrada, viabiliza a tradução do texto apresentado neste trabalho, "*Gender Studies and Gender Translations: Entre Braguettes - connecting the transdisciplines*" (2016), escrito por uma das precursoras dessa onda emancipacionista, Flotow.

2.4 Publicação Acadêmica

A publicação acadêmica no ambiente científico é muito importante na propagação do conhecimento. As revistas acadêmicas são um veículo para a produção de artigos científicos e cada uma possui suas diretrizes e condições para abrigar os textos de milhares de autores pelo Brasil. Uma das principais revistas na área dos Estudos da Tradução é a *Cadernos de Tradução*.

2.4.1 A revista *Cadernos de Tradução* e sua importância

A revista foi criada em 1997 por professores da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Considerada uma publicação de periodicidade, vinculada ao Instituto de Letras da UFRGS, a revista publica trabalhos acadêmicos submetidos por todo o país. Possui o foco em conteúdos como: "artigos inéditos, artigos traduzidos relacionados aos Estudos da Tradução, resenhas de livros relativos à tradução (análise, teoria, história), resenhas de obras traduzidas e entrevistas com tradutores, professores e autoridades da área dos Estudos da Tradução." ⁶

São disponibilizados aos autores, no site, as diretrizes necessárias para a publicação como o tipo de fonte que deve ser utilizada, espaçamento, o tamanho do recuo, entre outros pontos técnicos. Além disso, a revista apresenta uma declaração de conteúdo para que o autor assine ao submeter o seu artigo, alegando que não há plágios e que se responsabiliza pelo conteúdo do texto.

No site a revista indica seu público-alvo como majoritariamente por alunos e professores de graduação, assim como editores, tradutores, escritores e pesquisadores da área de tradução, sendo eles brasileiros ou estrangeiros. Apesar de não se responsabilizar pelo conteúdo emitido pelos autores, a revista possui uma equipe que avalia se o texto submetido está de acordo com as especificações disponíveis no site, além de avaliar se o texto é pertinente para a revista.

As publicações são exclusivamente online e não são cobradas taxas pela revista para submissão dos textos. A revista *Cadernos de Tradução*, é um periódico de qualidade A1 pelo CNPq (Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico)⁷, a única na área dos Estudos da Tradução, demonstrando sua importância para a academia.

⁶ Foco e Escopo. *Cadernos de Tradução*. (Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/traducao/about>)

⁷ Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico. Disponível em: https://pt.wikipedia.org/wiki/Conselho_Nacional_de_Developmento_Cient%C3%ADfico_e_Tecnol%C3%B3gico

CAPÍTULO 3 - METODOLOGIA E DISCUSSÃO DA TRADUÇÃO

Neste capítulo 3, é abordada a metodologia utilizada para a tradução do texto "*Gender Studies and Gender Translations: Entre Braguettes - connecting the transdisciplines*" (2016). A tabela de Nord (2012) é aplicada no preenchimento das informações base para a tradução. Foram considerados alguns pontos importantes como: o tipo de texto, o papel da tradutora na atividade tradutória e a finalidade proposta pelas autoras. Após a identificação desses elementos, é descrito como foi o processo com base na tradução comentada, apontando exemplos de termos específicos que demandam maior atenção, com foco na função social do texto original. O modelo de diretrizes da *Cadernos de Tradução* foi usado para a revisão e futura publicação da tradução.

3.1 O modelo funcionalista e a publicação acadêmica

A base teórica do meu projeto de tradução é uma relação entre o processo de escrita de um artigo científico, que visa passar de forma lógica um conhecimento, com a ideia funcionalista descrita por Nord (2006) sobre a tradução como meio de interação social. Por isso, a minha tradução tinha um propósito comunicativo: mostrar o conteúdo do texto para uma futura publicação acadêmica.

O conteúdo, por ser da área de tradução, tinha como objetivo alcançar um público que estivesse interessado nesse tipo de publicação, então procurei uma revista que tivesse esse escopo. Para a publicação de "*Gender Studies and Gender Translations: Entre Braguettes - connecting the transdisciplines*" (2016), então, escolhi seguir o modelo da revista *Cadernos de Tradução*. Essa escolha foi possibilitada ao responder o modelo proposto por Nord (2012), apresentado na Figura 2 a seguir, indicando quais os elementos intratextuais e extratextuais do texto traduzido.

Figura 2 - Elementos intratextuais e extratextuais

	PERFIL DO TEXTO BASE	TRANSFERENCIA	PERFIL DO TEXTO META
	A. FATORES EXTRALINGUISTICOS		
EMISSOR			
INTENÇÃO			
RECEPTOR			
MEIO			
LUGAR			
TEMPO			
MOTIVO			
FUNÇÃO			
	B. FATORES INTRALINGUISTICOS		
TEMA			
CONTEUDO			
PRESSUPOSIÇÕES			
COMPOSIÇÃO			
ELEMENTOS NÃO VERBAIS			
LEXICO			
SINTAXE			
SUPRASEGMENTAIS			
	C. EFEITO COMUNICATIVO		
EFEITO			

Fonte: (NORD, 2012, p. 154)

O modelo proposto por Nord (2012) cria uma tabela de pesquisa para o processo pré-tradutório, ou pré-translativo, como ela mesma denomina. Para o meu texto, foram identificadas as autoras Flotow e Scott como as emissoras, com a intenção de divulgar um conteúdo sobre as intersecções dos Estudos da Tradução e dos Estudos de Gênero. Identificando os elementos principais, era necessário entender um pouco mais do gênero textual do texto original, e então, entender sua função social.

Observando a Tabela 2 abaixo, eu apresento os elementos principais que analisei do texto traduzido em acordo com a tabela que Nord (2012) propõe como base para traçar o projeto tradutório. Preenchendo os campos que julguei como essenciais como o emissor, a intenção, o receptor, entre outros, baseei a minha tradução e a resolução de alguns problemas no processo nas informações colocadas na tabela por mim.

Emissor	Luise Von Flotow / Joan W. Scott
Intenção (original)	Divulgar um estudo científico sobre as intersecções dos Estudos de Gênero e Estudos da Tradução; Discussão sobre o papel da tradução como formadora de opinião; Movimentos Feministas no questionamento da linguagem exclusiva de grupos minoritários;
Receptor	Comunidade Acadêmica
Tempo	2016
Lugar/Meio	Revista <i>Border Crossing</i>
Intenção (minha tradução)	Traduzir pela primeira vez o artigo em português; Divulgar um estudo científico sobre as intersecções dos Estudos de Gênero e Estudos da Tradução; Discussão sobre o papel da tradução como formadora de opinião; Movimentos Feministas no questionamento da linguagem exclusiva de grupos minoritários;
Lugar/Meio (Tradução)	Publicação acadêmica pela revista <i>Cadernos de Tradução</i>

(Tabela 2 - Tabela feita por Wictória Pinheiro com base no modelo de Nord (2012) de análise dos elementos textuais para tradução)

Maurício Gomes, autor de *"Artigos Científicos: Como redigir, publicar e avaliar"* (2011), descreve o processo para a escrita de um artigo científico em português brasileiro utilizando um método, que ele identifica como um "caminho" para se chegar a um fim. (GOMES, p. 136. 2011). No texto original, o texto se divide em três grandes blocos, sendo ele a introdução ou prefácio, um segundo capítulo de desenvolvimento e um terceiro capítulo que conclui a discussão sobre os Estudos de Gênero e os Estudos da Tradução. Observa-se na estruturação dos capítulos o uso de subtópicos que pontuam diferentes momentos das falas de Flotow e Scott. O terceiro capítulo aponta diretamente, por meio do título, cada principal ponto da fala de Scott do segundo capítulo, explicando como esse estudo de caso é aplicado à teoria da tradução.

Apresentado por Gomes (2011), a redação do artigo precisa ter uma lógica, ou seja, "ter um começo, um meio e um fim" (GOMES, p. 71, 2011). Ou seja, o texto precisa cumprir o seu

propósito que é passar aquele conhecimento que foi estudado. No caso do texto, as autoras buscam mostrar um paralelo entre uma série de movimentos como o feminista e o movimento *Queer* que buscavam a emancipação social da linguagem patriarcal e como isso impacta na visão social desses grupos subjugados e dominados por uma minoria, especialmente formada por homens (SCOTT, 2016).

3.1.1 As diretrizes da revista *Cadernos de Tradução* no artigo

Após identificar o objetivo comunicativo e o gênero textual de de *Gender Studies and Gender Translations: Entre Braguette - connecting the transdisciplines*. (2016), utilizei os parâmetros da *Cadernos de Tradução* na revisão da estrutura do artigo traduzido, com a finalidade de uma futura publicação acadêmica. Para a revista, o público é:

É majoritariamente formado por alunos de graduação e pós-graduação, professores, editores, tradutores, escritores e pesquisadores da área de tradução e áreas afins, estrangeiros e brasileiros. Informamos que a revista recebe trabalhos em fluxo contínuo para suas edições. (*Cadernos de Tradução*, 2022)

Baseada na função comunicativa de Nord e levando em consideração o modelo de artigo científico de Gomes em *"Artigos Científicos: Como redigir, publicar e avaliar"* (2011), a proposta da tradução era se manter de acordo com o que a revista pedia, respeitando as *Diretrizes para Autores*⁸. No site, para a submissão que uma publicação acadêmica, é necessário que seja feita uma avaliação por um editor-chefe⁹, editores assistentes e revisores do texto traduzido. O conteúdo deve ser original, sem plágios e com as devidas citações.

A tradução foi revisada para que constasse todas as normas de publicação que são apresentadas pela revista no site. São alguns exemplos das exigências:

- 1) ser inéditos;
- 2) apresentar título na língua do artigo e em inglês (obrigatoriamente);

⁸ Submissões. *Diretrizes para Autores*. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/traducao/about>

⁹ Informações em *Cadernos de Tradução*. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/traducao/about>

3) a primeira lauda deve iniciar com o título em português (ou na língua estrangeira do texto, caso o artigo seja todo escrito em língua estrangeira);

4) o cabeçalho deve ser seguido pelo resumo do artigo, expressando de forma clara, a ideia do trabalho. Apresentar um resumo de até 300 palavras, na língua do artigo (alemão, espanhol, francês, italiano ou português) e em seguida o título em inglês e respectivo resumo-abstract. É obrigatório o resumo em inglês;

5) o artigo deverá conter até 7.000 palavras ou de 2.000 a 4.000 para resenhas e resenhas de tradução, excetuando-se as referências bibliográficas

6) Os textos deverão ser digitados com a seguinte configuração: espaçamento simples (1,0), corpo 12, tipo Times News Roman, margens 2,54 cm em todos os lados, a primeira linha do parágrafo deve ter recuo de 1,5 cm, em documento word.¹⁰

O modelo apresentado pela revista no site mostra como devem constar as referências, assim como que não devem estar no trabalho obras que não foram utilizadas, como devem estar nas referências os trabalhos citados, entre outros. Para publicações de traduções, o título do artigo deve estar na língua original e no português. Para *Gender Studies and Gender Translations: Entre Braguette - connecting the transdisciplines*. (2016), minha proposta ficou:

Os Estudos de Gênero e o estudo da Tradução - "Entre braguette" - conectando transdisciplinas (2022)

Gender Studies and Gender Translations: Entre Braguette - connecting the transdisciplines (2016)

Outro ponto são as citações diretas que devem apresentar o nome do autor em caps lock, assim como o ano e página da publicação, como no exemplo abaixo:

¹⁰ Submissões. *Diretrizes para Autores*. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/traducao/about>

"'natureza sexual' ou 'uma eroticidade natural' é produzida e estabelecida como um pré-discurso, anterior a uma superfície político-cultural neutra, na qual a cultura age". (1990. P. 7)."

3.2 O processo de tradução comentada

3.2.1 SMARTCAT

O SMARTCAT, inicialmente criado como uma *CAT tool* (uma ferramenta de tradução assistida), o site abriga uma série de glossários e textos técnicos. Atualmente, o site conecta clientes e profissionais da tradução, assim como auxilia estudantes no mundo inteiro na tradução de trabalhos como artigos científicos. De acordo com o site Wikipédia¹¹ (uma enciclopédia colaborativa na internet), o site é:

uma ferramenta de tradução baseada em nuvem que reuni e conecta tradutores, contratantes e agências de tradução do mundo todo em um único lugar: "tradução conectada" com período de entrega. A plataforma se posiciona como uma plataforma de tradução *al-in-one* (tudo em um), combinando CAT, TMS e outras tecnologias da tradução. (2022)

Ou seja, é uma ferramenta que mantém tradutores conectados pelo mundo, com uma série *tools*¹², como a tradução mecânica por meio de termos repetidos, dividindo o texto em pequenas partes, chamadas de "entradas", o que facilita a visualização do texto por parte do tradutor, além de facilitar os comentários durante a tradução.

Essa plataforma foi escolhida na tradução de *Gender Studies and Gender Translations: Entre Braguettes - connecting the transdisciplines*. (2016) porque dinamiza o processo. Como o artigo era dividido em três grandes partes e escrito por duas autoras, no processo de tradução foi preciso dividir o artigo em partes menores ainda, para focar melhor nos termos específicos.

¹¹ SMARTCAT - Wikipédia (Disponível em: <https://pt.wikipedia.org/wiki/Smartcat>)

¹² *Tools*: sth that is useful in helping you achieve sth or do a job (Cambridge Dictionary. Disponível em: <https://dictionary.cambridge.org/pt/dicionario/ingles-portugues/tool?q=tools>)

O texto foi inserido na plataforma e a visualização é feita por meio de uma tabela, onde há duas colunas: uma para o texto original em inglês e outra a ser preenchida no decorrer da tradução. Como é possível observar na Quadro 1 abaixo, o site ainda apresenta uma terceira coluna que demarca quando foi utilizada a tradução automática ou quando foi inserida manualmente a tradução.

Quadro 1

390	Such research, combining gender studies and translation studies explores what happens when “universal categories are grounded in local usages	Tal pesquisa, que combina estudos de gênero e estudos de tradução, explora o que acontece quando "as categorias universais se baseiam em usos locais e	Tradução (MT)
-----	---	--	---------------

O site apresenta a quantidade de entradas que o texto utiliza, divididos em sua maioria pelos parágrafos que o texto original apresenta. Há também siglas como MT para "*Memories of Translation*" (Memórias de Tradução) que indicam ao tradutor uma tradução automática e, "T" ou "*Translation*" se aquele pequeno trecho foi traduzido manualmente.

No trecho do Quadro 1, foi utilizada a *Memória de Tradução*, uma ferramenta dentro da plataforma que traduzia o trecho conforme a quantidade de vezes que aquelas apareceram e como elas foram traduzidas. Esse tipo de tradução utiliza milhares de documentos e entradas que estão disponíveis no banco de dados do site para verificar a recorrência de cada termo e traduzi-lo da melhor forma possível.

Na tradução de *Gender Studies and Gender Translations: Entre Braguettes - connecting the transdisciplines*. (2016), foi muito importante que boas partes das entradas, ou seja, dos trechos fossem editadas pela tradutora. Para mim, alguns momentos a tradução automática deixava o texto robotizado e de péssima leitura, levando em consideração que minha proposta de tradução era deixar o texto mais confortável para o leitor, apesar da estrutura mais "rígida" de um artigo científico.

É possível observar no Quadro 2 um exemplo da minha necessidade de editar o texto e dessa flexibilidade do SMARTCAT. A entrada de número 100, dava início a explicação de Joan W. Scott sobre o título do artigo e como isso influencia a discussão, em uma Conferência Internacional, sobre o termo "gênero" e o seu impacto na sociedade. Comparando trechos em que houve a tradução automática e a tradução feita por mim, no trecho 101 ao por meio da MT a plataforma usou "ou seja, à mosca de um homem.". Essa frase era a tradução para "men's fly"" o que se refere, na verdade, sobre o zíper da calça, explicado no mesmo trecho. A tradução automática não satisfez o que a autora realmente quis dizer, então, foi necessário que eu fizesse a revisão do trecho.

Quadro 2

100	As a result, the phrase – “entre braguette” – which sounded entirely French and could mean something in that language, elicited roars of laughter from French speakers in the room.	Como resultado, a frase - "entre braguette"- que soa totalmente francesa e, que poderia significar algo na língua, causou uma onda de risos entre os francófonos na sala.	Tra duç ão
101	“Braguette” in French refers to “the vertical opening at the front of trousers,” that is to a man’s fly.	"Braguette "em francês refere-se à "abertura vertical na parte da frente das calças", ou seja, à mosca de um homem.	Tra duç ão (M T)
102	But “entre braguette” is not a formulation that would be typically used in ordinary conversation.	Porém, "entre braguette" não é uma composição que é tipicamente utilizada em uma conversa cotidiana.	Tra duç ão
103	The “between” can really only refer to being caught in a zipper (buttons are more forgiving) and	Esse "entre" pode simplesmente se referir a ficar preso em um zíper (botões são mais indulgentes) e, também,	Tra duç ão

	so conjures the nightmare of injury or castration.	representa o pesadelo de uma lesão ou castração.	
--	---	---	--

Posteriormente, como era uma explicação importante para o entendimento do leitor do que se tratava o título do texto, preferi utilizar a minha própria tradução, levando em consideração o equívoco anterior da tradução automática. Já em outras entradas, a ferramenta de MT foi muito pertinente para que eu ganhasse tempo.

O artigo científico como uma produção técnica e de publicação para revistas importantes, contém uma ficha técnica prévia que indica qual o ano de sua publicação, algumas informações de proteção contra a cópia não autorizada, entre outras. O texto original foi publicado pela revista *Border Crossing: Translation Studies and other Disciplines* em 2016 e possuía a proteção dos direitos tanto da revista quanto das autoras que estavam publicando sua pesquisa e idéias.

O Quadro 3, abaixo, mostra que as informações mais técnicas foram traduzidas pela MT e seguiram uma linguagem mais direta, não precisando ter qualquer interferência minha como tradutora. Observa-se que a ferramenta deixou de forma clara para o leitor o que o texto original dizia, sem a necessidade de editar para melhorar a linguagem.

Quadro 3

7	This electronic file may not be altered in any way.	Este arquivo eletrônico não pode ser alterado de forma alguma.	Tra duç ão (M T)
8	The author(s) of this article is/are permitted to use this PDF file to generate printed copies to be used by way of offprints, for their personal use only.	O(S) autor (es) deste artigo é/são autorizados a usar este arquivo PDF para gerar cópias impressas a serem usadas por	Tra duç ão (M T)

		meio de offprints, apenas para seu uso pessoal.	
9	Permission is granted by the publishers to post this file on a closed server which is accessible to members (students and staff) only of the author's/s' institute, it is not permitted to post this PDF on the open internet.	A autorização é concedida pelos editores para postar este arquivo em um servidor fechado que é acessível aos membros (estudantes e funcionários) apenas do Instituto do autor/s, não é permitido postar este PDF na internet aberta.	Tra duç ão (M T)
1 0	For any other use of this material prior written permission should be obtained from the publishers or through the Copyright Clearance Center (for USA: www.copyright.com).	Para qualquer outra utilização deste material, a autorização prévia por escrito deve ser obtida junto dos editores ou através do centro de autorização de direitos de Autor (para os EUA): www.copyright.com .	Tra duç ão (M T)

3.2.2 Os comentários no SMARTCAT e em tabela espelhada

Como foi utilizada uma ferramenta online para a tradução, os comentários pertinentes para alguns termos eram adicionados à medida que as dúvidas apareciam. No próprio programa há uma pequena aba para adicionar "observações" a entrada que está sendo traduzida, porém não há muito espaço para pontuar sobre o assunto de maneira mais aprofundada. Por isso, escolhi um modelo de tabela espelhada para os trechos que necessitam uma maior atenção, como foi demonstrado no ponto 2.2.1 deste trabalho.

No exemplo da Tabela 3, um termo citado com mais profundidade no próximo tópico, demonstro como eram dispostos os meus comentários e como isso me ajudou escolher qual seria o melhor caminho na minha tradução.

TEXTO ORIGINAL	TEXTO TRADUZIDO	COMENTÁRIOS
<p>In her telling, gender was an engagement with normative regulation rather than the product of it; “drag” was emblematic of this process, the epitome of gender rather than its perverse manifestation.</p>	<p>Em sua narrativa, gênero era um compromisso com uma regulação normativa, ao invés de um próprio produto dele mesmo. "Drag" foi um termo emblemático desse processo, um resumo do gênero, ao invés de uma manifestação perversa.</p>	<ul style="list-style-type: none"> ● Pesquisar Drag; ● “aproximam-se dos crossdressers pela funcionalidade do que fazem, e não das travestis e dos homens e mulheres transexuais pela identidade.” (GUEDES, 2012, p. 28) ● Seria Transformismo? ● Se há tradução, devo usá-la?

(Tabela 3 - trecho 1 de drag "*Gender Studies and Gender Translations: Entre Braguettes - connecting the transdisciplines*")

Feita em um arquivo de Microsoft Word, a tabela era preenchida à medida que acontecia a tradução, os comentários eram definições, questionamentos e até mesmo comandos, para me direcionar tanto na tradução, quanto na revisão do texto posteriormente. Esse modelo é muito utilizado e me auxiliou a entender melhor a minha atividade tradutória, assim como a atingir meu objetivo de observar o uso da linguagem e traduzir mais focada em uma publicação acadêmica.

3.3 A função social do texto traduzido

No texto, é recorrente a abordagem de assuntos como gênero, sexo e outros termos da comunidade LGBTQA+ por Flotow e Scott. De acordo com Luise Von Flotow, em seu texto "*Le féminisme en traduction*"¹³ (1998), "a tradução, como qualquer atividade criadora, é marcada e

¹³ "Le féminisme en traduction", FLOTOW, Luise Von. *Palimpsestes* [on-line], 11| 1998, :<http://journals.openedition.org/palimpsestes/1535>; DOI: <https://doi.org/10.4000/palimpsestes.1535>.

determinada por movimentos sociais, bem como pela política de seu tempo." (FLOTOW, 1998, p. 1. *Apud* TAUFER et al, 2022, p. 62)¹⁴ Assim, o movimento feminista tem um papel de destaque na luta para emancipação de minorias do controle social e tem grande impacto nas traduções produzidas, nesse caso, para meio acadêmico.

Com base na função social do texto escrito por Flotow e Scott, foi necessário entender alguns termos específicos da área dos Estudos de Gênero para atingir a finalidade que a tradução buscava. Para Flotow (1998, p 69) a subjetividade é um dos pontos que a tradução feminista se debruça nas tomadas de decisão da tradutora, mostrando por meio do seu trabalho a sua identidade e isso influencia o texto por ela produzido.

No caso de *Gender Studies and Gender Translations: Entre Braguette - connecting the transdisciplines*. (2016), apesar de escolher uma revista de tradução que possui normas e diretrizes com estrutura mais "rígida" para a publicação acadêmica, é possível verificar que algumas escolhas de tradução, como nos exemplos abaixo, possuem o cunho político-social que o texto original tem. Assim, é mantida a função social de propagar o conhecimento dos Estudos de Gênero aliado aos Estudos da Tradução e, como isso fomenta o debate pela mudança de uma linguagem enraizada em crenças preconceituosas.

3.3.1 Termos específicos

- **DRAG**

O primeiro exemplo apresentado abaixo, no Quadro 4, é um termo muito utilizado dentro da comunidade LGBTQA+¹⁵. Essa sigla representa um grupo social formado por lésbicas, gays, bissexuais, transgênero, queer, assexuais e o "+" incluindo todas as outras identidades de gênero e orientações sexuais que não se encaixam no padrão cis-heteronormativo.

No inglês, no dicionário *Dictionary*, a palavra *drag* possui vários significados como arrastar, ou um movimento de puxar, porém como substantivo, significa uma pessoa que se veste tipicamente associada a um sexo, geralmente o feminino, porém se identifica com o sexo oposto:

¹⁴ Tradução autorizada. TAUFER, Gilmar José; REUILLARD, Patrícia. **O feminismo na tradução**. Cadernos de Tradução, nº 47, Porto Alegre. 2022. P. 62-76.

¹⁵ **Significado de LGBTQA+**. Fundo Brasil. Website (Disponível em: <https://www.fundobrasil.org.br/blog/o-que-significa-a-sigla-lgbtqia/>)

*clothing, makeup, and accessories typically associated with one sex when worn by a person of a different sex*¹⁶

Na entrada de número 140, como é possível observar no quadro 4 abaixo, o termo *Drag* permaneceu em português na mesma forma do inglês. Essa escolha foi feita porque o termo possui um cunho histórico dentro da comunidade gay e do show performático. Para isso, fiz uma pesquisa do que se trata, em português, fazer *drag* ou ser uma *drag queen* (ou *king*)¹⁷.

Quadro 4

1 4 0	In her telling, gender was an engagement with normative regulation rather than the product of it; "drag" was emblematic of this process, the epitome of gender rather than its perverse manifestation.	Em sua narrativa, gênero era um compromisso com uma regulação normativa, ao invés de um próprio produto dele mesmo. "Drag" foi um termo emblemático desse processo, um resumo do gênero, ao invés de uma manifestação perversa.
-------------	---	--

De acordo com o guia técnico "*Orientações Sobre Identidade de Gênero: Conceitos e Termos*",¹⁸ escrito por Jaqueline Guedes, em 2012, a atividade de Drag Queen ou King consiste em "artista que se veste, de maneira estereotipada, conforme o gênero masculino ou feminino, para fins artísticos ou de entretenimento." (GUEDES, 2012, p. 27) Essa prática é muito comum em ambientes como boates voltadas ao público LGBTQA+, programas de televisão que promovem concursos da melhor performance e concursos de beleza para a categoria *Drag*.

¹⁶ Drag. Dictionary. Website (Disponível em: <https://www.dictionary.com/browse/drag>)

¹⁷ Drag Queen: História e perspectiva de quem vive a arte. UNESP. (Disponível em: <https://www.faac.unesp.br/#!/noticia/2051/drag-queen-historia-e-perspectiva-de-quem-vive-a-arte>)

¹⁸ Orientações sobre identidade de gênero : conceitos e termos. Jesus, Jaqueline Gomes de. 2012 2ª Edição

Apesar de uma prática que vem se tornando popular desde dos anos 90, o ato de se transformar em *drag* já foi muito subjugado e alvo de preconceito por conservadores. Ser ou fazer *drag* era visto como algo ruim, por estar ligada principalmente ao público homossexual, com destaque aos anos 80 em que houve o surgimento da AIDS, uma doença horrível atrelada ao público gay de forma preconceituosa.

Em relação ao gênero, objeto de discussão do texto traduzido e analisado pelo guia prático de Guedes (2012), a autora afirma que o termo *drag* não possuiria uma ligação direta com o gênero e sim “aproximam-se dos crossdressers pela funcionalidade do que fazem, e não das travestis e dos homens e mulheres transexuais pela identidade.” (GUEDES, 2012, p. 28)

Para a tradução eu permaneci com a palavra em sua forma original no português. No Brasil, a prática *drag* também era conhecida como transformismo. De acordo com o dicionário online *DICIO*, transformismo é a "Arte do ator transformista".¹⁹, ou seja, exatamente ligado à atividade performática do artista. Apesar de toda a história de desenvolvimento da prática no Brasil da arte em si e da possibilidade de tradução para o transformismo, como tradutora, interpretei que a autora não estava se referindo apenas a atividade *drag*, mas também a toda a história da comunidade LGBTQA+ que o termo carrega consigo.

- **QUEER**

Apesar de estar dentro da sigla LGBTQA+, no contexto em que foi apresentada no texto, a expressão *Queer* pode ter significados diferentes. De acordo com o dicionário online *Cambridge Dictionary*, a palavra *Queer* tem por definição:

(especially of a man) gay
strange, unusual, or not expected²⁰

Um ponto importante a se destacar quando feita essa pesquisa de uma definição, no site do dicionário está descrito que por vezes o termo *queer*, quando se refere ao um homem gay pode ser usado de forma pejorativa. Logo abaixo do significado, o site inclui uma nota dizendo "This word can be used as an insult but people sometimes use it in a way that is not offensive, especially to describe themselves." Ou seja, em um contexto maior, uma pessoa que se identifica

¹⁹ **Transformismo.** DICIO. (Disponível em: <https://www.dicio.com.br/transformismo/>)

²⁰ **Queer.** CAMBRIDGE DICTIONARY. Dicionário Online de inglês. (Disponível em: <https://dictionary.cambridge.org/ingles-portugues/queer>)

como heterossexual pode utilizar a denominação como uma forma de propagação do seu preconceito contra pessoas que tem afeição pelo mesmo sexo.

Além disso, uma segunda definição para o termo é aquilo que é "estranho". Isso se deve ao uso da palavra *queer* para identificar pessoas que não se identificam com os padrões ditados como os "normais" por uma sociedade preconceituosa: ser hétero (entende-se por ter afeição pelo sexo oposto) e cisgênero (pessoas que se identificam com o gênero que foi determinado ao nascimento)²¹.

Pensando no contexto do artigo traduzido, as autoras colocam em discussão o que é gênero e visam mostrar que há traduções que excluíam grupos sociais marginalizados. Destacando-se como uma palavra (*Queer*) pode agregar historicidade ao texto e por meio de pesquisas, manteve a palavra em sua língua original.

Na entrada de número 120 do programa SMARTCAT, apresentada no Quadro 5 abaixo, foi mantido o *queer*, também colocado entre aspas pelo assunto do parágrafo ser o termo em si e foi retirado o travessão. O período foi dividido em duas perguntas para uma melhor fluidez na leitura.

Quadro 5

1 1 9	Was it “gender studies,” “theories of gender,” “social constructions of sex,” or a way of analyzing relations of domination based on sex?	Seriam os "estudos de gênero", "teorias gênero" e "construções sociais do sexo", ou uma forma de analisar as relações de dominação baseada no sexo?
1 2 0	And what about “queer” – was it a version of gender theory or antithetical to it?	E que tal o termo “queer”? Seria uma versão da teoria gênero ou uma antítese?

Na entrada de número 120 do programa SMARTCAT, apresentada no Quadro 5 acima, foi mantido o *queer*, também colocado entre aspas pelo assunto do parágrafo ser o termo em si e foi

²¹ Cisgênero (2012, p. 24) **Orientações sobre identidade de gênero : conceitos e termos.** Jesus, Jaqueline Gomes de.

retirado o travessão. O período foi dividido em duas perguntas para uma melhor fluidez na leitura.

Outro exemplo encontrado da palavra *queer* encontra-se abaixo no Quadro 6, em que foi colocado em letra maiúscula e em itálico. Apesar do artigo científico ser um texto com uma estrutura mais padronizada, os dois termos possuem um significado diferente, apesar de estarem no mesmo universo LGBTQA+.

Quadro 6

6 1	And Serena Bassi (2014) explores the changes a queer character undergoes in translation from Italian to English when American “homonormativity” is imposed as the interpretation of queer.	E Serena Bassi (2014) explora as mudanças que um personagem <i>Queer</i> passa na tradução do italiano para o inglês quando a heteronormatividade era imposta sobre a interpretação do que era queer.
--------	---	--

Em “*Orientações Sobre Identidade de Gênero: Conceitos e Termos*” (2012), *Queer* é identificado por um "termo não consensual com o qual se denomina a pessoa que não se enquadra em nenhuma identidade ou expressão de gênero."(JESUS, 2012, p.28).

Por fim, no texto original o termo não foi destacado pela autora, porém na tradução é necessário deixar claro que este termo não é de origem do português brasileiro. É usado como adjetivo, referindo-se a comunidade gay, também denominada de comunidade *Queer*, grupo social que o personagem pertence.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O trabalho desenvolvido apresentou uma proposta de tradução em português brasileiro para o texto "*Gender Studies and Gender Translations: Entre Braguettes - connecting the transdisciplines*. (2016), escrito por Luise Von Flotow e Joan W. Scott. Dividido em três momentos, o texto abordou os Estudos de Gênero e os Estudos da Tradução em uma discussão sobre uma interdisciplinaridade em prol do progresso social.

Após uma breve disposição sobre as autoras e sobre a obra a ser traduzida, foram apresentadas as considerações teóricas pertinentes. Em um primeiro momento, é pontuada a teoria funcionalista Nordiana, que aponta a tradução como uma atividade de interação social e de comunicação entre duas culturas. Posteriormente, a tradução comentada, uma metodologia utilizada pelo tradutor em que durante todo o processo de tradução são feitas anotações e comentários sobre pontos importantes. Por fim, a tradução feminista fundamentando a pertinência para a sociedade acadêmica do conteúdo do texto traduzido.

Levando em consideração a figura do tradutor como agente comunicativo por Nord (2006), o trabalho apresentou em seu terceiro capítulo os comentários sobre a tradução do texto. Com o olhar sobre o artigo científico e de uma futura publicação acadêmica pela revista *Cadernos de Tradução*, desenvolvi minha tradução com base em minha bagagem cultural, acadêmica e pontuando, ao final da discussão, termos específicos que precisam de maior atenção durante o projeto de tradução. Para um melhor aproveitamento do texto e para dinamizar o processo, foi utilizada uma ferramenta de tradução assistida e, com isso, feitas várias correções durante a atividade.

O enfoque do trabalho era apresentar uma tradução respeitando uma estrutura acadêmica e que proporcionasse ao público-alvo o máximo de conteúdo possível do texto original. Considero que o objetivo foi parcialmente alcançado, levando em consideração que a tradução é uma atividade que deve ser constantemente revisada.

REFERÊNCIAS

ARAÚJO, C. et al. **Estudos da Tradução & mulheres negras à luz do feminismo**. *Revista Ártemis*, (2009)

ARROJO, Rosemary. (org.). **O signo desconstruído: implicações para a tradução, a leitura e o ensino**. Campinas: Pontes, 2003.

BASSNETT, S. **Estudos de tradução : Fundamentos de uma disciplina**. Tradução de Vivina de Campos Figueiredo. Lisboa: Fundação Calouste 2003.

BUENO, Guilherme. **Drag Queen: História e Perspectiva de quem vive a arte**. UNESP. Website. Publicado em: 15/06/2021 e com acesso em 19/09/2022 (Disponível: <https://www.faac.unesp.br/#!/noticia/2051/drag-queen-historia-e-perspectiva-de-que-m-vive-a-arte>)

CAMBRIDGE DICTIONARY. Dicionário Online de inglês. (Disponível em: <https://dictionary.cambridge.org/pt/>)

DÉPECHE, Marie-france. **A Tradução Feminista: Teorias e Práticas Subversivas**. TEXTOS DE HISTÓRIA. Volume 8, número 1/2, p. 157- 188. 2000

DICIO. Dicionário Online de Português. (Disponível em: <https://www.dicio.com.br>)

FLOTOW, Luise Von. SCOTT, Joan W. **"Gender Studies and Gender Translations: Entre Braguettes - connecting the transdisciplines"**. Border Crossings. Translation Studies and other disciplines. 2016. John Benjamins Publishing Company.

FLOTOW, Luise Von. **Le féminisme en traduction**, *Palimpsestes*, 11 | 1998, 117-133.

_____. (1997). *Translation and Gender: Translating in the "Era of Feminism"*. University of Ottawa Press, 1997.

JESUS, Jaqueline Gomes de. **Orientações sobre identidade de gênero : conceitos e termos**. 2012 2ª Edição

NORD, Christiane. **Text analysis in Translation: theory, methodology and didactic application of a model of translation-oriented text analysis**. Tradução de Christiane Nord e Penelope Sparrow. Amsterdam; Atlanta: Rodopi, 1991.

_____. **Translating as a purposeful activity: a prospective approach**. TEFLIN JOURNAL. Volume 17, número 2. 2006

_____. **Traduciendo funciones.** In: HURTADO ALBIR, A. (ed.): *Estudios sobre la traducción.* Castelló: Publicacions de la Universitat Jaume I, 1994. 97- 112.

_____. **Texto base-texto meta. Un modelo funcional de análisis pre-traslativo.** Tradução e adaptação de Cristiane Nord. Castelló de la Plana: Publicacions de la Universitat Jaume I, Espanha, 2012.

PEREIRA, Maurício Gomes. **Artigos Científicos: Como redigir, publicar e avaliar.** Rio de Janeiro: Guanabara Koogan. 2011

PONTES, Valdecy de Oliveira; PEREIRA, Lyvia Lea de Oliveira. — **A tradução a partir do modelo funcionalista de Christiane Nord: perspectivas para o ensino de línguas estrangeiras.** *TradTerm*, São Paulo, v. 28, Dezembro/2016, p. 338-363 — www.usp.br/tradterm

RASSIER, Luciana; BLUME, Rosvitha. **Entrevista com Luise Von Flotow.** Cadernos de Tradução. 2011 (p. 251-273)

REISS, K.; VERMEER, H.J. **Fundamentos para una teoría funcional de la traducción.** Tradução de Sandra García Reina e Celia Martín de León. Madrid: Ediciones Akal, 1996. 206 p.
SIMON, S. **Gender in Translation.** Routledge 2005.

SCOTT, Joan Wallach (1989). **"Gender: A Useful Category of Historical Analysis"**. New York, Columbia University Press. 1989.

SCOTT, Joan. **Gênero: uma categoria útil de análise histórica.** 1995.

TAUFER, Gilmar José; REUILLARD, Patrícia. **O feminismo na tradução.** Cadernos de Tradução, nº 47, Porto Alegre. 2022. P. 62-76.

WAQUIL, Marina Leivas. **Tradução feminista e o poder de tirar vozes do confinamento.** *Revista Belas Infieis*, Brasília, v. 10, n. 3, p. 01-22, 2021. e-ISSN: 2316-6614. DOI: <https://doi.org/10.26512/belasinfieis.v10.n3.2021.33133>

ZAVAGLIA, Adriana; RENARD, Carla M. C; JANCZUR, Christine. **A tradução comentada em contexto acadêmico: reflexões iniciais e exemplos de um gênero textual em construção.** *Aletria - Revista de Estudos de Literatura*, v. 25, n. 2, p. 331-352, 2015

ANEXOS

ANEXO I

O TEXTO ORIGINAL "*Gender Studies and Gender Translations: Entre Braguette - connecting the transdisciplines*" (2016)

ANEXO II

O TEXTO TRADUZIDO "*Gender Studies and Gender Translations: Entre Braguette - connecting the transdisciplines*" (2016)

Os Estudos de Gênero e o estudo da Tradução - "Entre braguette" - conectando transdisciplinas

ANEXO III

TABELA ESPELHADA - SMARTCAT (TEXTO ORIGINAL E TRADUÇÃO)

**O FUNCIONALISMO E A TRADUÇÃO COMENTADA:
UMA PROPOSTA TRADUTÓRIA FEMINISTA PARA O ARTIGO DE
LUISE VON FLOTOW E JOAN W. SCOTT**

WICTÓRIA JOHANNA CAMPOS PINHEIRO

APRESENTAÇÃO

Os textos que seguem fazem parte do meu trabalho, em que são apresentadas a versão original e traduzida do artigo *Gender Studies and Gender Translations: Entre Braguettes - connecting the transdisciplines*. (2016). No Anexo I apresenta um trecho do texto original de Luise Von Flotow e Joan W. Scott. O Anexo II é a tradução do trecho original, feita por mim Victória Pinheiro, e revisada com base nas diretrizes da revista *Cadernos de Tradução* para futura publicação acadêmica. Por fim, no Anexo III está a tabela espelhada da tradução retirada do programa de tradução assistida SMARTCAT.

ANEXO I

O TEXTO ORIGINAL "*Gender Studies and Gender Translations: Entre Braguette - connecting the transdisciplines*" (2016)

Gender studies and translation studies

“Entre braguette” – connecting the transdisciplines

Luise von Flotow and Joan W. Scott

University of Ottawa / Institute for Advanced Study, Princeton, New Jersey & Graduate Center of the City University of New York

Gender studies and translation studies are related in many different ways: both are trans-disciplinary fields that play roles in numerous other academic disciplines – in the social sciences, the humanities, in law and in medicine, as well as in commerce. Both raise questions about socio-cultural and political meaningfulness, and its control – whether in regard to sexual difference or textual difference –, and both operate across linguistic, cultural, geographical and national borders. This chapter explores the many ways the two disciplines connect, with Joan Scott’s essay on the translation issues around the English term “gender” in international forums serving as the stimulus for a broader discussion about how these two areas of study can be brought together.

Keywords: gender, sex, sexuality, sexual difference, psychoanalysis, “faithless translation”, UN Commission on the Status of Women, UN Conference Beijing 1995, International Criminal Court, feminist translation

1. Foreword (Luise von Flotow)

How does translation impact gender studies? and how can translation studies shed light on the translingual, transnational, and transcultural aspects of gender studies. In fact how can the juxtaposition and interweaving of these two fields work to expand the exploration of the interdisciplinary and international issues they touch? These are the questions that motivate this

collaborative effort to think about the connections between two important ‘transdisciplines’: translation studies on the one hand and gender studies on the other.

The two fields developed more or less in parallel over the last thirty years of the 20th century, and have played strong roles in bringing once “marginal” concerns – women and translation, to put it simply – into the purview of more traditional academic disciplines. While gender studies made enormous inroads into the humanities and social sciences as well as law, medicine and international affairs over the course of the 1980s and came to denote much more than women’s studies in the 1990s, translation studies has been coming into its own as an academic field in the current wave of globalization. Numerous publications, conferences, and academic programs in many different countries attest to its growing impetus, driven by the realization that monolingual cultures may be a thing of the past, and that our world has not only grown smaller but linguistically and culturally much more diverse, and also accessible.

Translation is everywhere after all, and always has been – in the ancient and in the more recent pasts. It is traceable in the spread of ideas, religions, influence, commercial exchanges, and increasingly today, in international organizations, treaties, and courts of law. Gender, or perhaps more appropriately, differences of sex and the social and political arrangements that seek to manage these differences, are everywhere as well, and have always been an important element in the structuring of human societies. Like translation, the concept of *gender*, developed by feminist thinkers in English in the 1970s to explain and address the socio-cultural and political aspects of human sexual difference has also entered the international realm: in human rights proclamations, in UN initiatives, and in the work of NGOs and many other national and international organisms besides being present in every academic field. The two transdisciplines are structurally similar – both with universal, international aspects but also with strong local systems and applications where the struggle over meaning and the power to determine meaning is a constant.

Over the course of the 1990s, translation studies scholars brought feminism, women’s studies and gender studies into their research, and numerous books and articles ensued. These publications circulated widely among translation studies academics and were also read in cultural and literary studies. Their influence in the field of gender studies has been visible where questions arose in bi- or multilingual *literary* studies. The influence of translation studies has been less evident in the social sciences, law and politics and in other areas where there is less awareness of multilingualism or of translation as a vehicle of influence and change. The purpose

of this text is to stimulate interest in further exploring and developing this contact zone, and to promote research where gender studies, in a wide range of academic disciplines, can fruitfully be approached from the perspective of translation.

Some work has already been done in this area, notably in a study of the travels, through translation, of the American feminist medical self-help book, *Our Bodies, Ourselves*. Kathy Davis (2007) examines the different routes this iconic health manual has taken to arrive in languages as diverse as Chinese, Arabic and Italian. She explores how the target *cultures* as much as the target languages have had an impact on controlling the information about women's health that is allowed to move into a local culture via translation. The study reflects on the linguistic and cultural challenges that face international or transnational feminisms, many of which do not become evident until translations are undertaken, and the problems arise. That is the moment when serious issues of understanding and censorship come up. But Davis' study also examines how the source text develops and changes as a result of its encounter with foreign cultures through translation; some of the homegrown information suddenly requires re-examination, development, and greater scope.

Similarly, the American and now increasingly international studies of the translations of Beauvoir's *Le deuxième sexe* (1949) – a key text for Second Wave feminism – have launched re-readings and revisions of Beauvoir reception, not only in English but also in languages such as Chinese, which had used the bowdlerized English version of 1953 as a source text. In deciding to sell Beauvoir's book as a sex manual, Knopf, the commissioner and publisher of the first English translation, insisted on extensive cuts and changes in the text, which led to significant misrepresentations of Beauvoir's thinking (Bogic 2011). The critical work on the English translations of Beauvoir, which began in the 1980s, has greatly added to scholarly understanding of what translation processes mean, what effects they can have, and how they can be manipulated by money, power, and ideology. Of course, these controversies have also revealed the importance of studying translations and understanding their outcome and their functions, especially but not only in an area as sensitive as gender studies.

Most recently, a special issue of the *Comparative Literature Studies* journal provides further examples of how questions of translation and gender can fruitfully be brought together. Pierre Zoberman (2014) examines the meaning of the word "homme" [man] and other supposedly gender neutral terms in French moralist texts from the 17th century, and asks how

they might be translated into English today: should they be rendered “germane” to the concerns of readers today, or should they remain as non-neutral and slippery as they are in the source texts? Sergey Tyulenev (2014) considers the role played by translation in westernizing Russian verbal arts in the 18th and early 19th centuries, in particular when sexuality was introduced as a literary theme. And Serena Bassi (2014) explores the changes a queer character undergoes in translation from Italian to English when American “homonormativity” is imposed as the interpretation of queer. Predictably, here, the focus is on gender issues in *literary* work and their manifestations/adaptations in translation.

But issues of translation and gender arise in everyday events as well, far beyond the pale of academic disciplines, and involve high politics as well as political philosophy. The scandal around Dominique Strauss-Kahn (DSK) is a case in point (Apter 2012); it not only raises serious questions about “the nature of sexual citizenship” – does gender determine a citizen’s rights, obligations, and protections? – but also shows the role translation plays in enunciating, understanding, and interpreting fundamental beliefs that are taken to ground societal and legal norms for such citizenship. Under the heading of “Translation Wars,” Apter recounts a very public altercation between historians Irène Théry (France) and Joan W. Scott (USA) that developed out of the scandal and ultimately turned on the topic of sexual citizenship. Responding to (French) caricatures of American feminism as “a kind of sexual Stalinism,” Scott described Théry’s French take on the DSK affair as founded on a “naturalized, ahistorical version of inequality” that is based on (French) notions of “seduction as a national way of life” and that would support the rights of a white male member of the political elite over those of a black immigrant female hotel employee. The question of translation or mistranslation arose in two places over the course of these arguments: first, in the reading and interpretation of a 15th century poem deemed to ground this national politics of seduction which Scott reads differently than Théry, and second, in the very word gender which, translated into French as “genre”, hardly means what it does in English. The trans-Atlantic discussions triggered by the DSK affair point not only to differences in feminist and gender politics internationally but also to the questions of language and text interpretation that dog attempts to devise legal or political solutions to such differences.

In what follows, Joan W. Scott raises many issues around the translation of the English term “gender”: when it moves into other languages, into international situations for international

use, in the wake of feminist politics and in the face of right-wing anxieties over such politics. While Scott's essay focuses on the translation problems around the one single word 'gender,' this raises much broader questions that reach well beyond the translation of that one term. These pertain to the translatability of concepts which are deemed to be or are presented as 'universal', and which must adapt or change when they move into local idioms and systems.

They also ask about the hegemony of the English language and its academic in regard to gender studies, and about the relationship of this currently powerful 'world language' with the many other traditions and ways of perceiving, understanding and managing human sexual differences. Other questions revolve around the fact that debates and texts about gender often reach far back into the history of ideas and civilizations, where the bases of current gender relations are located, in ancient philosophical and religious works. Texts such as the Bible and the Qu'ran, which still serve to establish rules for gender relations, have undergone multiple translations and rewritings, not only from ancient source languages but also through commentary and exegesis. Translations of these texts have been done to fulfill the political purposes of various different translating authorities – competing churches, sects, subgroups – and have been deployed in colonialist politics around the world. Indeed, they are still regulated to provide rules for the management of human sexual differences.¹ The study of the translation, re-translation and dissemination of such texts, especially from the perspective of gender relations today, would seem to be of paramount importance.

One simple question connecting translation studies and gender studies today can be formulated as follows: how do contemporary 'western' uses of the term 'gender' play out in translation on an international scale? This question generates many more, including work on the intersections of supposedly universal concepts such as 'gender' and the local conditions where they are put to use. It can also provide for descriptions of how a new imported concept such as 'gender' affects the regulation of social and political life, which every society/culture seems to structure around human sexual differences (i.e. gender issues).

Joan Scott's essay below demonstrates and discusses some of the translation issues around the English term 'gender.' Her work is meant to serve as the impetus and stimulus for further research, conjoining gender and translation studies. My afterword comments on this.

2. "Entre braguette" – notes on the translation of gender (essay Joan W. Scott)

2.1

The title of this essay comes from a confusion of languages, not unusual at the United Nations where it occurred. The French Minister of the Rights of Women, speaking at a press conference held by the UN Commission on the Status of²² women, wanted to indicate that the word gender had been put between brackets, as is customary when there is a dispute about terminology. In her rush to explain things, the minister used the French word for between (*entre*) and the English word, brackets, but with a definite French accent. As a result, the phrase – “entre braguette” – which sounded entirely French and could mean something in that language, elicited roars of laughter from French speakers in the room. “Braguette” in French refers to “the vertical opening at the front of trousers,” that is to a man’s fly. But “entre braguette” is not a formulation that would be typically used in ordinary conversation. The “between” can really only refer to being caught in a zipper (buttons are more forgiving) and so conjures the nightmare of injury or castration. A fitting way, perhaps, of describing what was happening to the word gender in the CSW report.

I offer this anecdote, though, not for its resonances with Lacan’s writing on the phallus (1977: 288) which, he tells us, “can play its role only when veiled.” But rather to suggest that the terrain of translation – where we labor to produce equivalent meanings from one language to another – is a treacherous field. Errors of pronunciation, invocations of “faux amis,” and attempts to find appropriate equivalences for idioms are only part of the problem. Differences of culture, history, political context, and what Roland Barthes (1986: 106) calls “neurotic structures” of societies complicate the effort even further. Although this is true for any number of words, whether they denote concrete objects or philosophical concepts, the term gender provides a particularly telling illustration. Adapted – notwithstanding controversy – by English and American

²² 1. See *Liturgiam authenticam* (2001) in the Vatican library which has a special segment on gender issues in translating Roman Catholic liturgy: http://www.vatican.va/roman_curia/congregations/ccdds/documents/rc_con_ccdds_doc_20010507_comunicato-stampa_en.html, and the publications of the GIERFI (<http://gierfi.org/>) and the CERFI in Arabic (<http://www.annisae.ma/>) around Islamicfeminism.

2. For their help in thinking through these questions I wish to thank Françoise Gaspard, Noah Salomon, Amel Gorani, Bruno Perreau and Steven Caton, as well as the participants in the forum on “Gender in Translation” at the 16th Berkshire Conference on the History of Women (May 22–25, 2014): Gabriella Cano, Berteke Waaldijk, Ozlem Aslan and Fahriye Dinçer, whose brilliant papers (as yet unpublished) added a great deal to my understanding of the challenges of translation in general and of translating gender in particular. I also benefited from the Theory Reading Group Colloquium at Princeton University on “Theory, Translation, Universality,” (April 25, 2014) organized by Gavin Arnall and Katie Chenoweth. The papers by Peter Thomas, Brent Edwards, Jacques Lezra and Peggy Kamuf broadened my theoretical understanding of translation and of what was at stake in translations of gender.

feminists from the writings of American medical doctors, it resonated around the globe – again, not without controversy – in the wake of Second Wave feminism. Often used (whether by scholars or policy analysts) simply to indicate attention to the situation of women (the discrimination they face, the inequalities they experience), it soon acquired the status of theory for its advocates and critics alike.

Recently it has received a great deal of publicity as a result of its denunciation by religiously-inspired opponents of gay marriage. Pope Benedict's crusade against homosexuality was waged in the name of the immutable, god-given differences between women and men, said to be called into question by the invidious "theory of gender."²³ In France, in 2013, there were actually demonstrations with signs that said "Non, à la théorie du genre" and calls by right-wing Catholics and some of their Muslim allies to eliminate from programs of educational instruction, not just the word, but the "ideology" it was taken to impose. The theory was revealed as an American import. Although the notion that "one is not born, but becomes a woman" is Simone de Beauvoir's, it was the US philosopher Judith Butler who was accused of denying the determinations of god and nature.²⁴ According to its French critics, the "theory of gender" was alien to the culture and politics of France and, indeed, all of Europe. In response, French academics who regularly use the term had a hard time defining what it was they were defending. Was it "gender studies," "theories of gender," "social constructions of sex," or a way of analyzing relations of domination based on sex? And what about "queer" – was it aversion of gender theory or antithetical to it? The recent controversies reveal more clearly than before that the issue at hand is not simply a matter of mis-representation or mis-translation, but the difficulty of pinning down even an original meaning for the term.

2.2

Gender came into popular consciousness in the 1970s and 80s as a political concept used by Second Wave feminists in England and the United States to refuse the naturalization of

²³ <http://www.independent.co.uk/news/world/europe/meditation-on-gender-lands-pope-in-hot-water-1210064.html> and the Pope's 2008 Christmas message: http://www.vatican.va/holy_father/benedict_xvi/speeches/2008/december/documents/hf_ben-xvi_spe_20081222_curia-romana_en.html.

²⁴ For a small sampling of the controversy, see La 'papesse' de la théorie du Genre à Bordeaux!" *Infos Bordeaux*, septembre 21, 2011. <http://www.inforx-bordeaux.fr/2011/actualites/la-papesse-de-la-theories> (accessed November 23, 2011) See also, "Mauvais genre," and the interview with Butler, "Judith Butler: Comprendre plutôt que classer," *Le Monde: Culture et idées* 1 October 2011. Interestingly, in the US opponents of gay rights have not focused their antipathy on "gender."

differences of sex by insisting that anatomy is not destiny, that genital makeup does not predict or determine the capacities and desires of individual women and men. Especially, of course, women since it was their inequality that feminists sought to remedy.

When American and English feminists borrowed the term gender from the writings of John Money and Robert Stoller they could be said to have performed its second translation. Translation in the sense of moving a term from one context to another and thereby altering its meaning. Money (1972) and Stoller (1968) had previously taken the grammatical category to distinguish between anatomy (sex) and social role/social identity (gender) in order to resolve the dilemmas faced by intersex children and to justify medical intervention that would assign them to an appropriate male or female identity. Feminists seized the term in order to refuse the dictum that biology was destiny; the motivation was political, not medical and it troubled (rather than accepted) the normative male/female dichotomy with which the endocrinologist and the psychiatrist had worked.

For Gayle Rubin, whose 1975 essay “The Traffic in Women” articulated the distinction, sex was about biology, gender about the attribution of meaning to sexed bodies; there was no necessary – no natural – correlation between the two. Drawing on Marx, Freud, and Levi-Strauss – in effect translating the German and French theorists into an American feminist idiom – she used gender to refer to a mode of social regulation. Biology could not account for inequality; apparently eternal definitions of men’s and women’s characters, roles, and behaviors were the result of histories, cultures, and politics. If these things were variable across cultures and time, they were open to change. The possibility of thinking about change was, of course, the point of the critique.

Judith Butler (1990) deconstructed the sex/gender opposition, insisting that “gender is not to culture as sex is to nature; gender is also the discursive/cultural means by which ‘sexed nature’ or ‘a natural sex’ is produced and established as ‘pre-discursive,’ prior to culture, a politically neutral surface *on which* culture acts” (1990: 7).²⁵ If gender established the meanings of sex, then physical bodies were not the matter of sexed identities. Butler moved the analysis in another direction, suggesting that these identities were achieved through repetitive performances. In her telling, gender was an engagement with normative regulation rather than the product of it; “drag” was emblematic of this process, the epitome of gender rather than its perverse

²⁵ Butler updates some of her argument in “Gender and Gender Trouble” (2014).

manifestation. From this perspective, it was more pertinent to talk, in the plural, about genders as “masks, likenesses, or identity-asserting performances” (Berger 2014: 73). Gender became a way of refusing the determinations of sexuality by sex; the operations of desire transgressed any attempt to regulate them in heteronormative binary terms.

Anne Emmanuelle Berger suggests that the theories of gender in this early work of Rubin and Butler are in tension, between what she calls an “analytics of domination” and an “analytics of desire.” The first tries to account for “the mode of regulation or binary distribution of sexed individuals;” the second is about “the theater of gender as an erotic machine” (Berger 2014: 74). It’s one thing to argue that the material situation of women is an effect of patriarchy or male domination; it’s quite another to say that the identity ‘woman’ itself is mutable, set not by god or nature but by the play of fantasy (individual and collective) in relation to the customs, norms, and regulations of societies. From this vantage, the male/female relationship (consecrated in conjugal marriage, consummated in reproductively-oriented sex) is itself ‘constructed’ and so open not only to variation but also to the unconstrained operations of desire. These analytics are not opposed to one another; they are related since in both cases the causality of biology is in question. But there is no single original concept of gender to which subsequent translations can refer. Instead, there has been an ongoing conversation across linguistic and cultural boundaries in which the term is addressed, disputed, qualified, and adapted; in the process the ambiguities that the term itself has acquired, the tensions it contains, are revealed.

2.3

Theorists of translation grapple with philosophical questions about whether translation is possible. Does it presume a universality of meaning that can transcend particular cultural differences? Is this presumption of universality a feature of western colonial domination? Is the notion of a linguistically faithful translation thus illusory? Are we all locked in a Tower of Babel, necessarily but futilely attempting to achieve the unrealizable goal of common understanding? Or, do shared social and economic structures – for some “class” is an example – produce the conditions of possibility for communication across lines of cultural and linguistic difference (Derrida 1991)? The answers to these questions vary, I think, depending upon whether

the object is a literary text or a political slogan. My interest in the translatability of gender has to do with its function as a feminist *political* concept.

The anthropologist Anna Tsing confounds the opposition between the universal and the particular when (referring to global feminist and environmentalist movements) she writes that “universalisms, ironically, are a flexible medium for translation.” By this she means that they are available for strategic appropriation in the “service of specific goals and local systems of alliance” (Tsing 1997: 266). At the same time, there is feedback in this process that continually rewrites the meaning of the universal. Or, to put it more accurately, since the universal can only be realized in and through concrete particularities, new meanings for those universals are constantly produced. The process of translation is, for Tsing, a negotiation between universals and particulars, not as opposites, but in a “heterogeneous continuum,” undermining any notion of the purity or stability of the original term (Tsing 1997: 253).

I often cite a report to the United Nations by a special committee charged with examining the usage of the word gender to illustrate the emptiness of the term as a universal, abstract formulation. The “Statement on the Commonly Understood Meaning of the Term ‘Gender’,” was drafted by a special contact group within the United Nations Commission on the Status of Women in preparation for the Beijing Conference in 1995. The group was set up to resolve heated conflicts between feminists and right-wing, primarily religious, organizations about the appearance of the term on the program and in the final report of the conference. While spokesmen for the Right insisted on a strictly biological definition of the roles of women and men, feminists argued for the socially constructed origins of those roles. The resolution of the dispute, which appeared as an appendix to the Program of Action of the Beijing Conference, effectively offered no definition at all:

Having considered the issue thoroughly, the contact group noted that (1) the word ‘gender’ had been commonly used and understood in its ordinary, generally accepted usage in numerous other United Nations forums and conferences; (2) there was no indication that any new meaning or connotation of the term, different from accepted prior usage, was intended in the Platform for Action... Accordingly, the contact group reaffirmed that the word

‘gender’ as used in the Platform for Action was intended to be interpreted and understood as it was in ordinary, generally accepted usage. (UNCSW 1996)

That nothing certain can be named here but “ordinary, generally accepted usage” suggests that the meaning of gender depends – as Tsing suggests – on who uses the word, in what context, and for what ends.²⁶ The issue is, of course, partly linguistic – is there an equivalent word for the English “gender” in other languages? But it is also political and philosophical – a matter of contested meanings both explicit and implicit that (in Barbara Johnson’s words) “exceed the boundaries of stable control or coherence. It becomes something to be endlessly struggled over” (Johnson 1994: 48). In this sense, translation is about differences of attributed meaning within as well as across cultural boundaries.

But it is also about attempts to find commonality; struggling to reconcile local vernaculars with the word coined in English can be a gesture of feminist solidarity across the lines of national difference. Sometimes, too, a decision to renounce translation altogether and to instead coin a neologism – “gender” – is a means of signifying membership in a global political project. In this way, the universal status of the term (and of the political movement) is confirmed, seeming to transcend its particular articulations. At a minimum – in international parlance at the UN, the World Bank, the Ford Foundation, and for many NGOs – whatever else is lost or changed in translation, the appearance of the word gender draws attention to the unequal treatment of women. Indeed in some local usages (Arab vernaculars, though not formal written conventions, are an example), the word gender carries with it a demand for equality between women and men. So those who oppose feminist claims will say simply that they are opposed to “gender.” It’s true that gender does not always mean women’s equality. Gender is sometimes simply used as a synonym for women; sometimes as a euphemism for sex. The adoption of the word by journalists – “gender gap” is an example – can connote nothing more than differences in the behavior of women and men. Even when exposing inequality is the goal (of NGOs, the UN,

²⁶ Commenting on this passage, Elizabeth Weed notes, “... the statement ... offer[s] a stunningly candid glimpse at the *aporia* that is gender. Ideally, the contact group’s statement would like to be able to appeal to some kind of apodictic truth. That not being available, it appeals to ‘ordinary, generally accepted usage,’ a usage that is... validated by past custom (no matter that ‘gender’ as something other than a grammatical term has existed scarcely more than several decades). In short, all the statement can offer is a language that *stands in* for a referent that can’t be named. And whatever that unnamed referent is, it must always depend on the power of customary usage and the meanings it evokes. In other words, in lieu of demonstrable truth, language does its work.” Elizabeth Weed, “From the ‘Useful’ to the ‘Impossible’ in the Work of Joan W. Scott,” in Judith Butler and Elizabeth Weed, eds. *The Question of Gender: Joan W. Scott’s Critical Feminism*. Bloomington: Indiana University Press, 2011, p. 289

philanthropic foundations, and the World Bank), gender can narrow the focus to local relations between women and men when those are actually the effects of large-scale economic and geo-political processes that also need to be addressed. Without changes in the structures that underlie poverty and inequality – by seeking out impoverished women in the global South as a source of cheap labor, by causing large flows of international migration and massive transfers of population and wealth – it is difficult to imagine how what these international organizations refer to as “women’s empowerment” can be achieved. For this reason the very term gender has been criticized as “an imperialist scheme for co-opting the world’s women,” its exclusive emphasis on patriarchy deemed a distraction from the critique of capitalism that feminists ought to undertake (Baden and Goetz 1997: 6; Massad 2015: 158–165; Spivak 1993: 188–192).²⁷ Some of the struggle over gender’s usefulness and its translatability has to do with disagreements among feminists (often along South/ North lines) about the importance of economics in their critiques.

Still, if we focus on the question of *feminist* translations of gender – those that aim explicitly at challenging women’s subordination – there are commonalities and divergences which, in turn, expose the ambiguities the concept has acquired in its relatively short history. The commonalities have to do with addressing discrimination based on sex. Hence the Romanian feminist Enikő Magyari-Vincze:

Talking about translation becomes a way of understanding the complex relationship between language(s) and social circumstances...Translating ‘gender’ means for me to focus on this very potential, while being backed up by the feminist viewpoint – a complex system of power relations that are embedded in discourses and institutions, which produce subject positions, hierarchies, and inequalities between women and men of different *ethnicity, class, sexualorientation, age, etc.*

(Magyari-Vincze 2002)²⁸

²⁷ Baden and Goetz cite a pamphlet by the Revolutionary Women of the Philippines. See Spivak and Massad on the question of colonial domination.

²⁸ The book is no longer available in print. I used a typescript version without page numbers.

For Magyari-Vincze “the feminist viewpoint” is a universal standpoint, an analysis of sex-based relations of power in whatever forms they take. Gender is the concept that enables this analysis by taking male/female relations of power as its object. Translating gender, for her, is a way of exposing “a complex system of power relations;” the point is to find the words in her own language that will do that work.

The divergences in translations of gender have to do with resistance of what translation theorists call “target” languages or cultures to the ultimate logic of denaturalization, that is to the idea that not only the social roles, but the very meanings of man and woman are socially determined. It may be one thing to insist that ascribed roles for women and men can change, but it seems quite another to suggest that there is nothing fixed about what counts as woman or man. In the first case the sex/gender (nature/culture) distinction stands as a comforting reminder that normative understandings of the differences of sex are secure; in the second case no such assurance is possible. But the second case is implicit in the first, or at least the presumed irrelevance of biology for social roles opens the possibility for different bodies performing those roles. If sex does not determine gender, then what justifies enforcement of heterosexual norms? This is a tension that travels with gender; it comes to light in disputes about its translation which either try to foreclose or acknowledge the troubling implications of the idea.

Here we can point to a 2014 article in *Signs* by Lola Sanchez which identifies a discrepancy between some wording in the original of my article, “Gender: A Useful Category of Analysis” and its Spanish translation. Sanchez notes that my piece refers to “perceived differences between the sexes,” (in that way endorsing Butler’s point that gender defines sexed bodies; that there is no transparent meaning for anatomical difference, that sex, like gender, is a “cultural construction”). The Spanish translation drops the word “perceived” and instead reads “the differences that distinguish the sexes” (thereby introducing the very biological essentialism my piece was trying to avoid). Sanchez attributes this to the difficulty “our culture” (that is Spain) has in relinquishing the idea that “sex is ... something presocial” (Sanchez 2014: 574).

A similar resistance is evident in Egypt, according to Samia Mehrez: “the use [in Arabic] of the essentialist nouns *nau* or *jins* (kind, species, sort) to translate gender, given their history and current prevailing signification, reinforces notions of separation and difference. Both translations re-station us in natural and fixed categories. Suddenly, ideas of socially constructed

identities, of formation and of performance, all of which are packed into the concept of gender as we understand it today, are lost” (Mehrez 2007: 112).

2.4

A long history of feminist writing had proclaimed that “the mind has no sex,” that bearing children was (in the words of the French revolutionary the Marquis de Condorcet) only “a passing indisposition” which ought not disqualify women from active citizenship, and that inequality was an invention of men, not nature (Condorcet 1790). For twentieth century Anglo-American feminists “gender” clarified this long-standing feminist distinction between social and biological differences. The sex/gender distinction was a handy way for Second Wave feminists to formulate their critique. Whether sex was the biological ground and gender its social interpretation, or gender the cultural distinction which, after the fact, established sexed bodies as its referent, the point was to insist on a distinction between them. In ordinary English parlance this was difficult enough to do. As the American Heritage dictionary noted in 1992, the distinction between sex and gender was “useful in principle, but ... by no means widely observed, and considerable variation in usage occurs at all levels.” It was even more difficult when feminists struggled to find suitable equivalents in other languages.

Donna Haraway suggested, in her effort at translation for a German audience (“Gender for a Marxist Dictionary”), that sex/gender represented a kind of binary thinking that is a peculiarly western phenomenon (Haraway 1991). But I think that overstates the case, since in many European languages the binary did not exist; instead, the same word was used for sex and gender. In other instances, the biological and the social referents carried so many other connotations that feminists looking for a linguistic equivalent had to choose between unsatisfactory alternatives. The choice of the neologism ‘gender’ was a way out of an impasse, but it inevitably troubled received notions of the relationships among sex, gender and sexuality. The French Commission on Terminology and Neology ruled in 2005 that “the substitution of gender for sex responds to no linguistic need” and thus had no place in the French lexicon. Some feminists agreed, preferring “the social relations of sex” (*les rapports sociaux de sexe*) or “the power relations of sex” (*les rapports de force de sexe*) to gender.²⁹ Others, however, used either the English “gender” or the

²⁹ For examples, see the various propositions de loi of the French National Assembly in the category of “genre.” See also the discussions in Dominique Fougeyrollas-Schwebel, Christine Planté, Michèle Riot-Sarcey et Claude Zaidman, eds. *Le Genre*

French “genre,” extending its meaning beyond the grammatical and the notion of style or kind. Scandinavian feminists report that the words ‘kjønn’ (Norwegian), ‘køn’ (Danish), and ‘kön’ (Swedish) cover the meanings of both ‘sex’ and ‘gen- der,’ the physical and the social. The search for something that would distinguish between them led some scholars to the term “genus,” which they took to be gen- der’s equivalent, while others insisted that genus posited the intertwining of biology and culture in a more “symbiotic” and “performative” way.³⁰

The Iraqi literary scholar Ferial Ghazoul reported in the bilingual journal *Alif* that the editors decided “not to Arabize the term ‘gender’ by giving it an Arabic pronunciation and script, but to derive a term from the Arabic root which corresponds to the etymological significance of ‘gender.’ The tri-literal root j-n-s has mothered so many specifically defined terms such as *jins* (sex), *jinsaniyya* (sexuality), *ajinas* (races), *jinas* (alliteration), *tanjis* (naturalization and homogenization), among others. To use any of these terms would add confusion to an already misunderstood concept. While the biological factor is present in gender, the term is not biological in the first place, but cultural. Thus, we rendered gender (the collective formalization of the image, status, tasks, potential rights and responsibilities of males and females in a given culture at a certain historical moment) in Arabic in the neologism *j[u]nusa* which corresponds morphologically to *unutha* (femininity) and *dh[u]kura* (masculinity). *J[u]nusa* (gender) incorporates notions of the masculine and the feminine as they are perceived in a given time and place, with all the ideological twists and politics that such a construction and a vision imply” (Ghazoul 1999).

In Bulgaria (as elsewhere in Eastern Europe) the choices were between ‘rod’ and ‘pol,’ the former – decidedly asexual – denoting kinship or nation, the latter the sexual organs, the sexual act or even sexually transmitted diseases. But *pol* was also etymologically close to the Bulgarian word for half and divide, so sexual difference could be elided with gender difference, at once avoiding and acknowledging the essentialist meanings feminists wanted to contest. Debates about which was the more appropriate translation exposed, says Miglena Nikolchina, not so much an opposition between essentialism and anti-essentialism, but rather “a certain understanding of the praxis of feminist theory.” While academic feminists debated the virtues of

comme catégorie d'analyse: sociologie, histoire, littérature. Paris: L'Harmattan, 2003. See especially the comments of Eliane Viennot, pp. 164–65. “J'utilise donc toujours les périphrases traditionnelles, qui ont le mérite d'être claires: rapports sociaux de sexe, rapports de pouvoir, contraintes à la féminité/à la masculinité, délimitation idéologique des frontières de sexes, etc.”

³⁰ “Genus,” like gender, can be traced back to the ancient Greek γένος – genos, defined as “race, stock, kin,” so its use actually diminishes the specifically sexual aspect that is present in kön and its equivalents, while nonetheless importing a biological underpinning. See the various articles on the question of translating gender into different languages in the collection of articles edited by Rosi Braidotti and al. (2001).

‘rod’ and ‘pol,’ many NGOs (and Nikolchina herself) opted for the neologism ‘gender’ (Nicolchina 2001).³¹

_____ fim do trecho retirado de *Gender Studies and Gender Translations: Entre Braguette - connecting the transdisciplines*. (2016) _____

³¹ On the history and impact of translations of sex and gender in Iran, see Afsaneh Najmabadi (2013).

ANEXO II - O TEXTO TRADUZIDO "*Gender Studies and Gender Translations: Entre Braguettes - connecting the transdisciplines*" (2016)

Os Estudos de Gênero e o estudo da Tradução - "Entre braguettes" - conectando transdisciplinas

Gender Studies and Gender Translations: Entre Braguettes - connecting the transdisciplines
(2016)

Luise von Flotow e Joan W. Scott

Universidade de Ottawa/ Instituto de Estudos
Avançado, Princeton, Nova Jersey & Centro de
Graduação da Cidade de Nova Iorque

Tradução: Wictória Pinheiro³²

Estudos de Gênero e Estudos da Tradução estão relacionados de várias formas diferentes: ambos são áreas transdisciplinares que exercem papéis em inúmeras outras disciplinas acadêmicas como, por exemplo, nas ciências sociais, nas ciências humanas, no direito e na medicina, assim como no comércio. Ambos levantam questões sobre a relevância sócio-cultural e política, e o seu controle - seja em relação a diferenças sexuais ou textuais. Além disso, ambas funcionam permeando a linguística, cultural, fronteiras geográficas e nacionais. Este capítulo explora os pontos principais em que esses dois estudos se conectam, com um ensaio escrito por Joan Scott em relação aos problemas de tradução envolvendo o termo "gênero" em fóruns internacionais, servindo de um estímulo para uma maior discussão em como essas duas áreas de estudo podem ser unidas.

³² Tradução autorizada pela autora Luise Von Flotow de *Gender Studies and Gender Translations: Entre Braguettes - connecting the transdisciplines* (2016)

Palavras-chave: gênero, sexo, sexualidade, diferenças sexuais, "tradução infiel", Comissão sobre a Situação das Mulheres, Conferência de Pequim de 1995, Tribunal Internacional de Crimes de Guerra, tradução feminista

1. Prefácio (por Luise von Flotow)

Como a tradução pode impactar nos Estudos de Gênero? E como os Estudos da Tradução esclarece os aspectos transnacionais, trans-linguistas e transculturais dos Estudos de Gênero. De fato, como a justaposição e entrelaçamento desses dois campos de estudo podem expandir a análise dos problemas interdisciplinares e internacionais que permeiam? Estas são as questões que motivam o esforço colaborativo para pensar sobre as conexões entre essas duas importantes "transdisciplinas": por um lado, estudo da tradução, por outro, os Estudos de Gênero.

Consideradas áreas que se desenvolveram quase em paralelo pelos últimos trinta anos, em pleno século 20, e que podem ter exercido um papel importante na discussão, uma vez marginalizada, da mulher e a tradução, em relação a disciplinas consideradas mais tradicionalmente acadêmicas. Enquanto os Estudos de Gênero fizeram enormes trabalhos em campos como as ciências sociais e humanas, assim como no direito, medicina e assuntos internacionais no decorrer dos anos 80. Na década de 1990, se destacou muito mais em relação aos estudos das mulheres, o estudo da tradução se tornou um área de importância acadêmica por conta própria com a globalização. Inúmeras publicações, conferências e programas acadêmicos em diferentes países atestam essa crescente, impulsionada pelo entendimento que culturas mono-linguistas são ultrapassadas e que nosso mundo não ficou apenas menor, mas também linguisticamente e culturalmente muito mais diversificado e acessível.

Tradução está presente em todos os lugares, e sempre esteve desde a antiguidade até os dias atuais. Atualmente, perceptível na difusão de ideias, religiões, influências, intercâmbios comerciais e, cada vez mais, em organizações internacionais, tratados e tribunais de direito. Gênero, ou talvez mais apropriadamente, nas diferenças entre sexo, social e condições políticas que buscam gerir essas diferenças, encontram em todos os lugares e são um importante elemento na estrutura das sociedades humanas. Como a tradução, o conceito de gênero foi desenvolvido por feministas inglesas na década de 1970, para explicar e nomear os aspectos sócio-culturais e

políticos das diferenças sexuais humanas. Essa discussão também adentrou o plano internacional: na proclamação internacional dos direitos humanos, uma iniciativa da ONU, pelo trabalho de ONGs e muitas outras organizações nacionais e internacionais, além da presença em âmbito acadêmico. Essa transdisciplinaridade são estruturalmente similares, ambas com aspectos universais e internacionais. Porém, também possuem sistemas fortes locais e de aplicação, onde a dificuldade de determinar e o poder de determinar um significado é uma constante.

Ao longo da década de 1990, os estudiosos da tradução trouxeram o feminismo, o estudo das mulheres e os Estudos de Gênero para seu campo de pesquisa, e vários livros e artigos foram publicados. Essas publicações circularam amplamente por acadêmicos da tradução e também eram acessados por estudos culturais e na literatura. Essa influência nos Estudos de Gênero pode ser notada onde questões aparecem em estudos literários bilíngues ou multilíngues. A influência do estudo da tradução foi menos evidente nas ciências sociais, direito e na ciência política. Isso é visto em outras áreas em que há pouca consciência do multilinguismo ou uso da tradução como veículo de influência e mudança. O objetivo deste texto é estimular a interesse em continuar a explorar e desenvolver essa zona de contato, e para promover pesquisas onde os Estudos de Gênero, na maior gama de disciplinas acadêmicas possíveis, pode ser abordada de forma eficaz pela perspectiva da tradução.

"Alguns trabalhos já foram feitos nessa área, destacando o estudo de viagens, por meio da tradução, do livro feminista médico americano de auto-ajuda, "Our Bodies, Ourselves". Kathy Davis (2007) analisa as diferentes rotas que esse icônico manual de saúde tomou para chegar a diversas línguas como o chinês, o árabe e até o italiano. Ela explora como as culturas de chegada, assim como as línguas de chegada tiveram um impacto em controlar as informações sobre a saúde da mulher, que poderia ser levada a uma cultura local pela tradução. Esse estudo reflete nos desafios linguístico-culturais que o feminismo transnacional e internacional enfrenta. Muitos não são identificados até que as traduções sejam feitas e os problemas comecem a aparecer. Esse momento é quando problemas sérios na compreensão e censura começam a surgir. Mas o estudo feito por Davis também analisa como o texto de partida se desenvolve e muda como um resultado do seu próprio contato com línguas estrangeiras por meio da tradução. Logo, algumas das informações produzidas localmente precisam ser novamente analisadas, desenvolvidas e de maior extensão.

Similarmente, os estudos americano e, agora gradualmente internacional, da tradução de Beauvoir *Le Deuxieme Sexe* (1949) - um texto crucial para a segunda onda do feminismo - desencadearam releituras e revisões desta ideia de recepção de Beauvoir, não apenas no inglês, mas também em línguas como o chinês, que usaram a versão em inglês incompleta da obra de 1953 como texto fonte. Ao decidir vender o livro de Beauvoir como um manual do sexo, Knopf, o comissário e editor da primeira tradução do livro, insistiu em cortes excessivos e grandes mudanças no texto. Com isso, foi deturpado os pensamentos de Beauvoir (BOGIC, 2011). O trabalho crítico sobre as traduções em inglês de Beauvoir, que se iniciaram na década de 1980, contribuiu para o entendimento acadêmico do que é o processo tradutório, quais os seus efeitos e como pode ser manipulado pelo dinheiro, poder e ideologias. Mas é claro, essas controvérsias também revelam a importância dos Estudos da Tradução e entender seus resultados, funções e, especialmente, mas não se resumindo a isso, sua importância em áreas sensíveis como os Estudos de Gênero.

Recentemente, em uma edição especial da revista *Comparative Literature Studies* (Estudos de Literatura Comparada) fornece exemplos de como questões sobre gênero e tradução podem ser plenamente reunidas. Pierre Zoberman (2014) analisa o significado da palavra "homme" [homem] e outros termos supostamente neutros em textos moralistas franceses do século 17. Com isso, questiona como eles devem ser traduzidos para o inglês contemporâneo: devem eles serem fornecidos de forma relevante para os leitores de hoje, ou devem permanecer classificados como não-neutro e evasivos como nos textos originais? Sergey Tyulenev (2014) considera que o papel desempenhado por traduções de artes verbais russas ocidentais nos séculos 18 e 19, em particular quando a sexualidade foi introduzida como um tema na literatura. E Serena Bassi (2014) explora as mudanças que um personagem *Queer* passa na tradução do italiano para o inglês quando a heteronormatividade era imposta sobre a interpretação do que era queer. Previsivelmente, aqui, o foco está nas questões de gênero na literatura e suas manifestações/adaptações na tradução.

Mas alguns pontos de tradução e gênero surgem em eventos cotidianos, bem além das suaves disciplinas acadêmicas, que envolvem a política assim como a filosofia-política. O escândalo envolvendo Dominique Strauss-Kahn (DSK) é um caso em questão (APTER, 2012). Não apenas levanta sérios questionamentos sobre a "natureza da cidadania sexual", em que gênero determinaria os direitos, obrigações e proteções de um cidadão. Mas também mostra o

papel que as traduções exercem em enunciar, entender e interpretar as crenças fundamentais que são utilizadas para criar normas legais e sociais sobre a cidadania. Sob o título de "Translation Wars" (Guerras Tradutórias), Apter narra uma discussão pública entre as historiadoras Irène Théry (França) e Joan W. Scott (USA) que se desenrolou após o escândalo e se transformou no tema sobre a cidadania sexual. Em resposta a caricaturas francesas do feminismo americano como um "tipo de Stalinismo sexual", Scott descreveu a perspectiva de Théry sobre DSK como algo fundado em uma "versão naturalizada e infundada da iniquidade", baseada em noções (francesas) de "sedução como um estilo nacional de vida". Isso apoiaria o direito maior do homem branco da elite política sobre o da imigrante negra, mulher, funcionária de baixa renda. A questão da tradução e da tradução equivocada surge em dois momentos no curso dessa discussão: primeiro, na leitura e interpretação do poema, escrito no século 15, julgada como a fundamentação dessa política nacional de sedução que Scott interpreta diferentemente de Théry. Em um segundo momento, a própria palavra "gênero" que, traduzida no francês "genre", não significa em quase nada com a sua versão em inglês. A discussão transatlântica desencadeada pelo caso DSK aponta não apenas as diferenças entre a visão internacional política sobre o feminismo e gênero, mas também questões sobre a interpretação da língua e de texto onde há uma tentativa de encontrar soluções legais e políticas para tais diferenças.

No que se segue, Joan W. Scott levanta muitos problemas que envolvem a tradução para o inglês do termo "gênero". Quando movido de uma língua a outra, para situações e uso internacional, na âmbito da política feminista ou em face da extrema-direita sobre tais políticas. Enquanto o trabalho de Scott foca em problemas de tradução em torno de apenas um termo "gênero", isso impulsiona questões muito maiores que abarcam muito mais que a tradução de uma única palavra. Essas questões dizem respeito à translatabilidade de conceitos que são considerados "universais", e que precisam se adaptados ou mudados quando transportados para outros idiomas e sistemas locais. Também é questionada a hegemonia do inglês enquanto língua e sua expressão no meio acadêmico em relação aos Estudos de Gênero. E de sua relação atual como uma "língua mundial" poderosa com muitas tradições e as formas de perceber, entender e gerenciar as diferenças sexuais humanas. Outras questões envolvem o fato de que discussões e textos sobre gênero geralmente alcançam de forma remota o passado das ideias e civilizações, onde a base das relações atuais de gênero estão localizadas, em antigos trabalhos filosóficos e religiosos. Textos como a Bíblia ou o Qu'ran ainda servem para estabelecer regras para as

relações de gênero, passaram por várias traduções e reescritas, não apenas a partir de línguas antigas, mas também através de observação e exegese. Traduções desses textos têm sido feitas para suprir propósitos políticos de diferentes autoridades na tradução, competindo com igrejas, seitas e subgrupos, e que foram implantadas em várias políticas colonialistas pelo mundo.

De fato, elas continuam a ser controladas para fornecer regras para o gerenciamento das diferenças sexuais humanas. O estudo da tradução, retradução e disseminação de tais textos, especialmente sob uma perspectiva da relação gênero dos dias atuais, parece ser de importância crucial. Uma pergunta simples conecta os Estudos da Tradução e os Estudos de Gênero atualmente, e pode ser formulada da seguinte forma: como o uso contemporâneo ocidental do termo "gênero" se reproduz em uma escala internacional? Essa pergunta gera muitas outras, incluindo o trabalho sobre as intersecções entre conceitos considerados universais como o termo "gênero" e as condições em que elas são colocadas em uso. Ela também pode fornecer descrições de como um novo conceito importado, como "gênero" afeta a regulação da vida social e política, que toda sociedade/cultura parece estruturar em torno das diferenças sexuais humanas (ou seja, questões de gênero).

O artigo escrito por Joan W. Scott abaixo demonstra e discute alguns dos problemas de tradução em torno do termo em inglês "gênero". Seu trabalho tem o objetivo de estimular cada vez mais pesquisas sobre o paralelo entre os Estudos de Gênero e o estudo da tradução. Os meus comentários finais sobre isto.

2. "Entre braguette" - notas sobre a tradução do gênero³³ (artigo por Joan W. Scott)

2.1

O título deste artigo tem a origem na confusão entre línguas, não incomum onde ocorreu, nas Nações Unidas. O ministro francês dos Direitos da Mulher, numa coletiva de imprensa realizada pela Comissão das Nações Unidas sobre o Estatuto da Mulher, Mulheres, quis indicar

³³ Por sua ajuda na reflexão de tais questionamentos eu gostaria de agradecer a Françoise Gaspard, Noé Salomon, Amel Gorani, Bruno Perreau e Steven Caton, bem como os participantes do fórum sobre "O Gênero na Tradução" na décima sexta Conferência de Berkshire sobre a História das Mulheres (22-25 Maio, 2014): Gabriella Cano, Berteke Waaldijk, Ozlem Aslan e Fahriye Dinçer, as quais os trabalhos brilhantes (ainda não publicado) acrescentaram muito para a minha compreensão dos desafios da tradução em geral e da tradução de gênero em particular. Eu também me beneficieei do Colóquio do Grupo de Leitura da Universidade de Princeton sobre "Theory, Translation, Universality" (Teoria, Tradução e Universalidade)(25 de Abril de 2014) organizado por Gavin Arnall e Katie Chenoweth. Os artigos de Peter Thomas, Brent Edwards, Jacques Lezra e Peggy Kamuf ampliaram a minha compreensão teórica da tradução e do que estava em jogo nas traduções de gênero.

que a palavra gênero tinha sido colocada entre parênteses, como é costume quando há uma disputa sobre a terminologia. Com pressa em explicar as coisas, a ministra usou a palavra francesa para "entre" (*entre*) e a palavra inglesa "brackets" (parênteses) mas com um preciso sotaque francês soado como "braguette". Como resultado, a frase - "entre braguette"- que soa totalmente francesa e, que poderia significar algo na língua, causou uma onda de risos entre os francófonos na sala. "Braguette "em francês refere-se à "abertura vertical na parte da frente das calças", ou seja, ao zíper da calça de um homem. Porém, "entre braguette" não é uma composição que é tipicamente utilizada em uma conversa cotidiana. Esse "entre" pode simplesmente se referir a ficar preso em um zíper (botões são mais indulgentes) e, também, representa o pesadelo de uma lesão ou castração. Talvez, uma forma adequada de descrever o que estava acontecendo com o termo "gênero" no relatório da CSW.

Eu ofereço esta anedota, no entanto, não por suas ressonâncias com a escrita de Lacan sobre o falo (1977. P. 288) que, ele nos diz, "Pode desempenhar o seu papel apenas quando velado." Mas por sugerir que o terreno da tradução, no qual trabalhamos para produzir um equivalente de significado de uma língua para outra, é um campo traiçoeiro. Erros de pronúncia, invocação dos "faux amis" ("falsos amigos" em francês), e as tentativas para encontrar equivalentes apropriados para idiomas são apenas parte do problema. Diferenças na cultura, história, contexto político e, no que Roland Barthes (1986. P. 106) chama de "estruturas neuróticas", das sociedades intensificam ainda mais o esforço. Embora isso seja verdade para um número qualquer de palavras, seja denotando objetos concretos ou conceitos filosóficos, o termo "gênero" fornece um exemplo particularmente significativo. Adaptado, não sem controvérsias, por feministas inglesas e americanas dos documentos médicos na América, ressoou pelo mundo, novamente, sem controvérsias, no surgimento da segunda onda do feminismo. Frequentemente usado (seja por acadêmicos ou por cientistas políticos) apenas para indicar atenção a situação das mulheres (a discriminação que enfrentam, as experiências com desigualdades), logo precisou de um status de teoria para seus defensores e críticos. Recentemente, recebeu uma boa quantidade de publicidade como resultado de denúncias de opositores religiosos ao casamento homossexual. A campanha liderada pelo Papa Benedict contra a homossexualidade foi travada em nome das imutáveis diferenças, dadas por Deus, entre homens e mulheres que se diz ser colocada em

questão pela nova indesejada "teoria de gênero".³⁴ Na França, em 2013, houveram protestos com cartazes que diziam "Non, à la théorie du genre" ("Não a teoria de gênero" em francês), e gritos entoados pela extrema-direita católica e alguns aliados muçulmanos em busca de eliminar os programas de instrução educacional. Não apenas a palavra, mas a "ideologia" também aplicada. A teoria foi insultada como uma importação americana. Apesar da noção que "não se nasce mulher, torna-se mulher" de Simone de Beauvoir, foi nos Estados Unidos que a filósofa Judith Butler, que foi acusada de negar as determinações de Deus e da natureza.³⁵ De acordo com seus críticos franceses, a "teoria de gênero" era estranha a cultura e política na França e, de fato, de toda a Europa.

Em resposta, estudiosos franceses que, regularmente usam o termo, tiveram problemas em definir o que estavam defendendo. Seriam os "Estudos de Gênero", "teorias gênero" e "construções sociais do sexo", ou uma forma de analisar as relações de dominação baseada no sexo? E que tal o termo "queer"? Seria uma versão da teoria gênero ou uma antítese? As recentes controvérsias revelam mais claramente que o problema em questão não é simplesmente um problema de má representação ou má tradução, mas a dificuldade de apontar mesmo um significado original para o termo.

2.2

Gênero entrou na noção popular entre a década de 1970 e 1980 como um conceito político usado pela segunda onda do feminismo na Inglaterra e nos Estados Unidos para se opor a naturalização das diferenças de sexo, insistindo que a anatomia não é destino, e que a composição genital não determina ou prevê as capacidades e desejos individuais de homens e mulheres. Especialmente, é claro, às mulheres, já que era a desigualdade feminina que as feministas procuravam remediar.

Quando feministas americanas e inglesas pegaram emprestado o termo "gênero" dos trabalhos de John Money e Robert Stoller, poderiam ter sido considerados uma segunda tradução

³⁴ <http://www.independent.co.uk/news/world/europe/meditation-on-gender-lands-pope-in-hot-água-1210064.galeria> e a mensagem de natal de 2008 do Papa: http://www.vatican.va/holy_father/benedict_xvi/speeches/2008/december/documents/hf_ben-xvi_spe_20081222_curia-romana_en.galeria.

³⁵ Para uma pequena amostra da controvérsia, veja La 'papesse' de la theorie du Genre à Bordeaux!" *Infos Bordeaux*, septembre 21, 2011. [http://www.inforx-bordeaux.fr/2011/actualites/la - "papesse"- de-la-theories](http://www.inforx-bordeaux.fr/2011/actualites/la-%20papesse-%20de-la-theories) (accessed November 23, 2011) See also, "Mauvais genre, "and the interview with Butler," Judith Butler: Comprendre plutôt que classer," *Le Monde: Culture et idées* 1 de outubro de 2011. Curiosamente, nos EUA, os opositores dos direitos dos homossexuais não focaram a sua antipatia no "gênero".

do termo. Tradução no sentido de mover um termo de um contexto para outro e, conseqüentemente, alterar o seu significado. Money (1972) e Stoller (1968) já havia pego a categoria gramatical para distinguir a anatomia (sexo) do papel/identidade social (gênero), para resolução de dilemas enfrentados por crianças inter-sexuais e para justificar intervenções médicas que as designariam para identidades mais apropriadas femininas ou masculinas. Feministas aproveitaram o termo para se opor ao ditado de que a biologia seria um destino. A motivação era política, não médica, e isso perturbava (ao invés de aceita) a dicotomia normativa feminina/masculina que endocrinologistas e psiquiatras haviam trabalhado.

Para Gayle Rubin, cujo ensaio "The Traffic in Women" de 1975, articulava a distinção: sexo era biologia e gênero era a atribuição de significado que corpos erotizados; não era necessário, nem natural, uma correlação entre os dois. Baseando – se em Marx, Freud e Levi Strauss – na realidade traduzindo os teóricos alemão e francês em um idioma feminista Americano-ela usou o gênero para se referir a um modo de regulação social. Biologia não poderia explicar a desigualdade; aparentemente definições eternas da natureza, papéis, e comportamentos de homens e mulheres são um resultado da história, cultura e política. Se estas coisas fossem variáveis entre as culturas e o tempo, talvez houvesse abertura para mudança. A possibilidade de pensar em uma mudança era, naturalmente, um ponto de crítica.

Judith Butler (1990) desconstruiu a oposição entre sexo/gênero, insistindo que "gênero não está para cultura, assim como sexo não está para a natureza; gênero também é o meio discursivo/cultural em que a 'natureza sexual' ou 'uma eroticidade natural' é produzida e estabelecida como um pré-discurso, anterior a uma superfície político-cultural neutra, na qual a cultura age". (1990. P. 7).³⁶ Se o gênero estabelece o significado de sexo, então os corpos físicos não são uma questão de identidades sexuais. Butler direcionou sua análise para outra direção, sugerindo que essas identidades eram atingidas por meio de performances competitivas. Em sua narrativa, gênero era um engajamento com uma regulação normativa, ao invés de um produto. "Drag" foi emblemático desse processo, um protótipo de gênero, ao invés de uma manifestação perversa. Nesta perspectiva, era mais pertinente falar, no plural, sobre gênero como máscaras, imagem ou performance em acordo com a identidade" (BERGER, 2014. P. 73) Gênero se tornou uma forma de se opor a determinações de sexualidade pelo sexo; as operações desejadas transgrediam qualquer tentativa de regular a heteronormatividade binária.

³⁶ Butler atualiza alguns de seus argumentos em "Gender and Gender Trouble" (2014)

Anna Emanuelle Berger sugere que as teorias de gênero no trabalho de Rubin e Butler são tensas, entre o que ela chama de "analítica da dominação" e a "analítica do desejo". A primeira tentativa foi considerar o "modo de regulamentação ou distribuição binária de indivíduos sexuais", e a segunda foi sobre "o teatro de gênero como uma máquina erótica." (BERGER, 2014. P. 74) Um dos pontos a ser discutido que a situação material de mulheres é um efeito do patriarcado ou da dominação masculina; outro diferente é dizer que a identidade de "mulher" em si é mutável, apoiada não apenas na ideia de Deus ou na natureza, mas na reprodução de uma fantasia (coletiva ou individual) em relação a costumes, normas e regulações da sociedade. A partir desta vantagem, a relação homem/mulher (consagrada no casamento conjugal, consumada em sexo orientado reprodutivamente) é ela própria "construída" e assim aberta não só à variação, mas também às operações não restritas do desejo. Estas análises não são opostas uma à outra, são relacionadas entre si em ambos os casos em que a causalidade da biologia é questionada. Porém, não existe um conceito original sequer de gênero em que traduções posteriores possam se referir. Em vez disso, tem havido uma conversa em curso através de fronteiras linguísticas e culturais a que o termo se refere, disputa, qualifica e adapta; no processo de ambiguidades que o termo em si acumulou, as tensões que ele abarca são reveladas.

2.3

Teóricos da tradução se defrontam com questões filosóficas sobre a possibilidade de uma tradução. Seria presumível uma universalidade de significado que possa transcender diferenças culturais particulares? Essa presunção de universalidade é uma característica da colonização ocidental? A noção de traduções linguisticamente fiéis são ilusões? Estávamos trancados em uma Torre de Babel, necessariamente de forma fútil tentando alcançar um objetivo irrealizável de um entendimento comum a todos? Ou, dividimos estruturas sociais e econômicas, para uma determinada "classe" é um exemplo, produzindo condições para a possibilidade de uma comunicação cruzando linhas culturalmente e linguisticamente diferentes? (DERRIDA, 1991) As respostas para essas questões variam, penso eu, dependendo se o objeto é um texto literário ou um slogan político. Meu interesse na traduzibilidade de gênero tem a ver com as funções dos conceitos políticos feministas.

A antropologista Anna Tsing confunde a oposição entre o universal e o particular (referindo-se ao feminismo global e aos movimentos em prol do meio ambiente). Ela escreve que "universalismos, ironicamente, são um meio flexível para a tradução". Com isso, ela quer dizer que universalismos estão disponíveis para apropriação estratégica a serviço de "um objetivo específico e sistemas locais de associação."(TSING, 1997. P. 266) Ao mesmo tempo, há um retorno desse processo que continuamente reescreve o significado de universal. Ou, para ser mais precisa, uma vez que o universal pode ser realizado sobre e por particularidades concretas, novos significados para essas universalidades são constantemente produzidas. O processo de tradução é, para Tsing, uma negociação entre universais e particulares, não opostos, mas em um "contínuo heterogêneo", neutralizando qualquer noção de pureza ou estabilidade do termo original. (TSING, 1997. P. 253)

Eu, frequentemente, cito um relatório dirigido às Nações Unidas por uma comissão especial encarregada de analisar o uso da palavra gênero para ilustrar o vazio do termo como uma formulação universal e abstrata. A "Declaração sobre o Entendimento Comum do Significado do Termo 'Gênero'", foi redigida por um grupo especial no âmbito da comissão das Nações Unidas, sobre o Estatuto da Mulher em preparação para a Conferência de Pequim, em 1995. O grupo foi escolhido para resolver conflitos acalorados entre feministas e organizações de extrema-direita, principalmente religiosas, sobre o aparecimento do termo em programas e no relatório final da conferência. Enquanto os porta-vozes da direita insistiam em uma estritamente biológica definição do papel das mulheres e homens, feministas argumentavam que haviam origens sociais na construção de tais papéis. A resolução da disputa, que aparecia como um apêndice ao Programa de Ação na Conferência de Pequim, efetivamente ofereceu uma não-definição ao termo:

Tendo considerado a questão exaustivamente, o grupo observou que (1) a palavra "gênero" tinha sido comumente usada e compreendida em seu uso comum, comumente aceito em inúmeros outros fóruns e conferências das Nações Unidas;

(2) não havia indicação de que qualquer novo significado ou conotação do termo, diferente do uso anterior aceito, foi concebido na Plataforma de Ação...

Sendo assim, o grupo reafirmou que a palavra "gênero", como usado na Plataforma de Ação, se destinava a ser interpretado e entendido como sendo de uso comum, amplamente aceito. (UNCSW, 1996)

Que nada certo pode ser nomeado aqui, mas "uso comum, amplamente aceito" sugere que o significado de gênero depende, como Tsing sugere, de quem usa a palavra, em que contexto, e para que fins.³⁷ A questão é, naturalmente, parcialmente linguística. Existe uma palavra equivalente para o inglês "gênero" em outras línguas? Mas também algo político e filosófico: uma questão de significados contestados ambos explícitos e implícitos que (nas palavras de Barbara Johnson) "excede as fronteiras de um controle estável e da coerência. Torna-se algo para sempre estar debatendo." (JOHNSON, 1994. P. 48) Nesse sentido, a tradução é sobre as diferenças de significados atribuídos dentro e além de fronteiras culturais.

Mas é também sobre as tentativas de encontrar uniformidade. Lutando para reconciliar vernáculos locais com a palavra criada em inglês pode ser um gesto de solidariedade feminista pelas linhas de diferenças nacionais. Por vezes é, também, a decisão de renunciar a tradução completamente e em vez de criar um neologismo, "gênero," é um caminho para significar a adesão a um projeto político global. Desta forma, o status universal do termo (e do movimento político) é confirmado, parecendo transcender suas articulações particulares. No mínimo, em linguagem internacional na ONU, no Banco Mundial, na Fundação Ford, e para muitas ONGs, que quer que se perca ou mude na tradução, o aparecimento da palavra "gênero" chama a atenção para o tratamento desigual das mulheres.

De fato, em alguns usos locais (vernáculos árabes, apesar de não serem convenções escritas, por exemplo), a palavra "gênero" carrega em si uma demanda por igualdade entre homens e mulheres. Então aqueles que se opõem a reivindicações feministas irão simplesmente dizer que se opõem ao "gênero".

É verdade que "gênero" nem sempre significa a igualdade feminina. Gênero, algumas vezes, pode ser usado apenas como um sinônimo para mulheres, por vezes, um eufemismo para

³⁷ Comentando sobre essa passagem, Elizabeth Weed cita: "... a declaração ... oferece um vislumbre atordoante a justaposição que é o gênero. Idealmente, a declaração do grupo as Nações Unidas gostaria de ser capaz de apelar para algum tipo de verdade categórica. Não havendo essa possibilidade, ela apela a ao "uso comum, amplamente aceito," o uso que é validado por um passado costumeiro (não importando que "gênero" é mais do que um termo gramatical que existiu limitadamente por algumas décadas). Em suma, tudo o que a declaração pode oferecer é uma língua que permanece para um referente que não pode ser denominado. E, seja qual for o referente inominável, ele deve sempre depender no poder do uso costumeiro e no significado que ele evoca. Em outras palavras, em lugar de uma verdade visível, a língua faz o seu serviço." Elizabeth Weed, "From the 'Useful' to the 'Impossible' in the Work of Joan W. Scott," em Judith Butler and Elizabeth Weed, eds. *The Question of Gender: O feminismo crítico de Joan W. Scott*. Bloomington: Indiana University Press, 2011, P. 289

sexo. A adesão do termo por jornalistas, "diferença de gênero" ("gender gap" em inglês) por exemplo, pode conotar nada mais que as diferenças de comportamento entre homens e mulheres. Até mesmo quando expor as desigualdades é o objetivo (ONGs, as Nações Unidas, fundações filantrópicas, e o Banco Mundial), "gênero" pode estreitar o foco das relações locais entre homens e mulheres quando são efeitos de uma economia em larga-escala e processos geopolíticos que precisam ser abordados.

Sem mudanças nas estruturas que fundamentam a pobreza e a desigualdade, procurando mulheres empobrecidas no sul global como fonte de mão – de - obra barata, causando grandes fluxos de migração internacional e transferências maciças de população e riqueza, é difícil imaginar como o que essas organizações internacionais chamam de "empoderamento das mulheres" pode ser alcançado. Por esta razão, o próprio termo "gênero" foi criticado como um "esquema imperialista para admitir mulheres do mundo," e sua ênfase exclusiva sobre o patriarcado considerado uma distração da crítica ao capitalismo que feministas deveriam realizar. (BADEN, GOETZ, 1997, P. 6)(MASSAD, 2015. P. 158-165)³⁸(SPIVAK, 1993. P 188-192). Alguns dos problemas sobre o uso de "gênero" e sua tradução tem a ver com as discordâncias entre as feministas (normalmente entre linhas Sulistas e Nortenhas) sobre a importância econômica em suas críticas.

Ainda assim, focamos na questão feminista das traduções de gênero – aquelas que visam explicitamente desafiar a subordinação feminina – há semelhanças e divergências que, por sua vez, expõem ambiguidades que o conceito adquiriu em sua história relativamente curta. Essas semelhanças tem a ver com a discriminação baseada no sexo. Então a feminista romena Enikő Magyari-Vincze cita:

Falar sobre a tradução se torna uma forma de entender a complexa relação entre línguas e as circunstâncias sociais... Traduzir o termo "gênero" significa para mim focar em seu potencial, enquanto apoiado no ponto de vista feminista – um sistema complexo de relações de poder que são enraizadas em discursos e instituições, que produzem posições subjetivas, hierarquias e desigualdades entre

³⁸ Baden e Goetz citam um panfleto das mulheres revolucionárias das Filipinas. Veja Spivak e Massad sobre a questão da dominação colonial.

homens e mulheres de diferentes etnias, classes, orientação sexual, idade, entre outros.

(MAGYARI-VINCZE, 2002)

Para Magyari-Vincze o "ponto de vista feminista" é uma perspectiva universal, uma análise em relações de poder baseadas no sexo, das mais diversas formas que assumam. Gênero é um conceito que permite essa análise utilizando relações de poder femininas/masculinas assim como seu objeto. Traduzir gênero, para ela, é uma forma de expor "um sistema complexo de relações", e o objetivo é encontrar palavras em sua própria língua que façam esse trabalho.

As divergências nas traduções de "gênero" tem a ver com a resistência que os teóricos na tradução chamam de línguas ou culturas de "chegada" em uma máxima lógica de desnaturalização, devida a ideia não apenas de papéis sociais, mas o próprio significado que homens e mulheres são socialmente determinados. Uma coisa é insistir que os papéis atribuídos a mulheres e homens é mutável, mas parece algo bem diferente sugerir que não há nada fixo sobre o que considerar sobre homens e mulheres. No primeiro caso, a distinção sexo/gênero (natureza/cultura) se sustenta como um constante lembrete reconfortante que os entendimentos normativos sobre as diferenças de sexo são garantidos. Já o segundo caso não assegura tal possibilidade. Mas o segundo caso é implícito de primeira, ou pelo menos é presumida a irrelevância da biologia para papéis sociais e abre a possibilidade para diferentes tipos de corpos assumindo tais papéis. Se o sexo não determina o gênero, então o que justificaria o fortalecimento das normas heterossexuais? Essa é uma tensão que caminha junto ao gênero; torna-se conhecido em conflitos sobre essa tradução que hora tenta impedir ou reconhecer os impactos problemáticos da ideia.

Aqui podemos apontar para um artigo de 2014 em *Signs* por Lola Sanchez que identifica uma discrepância entre algumas palavras no meu artigo original, "Gender: a Useful Category of Analysis" e a em sua tradução em espanhol. Sanchez aponta que meu trabalho se refere a "notáveis diferenças entre os sexos," (em seu modo aprovando ideia de Butler de que gênero define corpos sexuais; que não há um significado transparente para diferenças anatômicas, que

o sexo, como gênero, é um "construção social"). A tradução em espanhol deixa de lado a palavra "notáveis" e utiliza "as diferenças que distinguem os sexos" (introduzindo, assim, o próprio essencialismo biológico que meu artigo estava tentando evitar). Sanchez atribui isso a dificuldade que "a nossa cultura" (na Espanha) possui em abandonar que "sexo é... algo presocial." (SANCHEZ, 2014. P. 574)

Uma resistência similar é evidente no Egito. De acordo com Samia Mehrez: "o uso (em Árabe) de substantivos essencialistas "nau" ou "jins" (espécies, tipos) para traduzir gênero, dada a sua história e atual notável significado, reforçando noções de distinção e diferenças. Ambas as traduções nos posicionam em categorias naturais e fixas. Subitamente, perdem-se ideias de identidades socialmente construídas, de formação e de desempenho, todas elas integradas no conceito de gênero tal como o entendemos hoje" (MEHREZ, 2007. P. 112).

2.4

Uma longa história de textos feministas tinha proclamado que "a mente não tem sexo", que ter filhos seria (nas palavras do revolucionário francês, o Marquês de Condorcet) apenas "uma breve indisposição", que não deveria desqualificar as mulheres de uma cidadania ativa, e que a desigualdade foi uma invenção de homens, não da natureza. (CONDORCET, 1790). Para as feministas Anglo-Americanas do século XX "gênero" esclareceu esta distinção feminista de longa data entre diferenças sociais e biológicas. A distinção sexo/gênero foi uma forma acessível para que feministas da Segunda Onda formassem sua crítica social. Quer o sexo fosse o terreno biológico e o gênero a sua interpretação social, ou o gênero a distinção cultural que, após o facto, estabelecia como referência organismos sexistas, o objetivo era insistir numa distinção entre eles. Em linguagem coloquial inglesa isso era difícil o suficiente.

Como o dicionário American Heritage observou em 1992, a distinção entre sexo e gênero era "útil em princípio, mas... de modo algum amplamente observado, e uma variação considerável em uso ocorre em todos os níveis. Foi ainda mais difícil quando as feministas lutaram para encontrar equivalentes adequados em outras línguas. Donna Haraway sugeriu, em seu esforço de traduzir para o público alemão ("Gênero para um Dicionário Marxista"), que o sexo/gênero representou um tipo de pensamento binário que é um peculiar fenômeno ocidental (HARAWAY, 1991). Mas penso que isso é um exagero nesse caso, já que em muitas línguas Europeias o "binário" não existe. Ao invés disso, a mesma palavra era usada para sexo e gênero.

Em outros casos, os referentes biológicos e sociais carregavam tantas outras conotações em que as feministas procuravam em um equivalente linguístico e tinham que escolher entre alternativas não satisfatórias. A escolha do neologismo "gênero" era uma saída para o impasse, porém, inevitavelmente problemático recebeu noções de relações entre sexo, gênero e sexualidade.

A Comissão de Terminologia e Neologia decidiu, em 2005, que "a substituição de gênero por sexo não responde a uma necessidade linguística," e, portanto, não possui lugar no léxico francês. Algumas feministas concordaram, preferindo "as relações sociais do sexo" (les rapports sociaux de sexe) ou "as relações de poder do sexo" (les rapports de force de sexe) para gênero. Outras, no entanto, usaram tanto termo inglês "gender" ou o francês "genre," extendendo o seu significado além do gramatical e da noção de estilo ou tipo. As feministas escandinavas afirmam que as palavras "kjønn" (Norueguês), "køn" (dinamarquês) e "kön" (Sueco) abrangem os significados tanto do "sexo" como do "gênero", tanto do físico como do social.³⁹ A busca por algo que os distinguiria levou acadêmicos ao termo "genus," no qual escolheram como um equivalente para gênero, enquanto outros insistiram que "genus" supunha que o entrelaçamento entre a biologia e a cultura é mais "simbiótica" e mais "performativa".

O estudioso literário Iraquiano Ferial Ghazoul relatou no jornal bilíngüe Alef que os editores decidiram "não arabizar o termo "gênero", dando-lhe uma pronúncia e escrita árabe, mas derivar um termo a partir da raiz árabe que corresponde ao significado etimológico de 'gênero'." A raiz trilateral j-n-s gerou tantos termos especificamente definidos, como jins (sexo), jinsaniyya (sexualidade), ajinas (raças), jinas (aliteração), tanjis (naturalização e homogeneização), entre outros. Usar qualquer um destes termos acrescentaria confusão a um conceito já mal compreendido. Embora o fator biológico esteja presente no gênero, o termo não é biológico, mas sim cultural. Assim, nós traduzimos o gênero (a formalização coletiva da imagem, status, tarefas, direitos e responsabilidades potenciais de homens e mulheres em uma determinada cultura em um determinado momento histórico) em árabe no neologismo j [u]nusa que corresponde morfologicamente a unutha (feminilidade) e dh[u]kura (masculinidade). J[u]nusa (gênero) incorpora noções do masculino e do feminino como eles são percebidos em um determinado tempo e lugar, com todas as reviravoltas ideológicas e políticas que tal construção uma visão implica" (GHAZOUL, 1999).

³⁹ "Genus", como gênero, pode ser traçada de volta para o grego antigo γένος – genos, definido como "raça, linhagem, parentes," então sua utilização, na verdade, diminui, especificamente, o aspecto sexual que está presente em kön e seus equivalentes, enquanto que, não obstante, importa uma fundamentação biológica. Veja os vários artigos sobre a questão da tradução de gênero em diferentes línguas na coleção de artigos editados por Rosi Braidotti e col (2001).

Na Bulgária (como em outros países da Europa Oriental) as escolhas foram entre "rod" e "pol", o primeiro – decididamente assexuado – denotando parentesco ou nação, o segundo os órgãos sexuais, o ato sexual ou mesmo doenças sexualmente transmissíveis. Mas "pol" era também etimologicamente próximo da palavra búlgara para metade e dividir, então a diferença sexual poderia ser elidida com a diferença de gênero, evitando e reconhecendo ao mesmo tempo os significados essencialistas que as feministas queriam contestar. Debates sobre qual foi a tradução mais apropriada apresentado, diz Miglena Nikolchina, não tanto uma oposição entre essencialismo e anti-essencialismo, mas sim "uma certa compreensão da praxis da teoria feminista." Enquanto as feministas acadêmicas debatiam as virtudes de "rod" e "pol", muitas ONGs (e a própria Nikolchina) optaram pelo neologismo "gênero" (NIKOLCHINA, 2001).

Nikolchina sugere que as próprias dificuldades de tradução podem se tornar um local de pesquisa sobre os pressupostos teóricos e estratégicos do feminismo em suas interações locais/globais. Esta é uma maneira de explorar a noção de Tsing de um "contínuo heterogêneo" produzido quando as categorias universais são baseadas em usos locais e quando diferentes usos locais refletem desacordos filosóficos e políticos. Acrescentaria, no entanto, que os desacordos também falam de tensões já contidas no próprio termo; a tensão entre a natureza e a cultura, os organismos e as práticas é evidente nesses desacordos sobre os quais as palavras locais, se as houver, são adequadas para tornar o conceito inteligível e politicamente eficaz.

ANEXO III - TABELA ESPELHADA - SMARTCAT (TEXTO ORIGINAL E TRADUÇÃO)

Nº	Partida (EN-US)	Chegada (PT-BR)	Tarifa
1	John Benjamins Publishing Company	John Benjamins Publishing Company	Tra duç ão (M T)
2	This is a contribution from Border Crossings.	Esta é uma contribuição por Border Crossings	Tra duç ão
3	Translation Studies and other disciplines.	Estudos de tradução e outras disciplinas.	Tra duç ão (M T)
4	Edited by Yves Gambier and Luc van Doorslaer.	Editado por Yves Gambier e Luc Van Doorslaer	Tra duç ão
5	© 2016.	© 2016.	Tra duç ão

6	John Benjamins Publishing Company	John Benjamins Publishing Company	Tra duç ão (M T)
7	This electronic file may not be altered in any way.	Este arquivo eletrônico não pode ser alterado de forma alguma.	Tra duç ão (M T)
8	The author(s) of this article is/are permitted to use this PDF file to generate printed copies to be used by way of offprints, for their personal use only.	O(S) autor (es) deste artigo é/são autorizados a usar este arquivo PDF para gerar cópias impressas a serem usadas por meio de offprints, apenas para seu uso pessoal.	Tra duç ão (M T)
9	Permission is granted by the publishers to post this file on a closed server which is accessible to members (students and staff) only of the author's/s' institute, it is not permitted to post this PDF on the open internet.	A autorização é concedida pelos editores para postar este arquivo em um servidor fechado que é acessível aos membros (estudantes e funcionários) apenas do Instituto do autor/s, não é permitido postar este PDF na internet aberta.	Tra duç ão (M T)
10	For any other use of this material prior written permission should be obtained from the publishers or through	Para qualquer outra utilização deste material, a autorização prévia por escrito deve ser obtida junto dos editores ou	Tra duç ão

	the Copyright Clearance Center (for USA: www.copyright.com).	através do centro de autorização de direitos de Autor (para os EUA): www.copyright.com).	(M T)
1 1	Please contact rights@benjamins.nl or consult our website: www.benjamins.com	Contatar rights@benjamins.nl ou consultar o nosso site: www.benjamins.com	Tra duç ão (M T)
1 2	Tables of Contents, abstracts and guidelines are available at www.benjamins.com	Índice, resumos e orientações estão disponíveis em www.benjamins.com	Tra duç ão
1 3	Gender studies and translation studies	Os estudos de gênero e o estudo da Tradução	Tra duç ão
1 4	“Entre braguette” – connecting the transdisciplines	"Entre braguette" - conectando transdisciplinas	Tra duç ão
1 5	Luise von Flotow and Joan W. Scott	Luise von Flotow e Joan W. Scott	Tra duç ão
1 6	University of Ottawa / Institute for Advanced Study, Princeton, New Jersey & Graduate Center of the City University of New York	Universidade de Ottawa/ Instituto de Estudos Avançado, Princeton, Nova Jersey & Centro de Graduação da Cidade de Nova Iorque	Tra duç ão

17	<p>Gender studies and translation studies are related in many different ways: both are trans-disciplinary fields that play roles in numerous other academic disciplines – in the social sciences, the humanities, in law and in medicine, as well as in commerce.</p>	<p>Estudos de gênero e estudos da tradução estão relacionados de várias formas diferentes: ambos são áreas trans-disciplinares que exercem papéis em inúmeras outras disciplinas acadêmicas como, por exemplo, nas ciências sociais, nas ciências humanas, no direito e na medicina, assim como no comércio.</p>	<p>Tra duç ão</p>
18	<p>Both raise questions about socio-cultural and political meaning-fulness, and its control – whether in regard to sexual difference or textual differ-ence –, and both operate across linguistic, cultural, geographical and national borders.</p>	<p>Ambos levantam questões sobre a relevância socio-cultural e política, e o seu controle - seja em relação a diferenças sexuais ou textuais. Além disso, ambas funcionam permeando a linguística, cultural, fronteiras geográficas e nacionais.</p>	<p>Tra duç ão</p>
19	<p>This chapter explores the many ways the two disciplines connect, with Joan Scott’s essay on the translation issues around the English term “gender” in international forums serving as the stimulus for a broader discussion about how these two areas of study can be brought together.</p>	<p>Este capítulo explora os pontos principais em que esses dois estudos se conectam, com um ensaio escrito por Joan Scott em relação aos problemas de tradução envolvendo o termo "gênero" em fóruns internacionais, servindo de um estímulo para uma maior discussão em como essas duas</p>	<p>Tra duç ão</p>

		áreas de estudo podem ser unidas.	
20	Keywords: gender, sex, sexuality, sexual difference, psychoanalysis, “faithless translation”, UN Commission on the Status of Women, UN Conference Beijing 1995, International Criminal Court, feminist translation	Palavras-chave: gênero, sexo, sexualidade, diferenças sexuais, "tradução infiel", Comissão sobre a Situação das Mulheres, Conferência de Pequim de 1995, Tribunal Internacional de Crimes de Guerra, tradução feminista	Tra duç ão (M T)
21	Foreword (Luise von Flotow)	Prefácio (por Luise von Flotow)	Tra duç ão (M T)
22	How does translation impact gender studies? and how can translation studies shed light on the translingual, transnational, and transcultural aspects of gender studies.	Como a tradução pode impactar nos estudos de gênero? E como os estudos da tradução esclarece os aspectos transnacionais, trans-linguistas e transculturais dos estudos de gênero.	Tra duç ão
23	In fact how can the juxtaposition and interweaving of these two fields work to expand the exploration of the interdisciplinary and international issues they touch?	De fato, como a justaposição e entrelaçamento desses dois campos de estudo podem expandir a análise dos problemas interdisciplinares e internacionais que permeiam?	Tra duç ão

2 4	These are the questions that motivate this collaborative effort to think about the connections between two important ‘transdisciplines’: translation studies on the one hand and gender studies on the other.	Estas são as questões que motivam o esforço colaborativo para pensar sobre as conexões entre essas duas importantes "transdisciplinas": por um lado, estudo da tradução, por outro, os estudos de gênero.	Tra duç ão
2 5	The two fields developed more or less in parallel over the last thirty years of the 20th century, and have played strong roles in bringing once “marginal” concerns – women and translation, to put it simply – into the purview of more traditional academic disciplines.	Consideradas áreas que se desenvolveram quase em paralelo pelos últimos trinta anos, em pleno século 20, e que podem ter exercido um papel importante na discussão, uma vez marginalizada, da mulher e a tradução, em relação a disciplinas consideradas mais tradicionalmente acadêmicas.	Tra duç ão
2 6	While gender studies made enormous inroads into the	Enquanto os estudos de gênero fizeram enormes incursões no	Tra duç ão (M T)
2 7	doi 10.1075/btl.126.17von	doi 10.1075 / btl.126, 17 von	Tra duç ão (M T)

28	© 2016 John Benjamins Publishing Company	© 2016 John Benjamins Publishing Company	Tra duç ão (M T)
29	Luise von Flotow and Joan W. Scott	Luise von Flotow e Joan W. Scott	Tra duç ão
30	Gender studies and translation studies	Estudos de Gênero e Estudos da Tradução	Tra duç ão (M T)
31	© 2016.	© 2016.	Tra duç ão
32	John Benjamins Publishing Company All rights reserved	John Benjamins Editora todos os direitos reservados	Tra duç ão (M T)
33	© 2016.	© 2016.	Tra duç ão
34	John Benjamins Publishing Company All rights reserved	John Benjamins Editora todos os direitos reservados	Tra duç ão

3 5	<p>humanities and social sciences as well as law, medicine and international affairs over the course of the 1980s and came to denote much more than women's studies in the 1990s, translation studies has been coming into its own as an academic field in the current wave of globalization.</p>	<p>Enquanto os estudos de gênero fizeram enormes trabalhos em campos como as ciências sociais e humanas, assim como no direito, medicina e assuntos internacionais no decorrer dos anos 80. Na década de 1990, se destacou muito mais em relação aos estudos das mulheres, o estudo da tradução se tornou um área de importância acadêmica por conta própria com a globalização.</p>	Tra duç ão
3 6	<p>Numerous publications, conferences, and academic programs in many different countries attest to its growing impetus, driven by the realization that monolingual cultures may be a thing of the past, and that our world has not only grown smaller but linguistically and culturally much more diverse, and also accessible.</p>	<p>Inúmeras publicações, conferências e programas acadêmicos em diferentes países atestam essa crescente, impulsionada pelo entendimento que culturas mono-linguistas são ultrapassadas e que nosso mundo não ficou apenas menor, mas também linguisticamente e culturalmente muito mais diversificado e acessível.</p>	Tra duç ão
3 7	<p>Translation is everywhere after all, and always has been – in the ancient and in the more recent pasts.</p>	<p>A tradução está presente em todos os lugares, e sempre esteve desde a antiguidade até os dias atuais.</p>	Tra duç ão

38	<p>It is traceable in the spread of ideas, religions, influence, commercial exchanges, and increasingly today, in international organizations, treaties, and courts of law.</p>	<p>Atualmente, perceptível na difusão de ideias, religiões, influências, intercâmbios comerciais e, cada vez mais, em organizações internacionais, tratados e tribunais de direito.</p>	Tradução
39	<p>Gender, or perhaps more appropriately, differences of sex and the social and political arrangements that seek to manage these differences, are everywhere as well, and have always been an important element in the structuring of human societies.</p>	<p>Gênero, ou talvez mais apropriadamente, nas diferenças entre sexo, social e condições políticas que buscam gerir essas diferenças, encontram em todos os lugares e são um importante elemento na estrutura das sociedades humanas.</p>	Tradução
40	<p>Like translation, the concept of gender, developed by feminist thinkers in English in the 1970s to explain and address the socio-cultural and political aspects of human sexual difference has also entered the international realm: in human rights proclamations, in UN initiatives, and in the work of NGOs and many other national and international organisms besides being present in every academic field.</p>	<p>Como a tradução, o conceito de gênero foi desenvolvido por feministas inglesas na década de 1970, para explicar e nomear os aspectos sócio-culturais e políticos das diferenças sexuais humanas. Essa discussão também adentrou o plano internacional: na proclamação internacional dos direitos humanos, uma iniciativa da ONU, pelo trabalho de ONGs e muitas outras organizações nacionais e internacionais, além</p>	Tradução

		da presença em âmbito acadêmico.	
4 1	The two transdisciplines are structurally similar – both with universal, international aspects but also with strong local systems and applications where the struggle over meaning and the power to determine meaning is a constant.	Essa transdisciplinaridade são estruturalmente similares, ambas com aspectos universais e internacionais. Porém, também possuem sistemas fortes locais e de aplicação, onde a dificuldade de determinar e o poder de determinar um significado é uma constante.	Tra duç ão
4 2	Over the course of the 1990s, translation studies scholars brought feminism, women's studies and gender studies into their research, and numerous books and articles ensued.	Ao longo da década de 1990, os estudiosos da tradução trouxeram o feminismo, o estudo das mulheres e os estudos de gênero para seu campo de pesquisa, e vários livros e artigos foram publicados.	Tra duç ão
4 3	These publications circulated widely among translation studies academics and were also read in cultural and literary studies.	Essas publicações circularam amplamente por acadêmicos da tradução e também eram acessados por estudos culturais e na literatura.	Tra duç ão
4 4	Their influence in the field of gender studies has been visible where questions arose in bi- or multilingual literary studies.	Essa influência nos estudos de gênero pode ser notada onde questões aparecem em estudos literários bilíngues ou multilíngues.	Tra duç ão

4 5	The influence of translation studies has been less evident in the social sciences, law and politics and in other areas where there is less awareness of multilingualism or of translation as a vehicle of influence and change.	A influência do estudo da tradução foi menos evidente nas ciências sociais, direito e na ciência política. Isso é visto em outras áreas em que há pouca consciência do multilinguismo ou uso da tradução como veículo de influência e mudança.	Tra duç ão
4 6	The purpose of this text is to stimulate interest in further exploring and developing this contact zone, and to promote research where gender studies, in a wide range of academic disciplines, can fruitfully be approached from the perspective of translation.	O objetivo deste texto é estimular o interesse em continuar a explorar e desenvolver essa zona de contato, e para promover pesquisas onde os estudos de gênero, na maior gama de disciplinas acadêmicas possíveis, pode ser abordada de forma eficaz pela perspectiva da tradução.	Tra duç ão
4 7	Some work has already been done in this area, notably in a study of the travels, through translation, of the American feminist medical self-help book, <i>Our Bodies, Ourselves</i> .	Alguns trabalhos já foram feitos nessa área, destacando o estudo de viagens, por meio da tradução, do livro feminista médico americano de auto-ajuda, " <i>Our Bodies, Ourselves</i> ".	Tra duç ão
4 8	Kathy Davis (2007) examines the different routes this iconic health manual has taken to	Kathy Davis (2007) analisa as diferentes rotas que esse icônico manual de saúde tomou para	Tra duç ão

	arrive in languages as diverse as Chinese, Arabic and Italian.	chegar a diversas línguas como o chinês, o árabe e até o italiano.	
49	She explores how the target cultures as much as the target languages have had an impact on controlling the information about women's health that is allowed to move into	Ela explora como as culturas de chegada, assim como as línguas de chegada tiveram um impacto em controlar as informações sobre a saúde da mulher, que poderia ser levada a	Tra duç ão
50	a local culture via translation.	uma cultura local pela tradução.	Tra duç ão
51	The study reflects on the linguistic and cultural challenges that face international or transnational feminisms, many of which do not become evident until translations are undertaken, and the problems arise.	Esse estudo reflete nos desafios linguístico-culturais que o feminismo transnacional e internacional enfrenta. Muitos não são identificados até que as traduções sejam feitas e os problemas comecem a aparecer.	Tra duç ão
52	That is the moment when serious issues of understanding and censorship come up.	Esse momento é quando problemas sérios de compreensão e censura começam a surgir.	Tra duç ão
53	But Davis' study also examines how the source text develops and changes as a result of its encounter with foreign cultures through translation; some of the	Mas o estudo feito por Davis também analisa como o texto de partida se desenvolve e muda como um resultado do seu próprio contato com línguas	Tra duç ão

	<p>homegrown information suddenly requires re-examination, development, and greater scope.</p>	<p>estrangeiras por meio da tradução. Logo, algumas das informações produzidas localmente precisam ser novamente analisadas, desenvolvidas e de maior extensão.</p>	
5 4	<p>Similarly, the American and now increasingly international studies of the translations of Beauvoir's <i>Le deuxième sexe</i> (1949) – a key text for Second Wave feminism – have launched re-readings and revisions of Beauvoir reception, not only in English but also in languages such as Chinese, which had used the bowdlerized English version of 1953 as a source text.</p>	<p>Similarmente, os estudos americano e, agora gradualmente internacional, da tradução de Beauvoir <i>Le Deuxieme Sexe</i> (1949) - um texto crucial para a segunda onda do feminismo - desencadearam releituras e revisões desta ideia de recepção de Beauvoir, não apenas no inglês, mas também em línguas como o chinês, que usaram a versão em inglês incompleta da obra de 1953 como texto fonte.</p>	Tra duç ão
5 5	<p>In deciding to sell Beauvoir's book as a sex manual, Knopf, the commissioner and publisher of the first English translation, insisted on extensive cuts and changes in the text, which led to significant misrepresentations of</p>	<p>Ao decidir vender o livro de Beauvoir como um manual do sexo, Knopf, o comissário e editor da primeira tradução do livro, insistiu em cortes excessivos e grandes mudanças no texto. Com isso, foi</p>	Tra duç ão

	Beauvoir's thinking (Bogic 2011).	deturpado os pensamentos de Beauvoir (BOGIC, 2011)	
5 6	The critical work on the English translations of Beauvoir, which began in the 1980s, has greatly added to scholarly understanding of what translation processes mean, what effects they can have, and how they can be manipulated by money, power, and ideology.	O trabalho crítico sobre as traduções em inglês de Beauvoir, que se iniciaram na década de 1980, contribuiu para o entendimento acadêmico do que é o processo tradutório, quais os seus efeitos e como pode ser manipulado pelo dinheiro, poder e ideologias.	Tra duç ão
5 7	Of course, these controversies have also revealed the importance of studying translations and understanding their outcome and their functions, especially but not only in an area as sensitive as gender studies.	Mas é claro, essas controvérsias também revelam a importância dos estudos da tradução e entender seus resultados, funções e, especialmente, mas não se resumindo a isso, sua importância em áreas sensíveis como os estudos de gênero.	Tra duç ão
5 8	Most recently, a special issue of the Comparative Literature Studies journal provides further examples of how questions of translation and gender can fruitfully be brought together.	Recentemente, em uma edição especial da revista Comparative Literature Studies (Estudos de Literatura Comparada) fornece exemplos de como questões sobre gênero e tradução podem ser plenamente reunidos.	Tra duç ão

59	<p>Pierre Zoberman (2014) examines the meaning of the word “homme” [man] and other supposedly gender neutral terms in French moralist texts from the 17th century, and asks how they might be translated into English today: should they be rendered “germane” to the concerns of readers today, or should they remain as non-neutral and slippery as they are in the source texts?</p>	<p>Pierre Zoberman (2014) analisa o significado da palavra "homme" [homem] e outros termos supostamente neutros em textos moralistas franceses do século 17. Com isso, questiona como eles devem ser traduzidos para o inglês contemporâneo: devem eles serem fornecidos de forma relevante para os leitores de hoje, ou devem permanecer classificados como não-neutro e evasivos como nos textos originais?</p>	Tradução
60	<p>Sergey Tyulenev (2014) considers the role played by translation in westernizing Russian verbal arts in the 18th and early 19th centuries, in particular when sexuality was introduced as a literary theme.</p>	<p>Sergey Tyulenev (2014) considera que o papel desempenhado por traduções de artes verbais russas ocidentais nos séculos 18 e 19, em particular quando a sexualidade foi introduzida como um tema na literatura.</p>	Tradução
61	<p>And Serena Bassi (2014) explores the changes a queer character undergoes in translation from Italian to English when American</p>	<p>E Serena Bassi (2014) explora as mudanças que um personagem <i>Queer</i> passa na tradução do italiano para o inglês quando a heteronormatividade era</p>	Tradução

	“homonormativity” is imposed as the interpretation of queer.	imposta sobre a interpretação do que era queer.	
6 2	Predictably, here, the focus is on gender issues in literary work and their manifestations/adaptations in translation.	Previsivelmente, aqui, o foco está nas questões de gênero na literatura e suas manifestações/adaptações na tradução.	Tra duç ão
6 3	But issues of translation and gender arise in everyday events as well, far beyond the pale of academic disciplines, and involve high politics as well as political philosophy.	Mas alguns pontos de tradução e gênero surgem em eventos cotidianos, bem além das suaves disciplinas acadêmicas, que envolvem a política assim como a filosofia-política.	Tra duç ão
6 4	The scandal around Dominique Strauss-Kahn (DSK) is a case in point (Apter 2012); it not only raises serious questions about “the nature of sexual citizenship” – does gender determine a citizen’s rights, obligations, and	O escândalo envolvendo Dominique Strauss-Kahn (DSK) é um caso em questão (APTER, 2012). Não apenas levanta sérios questionamentos sobre a "natureza da cidadania sexual", em que gênero determinaria os direitos, obrigações e	Tra duç ão
6 5	Luise von Flotow and Joan W. Scott	Luise von Flotow e Joan W. Scott	Tra duç ão
6 6	Gender studies and translation studies	Estudos de Gênero e Estudos da Tradução	Tra duç ão

			(M T)
6 7	© 2016.	© 2016.	Tra duç ão
6 8	John Benjamins Publishing Company All rights reserved	John Benjamins Editora todos os direitos reservados	Tra duç ão
6 9	© 2016.	© 2016.	Tra duç ão
7 0	John Benjamins Publishing Company All rights reserved	John Benjamins Editora todos os direitos reservados	Tra duç ão
7 1	protections? – but also shows the role translation plays in enunciating, under- standing, and interpreting fundamental beliefs that are taken to ground societal and legal norms for such citizenship.	proteções de um cidadão. Mas também mostra o papel que as traduções exercem em enunciar, entender e interpretar as crenças fundamentais que são utilizadas para criar normas legais e sociais sobre a cidadania.	Tra duç ão
7 2	Under the heading of “Translation Wars,” Apter recounts a very public altercation between historians Irène Théry (France) and Joan	Sob o título de "Translation Wars" (Guerras Tradutórias), Apter narra uma discussão pública entre as historiadoras Irène Théry (França) e Joan W.	Tra duç ão

	<p>W. Scott (USA) that developed out of the scandal and ultimately turned on the topic of sexual citizenship.</p>	<p>Scott (USA) que se desenrolou após o escândalo e se transformou no tema sobre a cidadania sexual.</p>	
7 3	<p>Responding to (French) caricatures of American feminism as “a kind of sexual Stalinism,” Scott described Théry’s French take on the DSK affair as founded on a “naturalized, ahistorical version of inequality” that is based on (French) notions of “seduction as a national way of life” and that would support the rights of a white male member of the political elite over those of a black immigrant female hotel employee.</p>	<p>Em resposta a caricaturas francesas do feminismo americano como um "tipo de Stalinismo sexual:, Scott descreveu a perspectiva de Théry sobre DSK como algo fundado em uma "versão naturalizada e infundada da iniquidade", baseada em noções (francesas) de "sedução como um estilo nacional de vida". Isso apoiaria o direito maior do homem branco da elite política sobre o da imigrante negra, mulher, funcionária de baixa renda.</p>	<p>Tra duç ão</p>
7 4	<p>The question of translation or mistranslation arose in two places over the course of these arguments: first, in the reading and interpretation of a 15th century poem deemed to ground this national politics of seduction which Scott reads differently than Théry, and</p>	<p>A questão da tradução e da tradução equivocada surge em dois momentos no curso dessa discussão: primeiro, na leitura e interpretação do poema, escrito no século 15, julgada como a fundamentação dessa política nacional de sedução que Scott interpreta diferentemente de</p>	<p>Tra duç ão</p>

	<p>second, in the very word gender which, translated into French as “genre”, hardly means what it does in English.</p>	<p>Théry. Em um segundo momento, a própria palavra "gênero" que, traduzida no francês "genre", não significa em quase nada com a sua versão em inglês.</p>	
7 5	<p>The trans-Atlantic discussions triggered by the DSK affair point not only to differences in feminist and gender politics internationally but also to the questions of language and text interpretation that dog attempts to devise legal or political solutions to such differences.</p>	<p>A discussão transatlântica desencadeada pelo caso DSK aponta não apenas a diferenças entre a visão internacional política sobre o feminismo e gênero, mas também questões sobre a interpretação da língua e de texto onde há uma tentativa de encontrar soluções legais e políticas para tais diferenças.</p>	Tra duç ão
7 6	<p>In what follows, Joan W. Scott raises many issues around the translation of the English term “gender”: when it moves into other languages, into international situations for international use, in the wake of feminist politics and in the face of right-wing anxieties over such politics.</p>	<p>No que se segue, Joan W. Scott levanta muitos problemas que envolvem a tradução para o inglês do termo "gênero". Quando movido de uma língua a outra, para situações e uso internacional, na âmbito da política feminista ou em face da extrema-direita sobre tais políticas.</p>	Tra duç ão
7 7	<p>While Scott’s essay focuses on the trans- lation problems around the one single word</p>	<p>Enquanto o trabalho de Scott foca em problemas de tradução em torno de apenas um termo</p>	Tra duç ão

	<p>'gender,' this raises much broader questions that reach well beyond the translation of that one term.</p>	<p>"gênero", isso impulsiona questões muito maiores que abarcam muito mais que a tradução de uma única palavra.</p>	
7 8	<p>These pertain to the translatability of concepts which are deemed to be or are presented as 'uni- versal', and which must adapt or change when they move into local idioms and systems.</p>	<p>Essas questões dizem respeito à translatabilidade de conceitos que são considerados "universais", e que precisam ser adaptados ou mudados quando transportados para outros idiomas e sistemas locais.</p>	Tra duç ão
7 9	<p>They also ask about the hegemony of the English language and its aca- deme in regard to gender studies, and about the relationship of this currently powerful 'world language' with the many other traditions and ways of perceiving, understanding and managing human sexual differences.</p>	<p>Também é questionada a hegemonia do inglês enquanto língua e sua expressão no meio acadêmico em relação aos estudos de gênero. E de sua relação atual como uma "língua mundial" poderosa com muitas tradições e as formas de perceber, entender e gerenciar as diferenças sexuais humanas.</p>	Tra duç ão
8 0	<p>Other questions revolve around the fact that debates and texts about gender often reach far back into the history of ideas and civilizations, where the bases of current gender relations are located, in ancient</p>	<p>Outras questões envolvem o fato de que discussões e textos sobre gênero geralmente alcançam de forma remota o passado das ideias e civilizações, onde a base das relações atuais de gênero</p>	Tra duç ão

	philosophical and religious works.	estão localizadas, em antigos trabalhos filosóficos e religiosos.	
8 1	Texts such as the Bible and the Qu'ran, which still serve to establish rules for gender relations, have undergone multiple translations and rewritings, not only from ancient source languages but also through commentary and exegesis.	Textos como a Bíblia ou o Qu'ran ainda servem para estabelecer regras para as relações de gênero, passaram por várias traduções e reescritas, não apenas a partir de línguas antigas, mas também através de observação e exegese.	Tra duç ão
8 2	Translations of these texts have been done to fulfill the political purposes of various different translating authorities – competing churches, sects, subgroups – and have been deployed in colonialist politics around the world.	Traduções desses textos tem sido feitas para suprir propósitos políticos de diferentes autoridades na tradução, competindo com igrejas, seitas e subgrupos, e que foram implantadas em várias políticas colonialistas pelo mundo.	Tra duç ão
8 3	Indeed, they are still regulated to provide rules for the	De fato, elas continuam a ser controladas para fornecer regras para	Tra duç ão
8 4	management of human sexual differences. ¹ The study of the translation, re-translation and dissemination of such texts, especially from the perspective of gender relations today, would	o gerenciamento das diferenças sexuais humanas. 1. O estudo da tradução retradução e disseminação de tais textos, especialmente sob uma perceptiva da relação gênero dos	Tra duç ão

	seem to be of paramount importance.	dias atuais, parece ser de importância crucial.	
8 5	One simple question connecting translation studies and gender studies today can be formulated as follows: how do contemporary 'western' uses of the term 'gender' play out in translation on an international scale?	Uma pergunta simples conecta os estudos da tradução e os estudos de gênero atualmente, e pode ser formulada da seguinte forma: como o uso contemporâneo ocidental do termo "gênero" se reproduz em uma escala internacional?	Tra duç ão
8 6	This question generates many more, including work on the intersections of supposedly universal concepts such as 'gender' and the local conditions where they are put to use.	Essa pergunta gera muitas outras, incluindo o trabalho sobre as intersecções entre conceitos considerados universais como o termo "gênero" e as condições em que elas são colocadas em uso.	Tra duç ão
8 7	It can also provide for descriptions of how a new imported concept such as 'gender' affects the regulation of social and political life, which every society/culture seems to structure around human sexual differences (i.e. gender issues).	Ela também pode fornecer descrições de como um novo conceito importado, como "gênero" afeta a regulação da vida social e política, que toda sociedade/cultura parece estruturar em torno das diferenças sexuais humanas (ou seja, questões de gênero).	Tra duç ão (M T)

88	Joan Scott's essay below demonstrates and discusses some of the translation issues around the English term 'gender.' Her work is meant to serve as the impetus and stimulus for further research, conjoining gender and translation studies.	O artigo escrito por Joan W. Scott abaixo demonstra e discute alguns dos problemas de tradução em torno do termo em inglês "gênero". Seu trabalho tem o objetivo de estimular cada vez mais pesquisas sobre o paralelo entre os estudos de gênero e o estudo da tradução.	Tra duç ão
89	My afterword comments on this.	Os meus comentários finais sobre isto.	Tra duç ão (M T)
90	2. "Entre braguette" – notes on the translation of gender2 (essay Joan W. Scott)	2. "Entre braguette" - notas sobre a tradução do gênero2 (artigo por Joan W. Scott)	Tra duç ão (M T)
91	2.1	2.1	Tra duç ão
92	The title of this essay comes from a confusion of languages, not unusual at the United Nations where it occurred.	O título deste artigo tem a origem na confusão entre línguas, não incomum onde ocorreu, nas Nações Unidas.	Tra duç ão

93	The French Minister of the Rights of Women, speaking at a press conference held by the UN Commission on the Status of	O ministro francês dos Direitos da Mulher, numa coletiva de imprensa realizada pela Comissão das Nações Unidas sobre o Estatuto da Mulher,	Tradução (MT)
94	See Liturgiam authenticam (2001) in the Vatican library which has a special segment on gender issues in translating Roman Catholic liturgy: http://www.vatican.va/roman_curia/congregations/ccdds/documents/rc_con_ccdds_doc_20010507_comunicato-stampa_en.html , and the publications of the GIERFI (http://gierfi.org/) and the CERFI in Arabic (http://www.annisae.ma/) around Islamic feminism.	Ver Liturgiam authenticam (2001) na biblioteca Do Vaticano, que tem um segmento especial sobre questões de gênero na tradução da liturgia católica romana: http://www.vatican.va/roman_curia/congregations/ccdds/documents/rc_con_ccdds_doc_20010507_comunicato-stampa_en.galeria , e as publicações do GIERFI (http://gierfi.org/) e o CERFI em árabe (http://www.annisae.ma/) em torno do feminismo Islâmico.	Tradução (MT)
95	For their help in thinking through these questions I wish to thank Françoise Gaspard, Noah Salomon, Amel Gorani, Bruno Perreau and Steven Caton, as well as the participants in the forum on “Gender in Translation” at the	Por sua ajuda na reflexão de tais questionamentos eu gostaria de agradecer a Françoise Gaspard, Noé Salomon, Amel Gorani, Bruno Perreau e Steven Caton, bem como os participantes do fórum sobre "O Gênero na Tradução" na décima sexta	Tradução (MT)

	<p>16th Berkshire Conference on the History of Women (May 22–25, 2014): Gabriella Cano, Berteke Waaldijk, Ozlem Aslan and Fahriye Dinçer, whose brilliant papers (as yet unpublished) added a great deal to my understanding of the challenges of translation in general and of translating gender in particular.</p>	<p>Conferência de Berkshire sobre a História das Mulheres (22-25 Maio, 2014): Gabriella Cano, Berteke Waaldijk, Ozlem Aslan e Fahriye Dinçer, as quais os trabalhos brilhantes (ainda não publicado) acrescentaram muito para a minha compreensão dos desafios da tradução em geral e da tradução de gênero em particular.</p>	
96	<p>I also benefited from the Theory Reading Group Colloquium at Princeton University on “Theory, Translation, Universality,” (April 25, 2014) organized by Gavin Arnall and Katie Chenoweth.</p>	<p>Eu também me beneficieei do Colóquio do Grupo de Leitura da Universidade de Princeton sobre "Theory, Translation, Universality" (Teoria, Tradução e Universalidade)(25 de Abril de 2014) organizado por Gavin Arnall e Katie Chenoweth.</p>	Tra duç ão
97	<p>The papers by Peter Thomas, Brent Edwards, Jacques Lezra and Peggy Kamuf broadened my theoretical understanding of translation and of what was at stake in translations of gender.</p>	<p>Os artigos de Peter Thomas, Brent Edwards, Jacques Lezra e Peggy Kamuf ampliaram a minha compreensão teórica da tradução e do que estava em jogo nas traduções de gênero.</p>	Tra duç ão (M T)
98	<p>Women, wanted to indicate that the word gender had been put between brackets, as is</p>	<p>Mulheres, quis indicar que a palavra gênero tinha sido colocado entre parênteses, como</p>	Tra duç ão

	customary when there is a dispute about terminology.	é costume quando há uma disputa sobre a terminologia.	(M T)
9 9	In her rush to explain things, the minister used the French word for between (entre) and the English word, brackets, but with a definite French accent.	Com pressa em explicar as coisas, a ministra usou a palavra francesa para "entre" (entre) e a palavra inglesa "brackets" (parênteses) mas com um preciso sotaque francês soado como "braguette".	Tra duç ão (M T)
1 0 0	As a result, the phrase – “entre braguette” – which sounded entirely French and could mean something in that language, elicited roars of laughter from French speakers in the room.	Como resultado, a frase - "entre braguette"- que soa totalmente francesa e, que poderia significar algo na língua, causou uma onda de risos entre os francófonos na sala.	Tra duç ão
1 0 1	“Braguette” in French refers to “the vertical opening at the front of trousers,” that is to a man’s fly.	"Braguette "em francês refere-se à "abertura vertical na parte da frente das calças", ou seja, ao zíper da calça de um homem.	Tra duç ão (M T)
1 0 2	But “entre braguette” is not a formulation that would be typically used in ordinary conversation.	Porém, "entre braguette" não é uma composição que é tipicamente utilizada em uma conversa cotidiana.	Tra duç ão
1 0 3	The “between” can really only refer to being caught in a zipper (buttons are more forgiving) and	Esse "entre" pode simplesmente se referir a ficar preso em um zíper (botões são mais indulgentes) e, também,	Tra duç ão

	so conjures the nightmare of injury or castration.	representa o pesadelo de uma lesão ou castração.	
104	A fitting way, perhaps, of describing what was happening to the word gender in the CSW report.	Talvez, uma forma adequada de descrever o que estava acontecendo com o termo "gênero" no relatório da CSW.	Tra duç ão
105	I offer this anecdote, though, not for its resonances with Lacan's writing on the phallus (1977: 288) which, he tells us, "can play its role only when veiled."	Eu ofereço esta anedota, no entanto, não por suas ressonâncias com a escrita de Lacan sobre o falo (1977. P. 288) que, ele nos diz, "Pode desempenhar o seu papel apenas quando velado."	Tra duç ão (M T)
106	But rather to suggest that the terrain of translation – where we labor to produce equivalent meanings from one language to another – is a treacherous field.	Mas por sugerir que o terreno da tradução, no qual trabalhamos para produzir um equivalente de significado de uma língua para outra, é um campo traiçoeiro.	Tra duç ão
107	Errors of pronunciation, invocations of "faux amis," and attempts to find appropriate equivalences for idioms are only part of the problem.	Erros de pronúnciação, invocação dos "faux amis" ("falsos amigos" em francês), e as tentativas para encontrar equivalentes apropriados para idiomas são apenas parte do problema.	Tra duç ão

108	Differences of culture, history, political context, and what Roland Barthes (1986: 106) calls “neurotic structures” of societies complicate the effort even further.	Diferenças na cultura, história, contexto político e, no que Roland Barthes (1986. P. 106) chama de “estruturas neuróticas”, das sociedades intensificam ainda mais o esforço.	Tra duç ão
109	Although this is true for any number of words, whether they denote concrete objects or philosophical concepts, the term gender provides a particularly telling illustration.	Embora isso seja verdade para um número qualquer de palavras, seja denotando objetos concretos ou conceitos filosóficos, o termo “gênero” fornece um exemplo particularmente significativo.	Tra duç ão
110	Adapted – not without controversy – by English and American feminists from the writings of American medical doctors, it resonated around the globe – again, not without controversy – in the wake of Second Wave feminism.	Adaptado, não sem controvérsias, por feministas inglesas e americanas dos documentos médicos na América, ressoou pelo mundo, novamente, sem controvérsias, no surgimento da segunda onda do feminismo.	Tra duç ão
111	Often used (whether by scholars or policy analysts) simply to indicate attention to the situation of women (the discrimination they face, the inequalities they experience), it soon acquired the status of	Frequentemente usado (seja por acadêmicos ou por cientistas políticos) apenas para indicar atenção a situação das mulheres (a discriminação que enfrentam, as experiências com desigualdades), logo precisou de	Tra duç ão

	theory for its advocates and critics alike.	um status de teoria para seus defensores e críticos.	
1 1 2	Recently it has received a great deal of publicity as a result of its denunciation by religiously-inspired opponents of gay marriage.	Recentemente, recebeu uma boa quantidade de publicidade como resultado de denúncias de opositores religiosos ao casamento homossexual.	Tra duç ão
1 1 3	Pope Benedict's crusade against homosexuality was waged in the name of the immutable, god-given differences between women and men, said to be called into question by the invidious "theory of gender." ³ In France, in 2013, there were actually demonstrations with signs that said "Non, à la théorie du genre" and calls by right-wing Catholics and some of their Muslim allies to eliminate from programs of educational instruction, not just the word, but the	A campanha liderada pelo Papa Benedict contra a homossexualidade foi travada em nome das imutáveis diferenças, dadas por Deus, entre homens e mulheres que se diz ser colocada em questão pela nova indesejada "teoria de gênero". 3. Na França, em 2013, houveram protestos com cartazes que diziam "Non, à la théorie du genre" ("Não a teoria de gênero" em francês), e gritos entoados pela extrema-direita católica e alguns aliados muçulmanos em busca de eliminar os programas de instrução educacional. Não apenas a palavra, mas a	Tra duç ão

1 1 4	<p>http://www.independent.co.uk/news/world/europe/meditation-on-gender-lands-pope-in-hot-water-1210064.html and the Pope's 2008 Christmas message: http://www.vatican.va/holy_father/benedict_xvi/speeches/2008/december/documents/hf_ben-xvi_spe_20081222_curia-romana_en.html.</p>	<p>http://www.independent.co.uk/news/world/europe/meditation-on-gender-lands-pope-in-hot-water-1210064.galeria e a mensagem de natal de 2008 do Papa: http://www.vatican.va/holy_father/benedict_xvi/speeches/2008/december/documents/hf_ben-xvi_spe_20081222_curia-romana_en.galeria.</p>	Tra duç ão (M T)
1 1 5	<p>"ideology" it was taken to impose.</p>	<p>"ideologia" também aplicada.</p>	Tra duç ão
1 1 6	<p>The theory was reviled as an American import.</p>	<p>A teoria foi insultada como uma importação americana.</p>	Tra duç ão (M T)
1 1 7	<p>Although the notion that "one is not born, but becomes a woman" is Simone de Beauvoir's, it was the US philosopher Judith Butler who was accused of denying the determinations of god and nature.⁴ According to its French critics, the "theory of gender" was alien to the culture and</p>	<p>Apesar da noção que "não se nasce mulher, torna-se mulher" de Simone de Beauvoir, foi nos Estados Unidos que a filósofa Judith Butler, que foi acusada de negar as determinações de Deus e da natureza. 4. De acordo com seus críticos franceses, a "teoria de gênero" era estranha a cultura e</p>	Tra duç ão

	politics of France and, indeed, all of Europe.	política na França e, de fato, de toda a Europa.	
1 1 8	In response, French academics who regularly use the term had a hard time defining what it was they were defending.	Em resposta, estudiosos franceses que, regularmente usam o termo tiveram problemas em definir o que estavam defendendo.	Tra duç ão
1 1 9	Was it “gender studies,” “theories of gender,” “social constructions of sex,” or a way of analyzing relations of domina- tion based on sex?	Seriam os "estudos de gênero", "teorias gênero" e "construções sociais do sexo", ou uma forma de analisar as relações de dominação baseada no sexo?	Tra duç ão
1 2 0	And what about “queer” – was it a version of gender theory or antithetical to it?	E que tal o termo "queer"? Seria uma versão da teoria gênero ou uma antítese?	Tra duç ão
1 2 1	The recent controversies reveal more clearly than before that the issue at hand is not simply a matter of mis-representation or mis-translation, but the difficulty of pinning down even an original meaning for the term.	As recentes controvérsias revelam mais claramente que o problemas em questão não é simplesmente um problemas de má representação ou má tradução, mas a dificuldade de apontar mesmo um significado original para o termo.	Tra duç ão
1 2 2	2.2	2.2	Tra duç ão

1 2 3	<p>Gender came into popular consciousness in the 1970s and 80s as a political concept used by Second Wave feminists in England and the United States to refuse the naturalization of differences of sex by insisting that anatomy is not destiny, that genital makeup does not predict or determine the capacities and desires of individual women and men.</p>	<p>Gênero entrou na noção popular entre a década de 1970 e 1980 como um conceito político usado pela segunda onda do feminismo na Inglaterra e nos Estados Unidos para se opor a naturalização das diferenças de sexo, insistindo que a anatomia não é destino, e que a composição genital não determina ou prevê as capacidades e desejos individuais de homens e mulheres.</p>	<p>Tra duç ão</p>
1 2 4	<p>Especially, of course, women since it was their inequality that feminists sought to remedy.</p>	<p>Especialmente, é claro, mulheres, já que era a desigualdade feminina que as feministas procuravam remediar.</p>	<p>Tra duç ão</p>
1 2 5	<p>When American and English feminists borrowed the term gender from the writings of John Money and Robert Stoller they could be said to have performed its second translation.</p>	<p>Quando feministas americanas e inglesas pegaram emprestado o termo "gênero" dos trabalhos de John Money e Robert Stoller, poderiam ter sido considerada uma segunda tradução do termo.</p>	<p>Tra duç ão</p>
1 2 6	<p>Translation in the sense of moving a term from one context</p>	<p>Tradução no sentido de mover um termo de um contexto para</p>	<p>Tra duç ão</p>

	to another and thereby altering its meaning.	outro e, consequentemente, alterando o seu significado.	
1 2 7	Money (1972) and Stoller (1968) had previously taken the grammatical category to distinguish between anatomy (sex) and social role/social identity (gender) in order to resolve the dilemmas faced by intersex children and to justify medical intervention that would assign them to an appropriate male or female identity.	Money (1972) e Stoller (1968) já havia pego a categoria gramatical para distinguir a anatomia (sexo) do papel/identidade social (gênero), para resolução de dilemas enfrentados por crianças inter-sexuais e para justificar intervenções médicas que as designariam para identidades mais apropriadas femininas ou masculinas.	Tra duç ão
1 2 8	Feminists seized the term in order to refuse the dictum that biology was destiny; the motivation was political, not medical and it troubled (rather than accepted) the normative male/female dichotomy with which the endocrinologist and the psychiatrist had worked.	Feministas aproveitaram o termo para se opor ao ditado de que a biologia seria um destino. A motivação era política, não médica, e isso perturbava (ao invés de aceita) a dicotomia normativa feminina/masculina que endocrinologistas e psiquiatras haviam trabalhado.	Tra duç ão
1 2 9	For Gayle Rubin, whose 1975 essay "The Traffic in Women" articulated the distinction, sex was about biology, gender about the attribution of meaning to	Para Gayle Rubin, cujo ensaio "The Traffic in Women" de 1975, articulava a distinção: sexo era biologia e gênero era a atribuição de significado que	Tra duç ão

1 3 0	For a small sampling of the controversy, see La ‘papesse’ de la théorie du Genre à Bordeaux!”	Para uma pequena amostra da controvérsia, veja La ‘papesse’ de la theorrie du Genre à Bordeaux!”	Tra duç ão (M T)
1 3 1	Infos Bordeaux, septembre 21, 2011. http://www.inforx-bordeaux.fr/2011/actualites/la-“papesse”-de-la-theories (accessed November 23, 2011) See also, “Mauvais genre,” and the interview with Butler, “Judith Butler: Comprendre plutôt que classer,” Le Monde: Culture et idées 1 October 2011.	Infos Bordeaux, septembre 21, 2011. http://www.inforx-bordeaux.fr/2011/actualites/la - "papesse"-de-la-theories (accessed November 23, 2011) See also, “Mauvais genre, ”and the interview with Butler,” Judith Butler: Comprendre plutôt que classer,” Le Monde: Culture et idées 1 de outubro de 2011.	Tra duç ão (M T)
1 3 2	Interestingly, in the US opponents of gay rights have not focused their antipathy on “gender.”	Curiosamente, nos EUA, os opositores dos direitos dos homossexuais não focaram a sua antipatia no “gênero.”	Tra duç ão (M T)
1 3 3	sexed bodies; there was no necessary – no natural – correlation between the two.	corpos erotizados; não era necessário, nem natural, uma correlação entre os dois.	Tra duç ão
1 3 4	Drawing on Marx, Freud, and Levi Strauss – in effect translating the German and French theorists into an	Baseando – se em Marx, Freud e Levi Strauss – na realidade traduzindo os teóricos alemão e francês em um idioma feminista	Tra duç ão

	American feminist idiom – she used gender to refer to a mode of social regulation.	Americano-ela usou o gênero para se referir a um modo de regulação social.	(M T)
1 3 5	Biology could not account for inequality; apparently eternal definitions of men’s and women’s characters, roles, and behaviors were the result of histories, cultures, and politics.	Biologia não poderia explicar a desigualdade; aparentemente definições eternas da natureza, papéis, e comportamentos de homens e mulheres são um resultado da história, cultura e política.	Tra duç ão
1 3 6	If these things were variable across cultures and time, they were open to change.	Se estas coisas fossem variáveis entre as culturas e o tempo, talvez houvesse abertura para mudança.	Tra duç ão
1 3 7	The possibility of thinking about change was, of course, the point of the critique.	A possibilidade de pensar em uma mudança era, naturalmente, um ponto da crítica.	Tra duç ão
1 3 8	Judith Butler (1990) deconstructed the sex/gender opposition, insisting that “gender is not to culture as sex is to nature; gender is also the discursive/cultural means by which ‘sexed nature’ or ‘a natural sex’ is produced and established as ‘prediscursive,’ prior to culture, a politically	Judith Butler (1990) desconstruiu a oposição entre sexo/gênero, insistindo que "gênero não está para cultura, assim como sexo não está para a natureza; gênero também é o meio discursivo/cultural em que a 'natureza sexual' ou 'uma eroticidade natural' é produzida e estabelecida como um	Tra duç ão

	neutral surface on which culture acts” (1990: 7). ⁵ If gender established the meanings of sex, then physical bodies were not the matter of sexed identities.	pré-discurso, anterior a uma superfície político-cultural neutra, na qual a cultura age”. (1990. P. 7). 5. Se o gênero estabelece o significado de sexo, então os corpos físicos não são uma questão de identidades sexuais.	
1 3 9	Butler moved the analysis in another direction, suggesting that these identities were achieved through repetitive performances.	Butler direcionou sua análise para outra direção, sugestionando que essas identidades eram atingidas por meio de performances competitivas.	Tra duç ão
1 4 0	In her telling, gender was an engagement with normative regulation rather than the product of it; “drag” was emblematic of this process, the epitome of gender rather than its perverse manifestation.	Em sua narrativa, gênero era um engajamento com uma regulação normativa, ao invés de um produto disso. “Drag” foi emblemático desse processo, um protótipo de gênero, ao invés de uma manifestação perversa.	Tra duç ão
1 4 1	From this perspective, it was more pertinent to talk, in the plural, about genders as “masks, likenesses, or identity-asserting performances” (Berger 2014: 73).	Nesta perspectiva, era mais pertinente falar, no plural, sobre gênero como “máscaras, imagem ou performance em acordo com a identidade” (BERGER, 2014. P. 73)	Tra duç ão

1 4 2	Gender became a way of refusing the determinations of sexuality by sex; the operations of desire transgressed any attempt to regulate them in heteronormative binary terms.	Gênero se tornou uma forma de se opor a determinações de sexualidade pelo sexo; as operações desejadas transgrediam qualquer tentativa de regular a heteronormatividade binária.	Tra duç ão
1 4 3	Anne Emmanuelle Berger suggests that the theories of gender in this early work of Rubin and Butler are in tension, between what she calls an “analytics of domination” and an “analytics of desire.”	Anna Emmanuelle Berger sugere que as teorias de gênero no trabalho de Rubin e Butler são tensas, entre o que ela chama de "analítica da dominação" e a "analítica do desejo".	Tra duç ão
1 4 4	The first tries to account for “the mode of regulation or binary distribution of sexed individuals;” the second is about “the theater of gender as an erotic machine” (Berger 2014: 74).	A primeira tentativas foi considerar o "modo de regulamentação ou distribuição binária de indivíduos sexuais", e a segunda foi sobre "o teatro de gênero como uma máquina erótica." (BERGER, 2014. P. 74)	Tra duç ão
1 4 5	It’s one thing to argue that the material situation of women is an effect of patriarchy or male domination; it’s quite another to say that the identity ‘woman’ itself is mutable, set not by god or nature but by the play of fantasy (individual and	Um dos pontos a ser discutido que a situação material de mulheres é um efeito do patriarcado ou da dominação masculina; outro diferente é dizer que a identidade de "mulher" em si é mutável, apoiada não apenas na ideia de	Tra duç ão

	collective) in relation to the customs, norms, and regulations of societies.	Deus ou na natureza, mas na reprodução de uma fantasia (coletiva ou individual) em relação a costumes, normas e regulações da sociedade.	
1 4 6	From this vantage, the male/female relationship (consecrated in conjugal marriage, consummated in reproductively- oriented sex) is itself ‘constructed’ and so open not only to variation but also to the unconstrained operations of desire.	A partir desta vantagem, a relação homem/mulher (consagrada no casamento conjugal, consumada em sexo orientado reprodutivamente) é ela própria "construída" e assim aberta não só à variação, mas também às operações não restritas do desejo.	Tra duç ão (M T)
1 4 7	These analytics are not opposed to one another; they are related since in both cases the causality of biology is in question.	Estas análises não são opostas uma à outra, são relacionadas entre si em ambos os casos em que a causalidade da biologia é questionada.	Tra duç ão
1 4 8	But there is no single original concept of gender to which subsequent translations can refer.	Porém, não existe um conceito original sequer de gênero em que traduções posteriores possam se referir.	Tra duç ão
1 4 9	Instead, there has been an ongoing conversation across linguistic	Em vez disso, tem havido uma conversa em curso através de fronteiras linguísticas	Tra duç ão (M T)

1 5 0	Butler updates some of her argument in “Gender and Gender Trouble” (2014).	Butler atualiza alguns de seus argumentos em "Gender and Gender Trouble" (2014)	Tra duç ão
1 5 1	and cultural boundaries in which the term is addressed, disputed, qualified, and adapted; in the process the ambiguities that the term itself has acquired, the tensions it contains, are revealed.	e culturais a que o termo se refere, disputa, qualifica e adapta; no processo de ambiguidades que o termo em si acumulou, as tensões que ele abarca são reveladas.	Tra duç ão
1 5 2	2.3	2.3	Tra duç ão
1 5 3	Theorists of translation grapple with philosophical questions about whether translation is possible.	Teóricos da tradução se defrontam com questões filosóficas sobre a possibilidade de uma tradução.	Tra duç ão
1 5 4	Does it presume a universality of meaning that can transcend particular cultural differences?	Seria presumível uma universalidade de significado que possa transcender diferenças culturais particulares?	Tra duç ão
1 5 5	Is this presumption of universality a feature of western colonial domination?	Essa presunção de universalidade é uma característica da colonização ocidental?	Tra duç ão

1 5 6	Is the notion of a linguistically faithful translation thus illusory?	A noção de traduções linguisticamente fiéis são ilusões?	Tra duç ão
1 5 7	Are we all locked in a Tower of Babel, necessarily but futilely attempting to achieve the unrealizable goal of common understanding?	Estaríamos trancados em uma Torre de Babel, necessariamente de forma fútil tentando alcançar um objetivo irrealizável de um entendimento comum a todos?	Tra duç ão
1 5 8	Or, do shared social and economic structures – for some “class” is an example – produce the conditions of possibility for communication across lines of cultural and linguistic difference (Derrida 1991)?	Ou, dividimos estruturas sociais e econômicas, para uma determinada "classe" é um exemplo, produzindo condições para a possibilidade de uma comunicação cruzando linhas culturalmente e linguisticamente diferentes? (DERRIDA, 1991)	Tra duç ão
1 5 9	The answers to these questions vary, I think, depending upon whether the object is a literary text or a political slogan.	As respostas para essas questões variam, penso eu, dependendo se o objeto é um texto literário ou um slogan político.	Tra duç ão
1 6 0	My interest in the translatability of gender has to do with its function as a feminist political concept.	Meu interesse na translatabilidade de gênero tem a ver com as funções dos conceitos políticos feministas.	Tra duç ão
1 6 1	The anthropologist Anna Tsing confounds the opposition between the universal and the particular when (referring to	A antropologista Anna Tsing confunde a oposição entre o universal e o particular (referindo-se ao feminismo	Tra duç ão

	global feminist and environmentalist movements) she writes that “universalisms, ironically, are a flexible medium for translation.”	global e aos movimentos em prol do meio ambiente). Ela escreve que "universalismos, ironicamente, são um meio flexível para a tradução".	
1 6 2	By this she means that they are available for strategic appropriation in the “service of specific goals and local systems of alliance” (Tsing 1997: 266).	Com isso, ela quer dizer que universalismos estão disponíveis para apropriação estratégica a serviço de "um objetivo específico e sistemas locais de associação."(TSING, 1997. P. 266)	Tra duç ão
1 6 3	At the same time, there is feedback in this process that continually rewrites the meaning of the universal.	Ao mesmo tempo, há um retorno desse processo que continuamente reescreve o significado de universal.	Tra duç ão
1 6 4	Or, to put it more accurately, since the universal can only be realized in and through concrete particularities, new meanings for those uni- versals are constantly produced.	Ou, para ser mais precisa, uma vez que o universal pode ser realizado sobre e por particularidades concretas, novos significados para essas universalidades são constantemente produzidas.	Tra duç ão
1 6 5	The process of translation is, for Tsing, a negotia- tion between universals and particulars, not as opposites, but in a “heterogeneous continuum,”	O processo de tradução é, para Tsing, uma negociação entre universais e particulares, não opostos, mas em um "continuo heterogêneo", neutralizando	Tra duç ão

	undermining any notion of the purity or stability of the original term (Tsing 1997: 253).	qualquer noção de pureza ou estabilidade do termo original. (TSING, 1997. P. 253)	
1 6 6	I often cite a report to the United Nations by a special committee charged with examining the usage of the word gender to illustrate the emptiness of the term as a universal, abstract formulation.	Eu, frequentemente, cito um relatório dirigido às Nações Unidas por uma comissão especial encarregada de analisar o uso da palavra gênero para ilustrar o vazio do termo como uma formulação universal e abstrata.	Tra duç ão
1 6 7	The “Statement on the Commonly Understood Meaning of the Term ‘Gender’,” was drafted by a special contact group within the United Nations Commission on the Status of Women in preparation for the Beijing Conference in 1995.	A "Declaração sobre o Entendimento Comum do Significado do Termo 'Gênero'," foi redigida por um grupo especial no âmbito de comissão das Nações Unidas, sobre o Estatuto da Mulher em preparação para a Conferência de Pequim, em 1995.	Tra duç ão
1 6 8	The group was set up to resolve heated conflicts between feminists and right-wing, primarily religious, organizations about the appearance of the term on the program and in the final report of the conference.	O grupo foi escolhido para resolver conflitos acalorados entre feministas e organizações de extrema-direita, principalmente religiosas, sobre o aparecimento do termo em programas e no relatório final da conferência.	Tra duç ão

1 6 9	While spokesmen for the Right insisted on a strictly biological definition of the roles of women and	Enquanto os porta-vozes da direita insistiam em uma estritamente biológica definição do papel das mulheres e	Tra duç ão
1 7 0	men, feminists argued for the socially constructed origins of those roles.	homens, feministas argumentavam que haviam origens sociais na construção de tais papéis.	Tra duç ão
1 7 1	The resolution of the dispute, which appeared as an appendix to the Program of Action of the Beijing Conference, effectively offered no definition at all:	A resolução da disputa , que aparecia como um apêndice ao Programa de Ação na Conferência de Pequim, efetivamente ofereceu uma não-definição ao termo:	Tra duç ão
1 7 2	Having considered the issue thoroughly, the contact group noted that (1) the word ‘gender’ had been commonly used and understood in its ordinary, generally accepted usage in numerous other United Nations forums and conferences;	Tendo considerado a questão exaustivamente, o grupo observou que (1) a palavra "gênero" tinha sido comumente usada e compreendida em seu uso comum, comumente aceito em inúmeros outros fóruns e conferências das Nações Unidas;	Tra duç ão (M T)
1 7 3	(2) there was no indication that any new meaning or connotation of the term, different from accepted prior usage, was intended in the Platform for Action... Accordingly, the	(2) não havia indicação de que qualquer novo significado ou conotação do termo, diferente do uso anterior aceito, foi concebido na Plataforma de Ação... Sendo assim, o grupo	Tra duç ão (M T)

	<p>contact group reaffirmed that the word ‘gender’ as used in the Platform for Action was intended to be interpreted and understood as it was in ordinary, generally accepted usage.</p>	<p>reafirmou que a palavra "gênero", como usado na Plataforma de Ação, se destinava a ser interpretado e entendido como sendo de uso comum, amplamente aceito.</p>	
1 7 4	<p>(UNCSW 1996)</p>	<p>(UNCSW, 1996)</p>	<p>Tra duç ão (M T)</p>
1 7 5	<p>That nothing certain can be named here but “ordinary, generally accepted usage” suggests that the meaning of gender depends – as Tsing suggests – on who uses the word, in what context, and for what ends.⁶ The issue is, of course, partly lin- guistic – is there an equivalent word for the English “gender” in other languages?</p>	<p>Que nada certo pode ser nomeado aqui, mas "uso comum, ampalamente aceito" sugere que o significado de gênero depende, como Tsing sugere, de quem usa a palavra, em que contexto, e para que fins.⁶ A questão é, naturalmente, parcialmente linguística. Existiria uma palavra equivalente para o inglês "gênero" em outras línguas?</p>	<p>Tra duç ão (M T)</p>
1 7 6	<p>But it is also political and philosophical – a matter of contested meanings both explicit and implicit that (in Barbara</p>	<p>Mas também algo político e filosófico: uma questão de significados contestados ambos explícitos e implícitos que (nas</p>	<p>Tra duç ão</p>

	Johnson's words) "exceed the boundaries of stable control or coherence.	palavras de Barbara Johnson) "excede as fronteiras de um controle estável e da coerência.	
1 7 7	It becomes something to be endlessly struggled over" (Johnson 1994: 48).	Torna-se algo para sempre estar debatendo." (JOHNSON, 1994. P. 48)	Tra duç ão
1 7 8	In this sense, translation is about differences of attributed meaning within as well as across cultural boundaries.	Nesse sentido, a tradução é sobre as diferenças de significados atribuídos dentro e além de fronteiras culturais.	Tra duç ão
1 7 9	But it is also about attempts to find commonality; struggling to reconcile local vernaculars with the word coined in English can be a gesture of feminist solidarity across the lines of national difference.	Mas é também sobre as tentativas de encontrar uniformidade. Lutando para reconciliar vernáculos locais com a palavra criada em inglês pode ser um gesto de solidariedade feminista pelas linhas de diferenças nacionais.	Tra duç ão
1 8 0	Sometimes, too, a decision to renounce translation altogether and to instead coin a neologism – "gender" – is a means of signifying membership in a global political project.	Por vezes é, também, a decisão de renunciar a tradução completamente e em vez de criar um neologismo, "gênero," é um caminho para significar a adesão a um projeto político global.	Tra duç ão
1 8 1	In this way, the universal status of the term (and of the political movement) is confirmed,	Desta forma, o status universal do termo (e do movimento político) é confirmado,	Tra duç ão

	seeming to transcend its particular articulations.	parecendo transcender suas articulações particulares.	(M T)
182	At a minimum – in international parlance at the UN, the World Bank, the Ford Foundation, and for many NGOs – whatever else is lost or changed in translation, the appearance of the word gender draws attention to	No mínimo, em linguagem internacional na ONU, no Banco Mundial, na Fundação Ford, e para muitas ONGs, que quer que se perca ou mude na tradução, o aparecimento da palavra "gênero" chama a atenção para o tratamento desigual das mulheres.	Tra duç ão (M T)
183	Commenting on this passage, Elizabeth Weed notes, "...the statement ...offer[s] a stunningly candid glimpse at the aporia that is gender.	Comentando sobre essa passagem, Elizabeth Weed cita: "... a declaração ... oferece um vislumbre atordoante a justaposição que é o gênero.	Tra duç ão
184	Ideally, the contact group's statement would like to be able to appeal to some kind of apodictic truth.	Idealmente, a declaração do grupo as Nações Unidas gostaria de ser capaz de apelar para algum tipo de verdade categórica.	Tra duç ão
185	That not being available, it appeals to 'ordinary, generally accepted usage,' a usage that is...validated by past custom (no matter that 'gender' as something other than a grammatical term has existed	Não havendo essa possibilidade, ela apela a ao "uso comum, amplamente aceito," o uso que é validado por um passado costumeiro (não importando que "gênero" é mais do que um termo gramatical que existiu	Tra duç ão

	scarcely more than several decades).	limitadamente por algumas décadas).	
1 8 6	In short, all the statement can offer is a language that stands in for a referent that can't be named.	Em suma, tudo o que a declaração pode oferecer é uma língua que permanece para um referente que não pode ser denominado.	Tra duç ão
1 8 7	And whatever that unnamed referent is, it must always depend on the power of customary usage and the meanings it evokes.	E, seja qual for o referente inominável, ele deve sempre depender no poder do uso costumeiro e no significado que ele evoca.	Tra duç ão
1 8 8	In other words, in lieu of demonstrable truth, language does its work."	Em outras palavras, em lugar de uma verdade visível, a língua faz o seu serviço."	Tra duç ão
1 8 9	Elizabeth Weed, "From the 'Useful' to the 'Impossible' in the Work of Joan W. Scott," in Judith Butler and Elizabeth Weed, eds.	Elizabeth Weed, " From the 'Useful' to the 'Impossible' in the Work of Joan W. Scott, " em Judith Butler and Elizabeth Weed, eds.	Tra duç ão (M T)
1 9 0	The Question of Gender."	The Question of Gender."	Tra duç ão
1 9 1	Joan W. Scott's Critical Feminism.	O feminismo crítico de Joan W. Scott.	Tra duç ão

			(M T)
1 9 2	Bloomington: Indiana University Press, 2011, p. 289.	Bloomington: Indiana University Press, 2011, P. 289.	Tra duç ão (M T)
1 9 3	the unequal treatment of women.	o tratamento desigual das mulheres.	Tra duç ão (M T)
1 9 4	Indeed in some local usages (Arab vernaculars, though not formal written conventions, are an example), the word gender carries with it a demand for equality between women and men.	De fato, em alguns usos locais (vernáculos árabes, apesar de não serem convenções escritas, por exemplo), a palavra "gênero" carrega em si uma demanda por igualdade entre homens e mulheres.	Tra duç ão
1 9 5	So those who oppose feminist claims will say simply that they are opposed to "gender."	Então aqueles que se opõem a reivindicações feministas irão simplesmente dizer que se opõem ao "gênero".	Tra duç ão
1 9 6	It's true that gender does not always mean women's equality.	É verdade que "gênero" nem sempre significa a igualdade feminina.	Tra duç ão

1 9 7	Gender is some- times simply used as a synonym for women; sometimes as a euphemism for sex.	Gênero, algumas vezes, pode ser usado apenas como um sinônimo para mulheres, por vezes, um eufemismo para sexo.	Tra duç ão
1 9 8	The adoption of the word by journalists – “gender gap” is an example – can con- note nothing more than differences in the behavior of women and men.	A adesão do termo por jornalistas, "diferença de gênero" ("gender gap" em inglês) por exemplo, pode conotar nada mais que as diferenças de comportamento entre homens e mulheres.	Tra duç ão
1 9 9	Even when exposing inequality is the goal (of NGOs, the UN, philanthropic founda- tions, and the World Bank), gender can narrow the focus to local relations between women and men when those are actually the effects of large-scale economic and geo-political processes that also need to be addressed.	Até mesmo quando expor as desigualdades é o objetivo (ONGs, as Nações Unidas, fundações filantrópicas, e o Banco Mundial), "gênero" pode estreitar o foco das relações locais entre homens e mulheres quando são efeitos de uma economia em larga-escala e processos geopolíticos que precisam ser abordados.	Tra duç ão
2 0 0	Without changes in the structures that underlie poverty and inequality – by seeking out impoverished women in the global South as a source of cheap labor, by causing large flows of international migration	Sem mudanças nas estruturas que fundamentam a pobreza e a desigualdade, procurando mulheres empobrecidas no sul global como fonte de mão – de - obra barata, causando grandes fluxos de migração internacional	Tra duç ão (M T)

	and massive transfers of population and wealth – it is difficult to imagine how what these international organizations refer to as “women’s empowerment” can be achieved.	e transferências maciças de população e riqueza, é difícil imaginar como o que essas organizações internacionais chamam de "empoderamento das mulheres" pode ser alcançado.	
201	For this reason the very term gender has been criticized as “an imperialist scheme for co-opting the world’s women,” its exclusive emphasis on patriarchy deemed a distraction from the critique of capitalism that feminists ought to undertake (Baden and Goetz 1997: 6; Massad 2015: 158–165; Spivak 1993: 188–192). ⁷ Some of the struggle over gender’s usefulness and its translatability has to do with disagreements among feminists (often along South/ North lines) about the importance of economics in their critiques.	Por esta razão, o próprio termo "gênero" foi criticado como um "esquema imperialista para admitir mulheres do mundo," e sua ênfase exclusiva sobre o patriarcado considerado uma distração da crítica ao capitalismo que feministas deveriam realizar. (BADEN, GOETZ, 1997, P. 6)(MASSAD, 2015. P. 158-165)(SPIVAK, 1993. P 188-192). Alguns dos problemas sobre o uso de "gênero" e sua tradução tem a ver com as discordâncias entre as feministas (normalmente entre linhas Sulistas e Nortenhas) sobre a importância econômica em suas críticas.	Tra duç ão
202	Still, if we focus on the question of feminist translations of gender – those that aim	Ainda assim, focamos na questão feminista das traduções de gênero – aquelas que visam	Tra duç ão

	explicitly at challenging women's subordination – there are commonalities and divergences which, in turn, expose the ambiguities the concept has acquired in its relatively short history.	explicitamente desafiar a subordinação feminina – há semelhanças e divergências que, por sua vez, expõem ambiguidades que o conceito adquiriu em sua história relativamente curta.	
203	The commonalities have to do with addressing discrimination based on sex.	Essas semelhanças tem a ver com a discriminação baseada no sexo.	Tradução
204	Hence the Romanian feminist Enikő Magyari-Vincze:	Então a feminista romena Enikő Magyari-Vincze cita:	Tradução
205	Talking about translation becomes a way of understanding the complex relationship between language(s) and social circumstances...Translating 'gender' means for me to focus on this very potential, while being backed up by the feminist viewpoint – a complex system of power relations that are embedded in discourses and institutions, which produce subject positions, hierarchies, and inequalities between women and men of different ethnicity,	Falar sobre a tradução se torna uma forma de entender a complexa relação entre línguas e as circunstâncias sociais... Traduzir o termo "gênero" significa para mim focar em seu potencial, enquanto apoiado no ponto de vista feminista – um sistema complexo de relações de poder que são enraizadas em discursos e instituições, que produzem posições subjetivas, hierarquias e desigualdades entre homens e mulheres de diferentes etnias, classes,	Tradução

	class, sexual orientation, age, etc.	orientação sexual, idade, entre outros.	
206	(Magyari-Vincze 2002)8	(MAGYARI-VINCZE, 2002)	Tra duç ão (M T)
207	Baden and Goetz cite a pamphlet by the Revolutionary Women of the Philippines.	Baden e Goetz citam um panfleto das mulheres revolucionárias das Filipinas.	Tra duç ão (M T)
208	See Spivak and Massad on the question of colonial domination.	Veja Spivak e Massad sobre a questão da dominação colonial.	Tra duç ão (M T)
209	The book is no longer available in print.	O livro não está mais disponível em forma impressa.	Tra duç ão (M T)
210	I used a typescript version without page numbers.	Usei uma versão dactilografada sem números de página.	Tra duç ão (M T)

2 1 1	For Magyari-Vincze “the feminist viewpoint” is a universal standpoint, an analysis of sex-based relations of power in whatever forms they take.	Para Magyari-Vincze o "ponto de vista feminista" é uma perspectiva universal , uma análise em relações de poder baseadas no sexo, das mais diversas formas que assumam.	Tra duç ão
2 1 2	Gender is the concept that enables this analysis by taking male/female relations of power as its object.	Gênero é um conceito que permite essa análise utilizando relações de poder femininas/masculinas assim como seu objeto.	Tra duç ão
2 1 3	Translating gender, for her, is a way of exposing “a complex system of power relations;” the point is to find the words in her own language that will do that work.	Traduzir gênero, para ela, é uma forma de expor "um sistema complexo de relações", e o objetivo é encontrar palavras em sua própria língua que façam esse trabalho.	Tra duç ão
2 1 4	The divergences in translations of gender have to do with resistance of what translation theorists call “target” languages or cultures to the ultimate logic of denaturalization, that is to the idea that not only the social roles, but the very meanings of man and woman are socially determined.	As divergências nas traduções de "gênero" tem a ver com a resistência que os teóricos na tradução chamam de línguas ou culturas de "chegada" em uma máxima lógica de desnaturalização, devida a ideia não apenas de papéis sociais, mas o próprio significado que homens e mulheres são socialmente determinados.	Tra duç ão

2 1 5	It may be one thing to insist that ascribed roles for women and men can change, but it seems quite another to suggest that there is nothing fixed about what counts as woman or man.	Uma coisa é insistir que os papéis atribuídos a mulheres e homens é mutável, mas parece algo bem diferente sugerir que não há nada fixo sobre o que considerar sobre homens e mulheres.	Tra duç ão
2 1 6	In the first case the sex/gender (nature/culture) distinction stands as a comforting reminder that normative understandings of the differences of sex are secure; in the second case no such assurance is possible.	No primeiro caso, a distinção sexo/gênero (natureza/cultura) se sustenta como um constante lembrete reconfortante que os entendimentos normativos sobre as diferenças de sexo são garantidos. Já o segundo caso não assegura tal possibilidade.	Tra duç ão
2 1 7	But the second case is implicit in the first, or at least the presumed irrelevance of biology for social roles opens the possibility for different bodies performing those roles.	Mas o segundo caso é implícito de primeira, ou pelo menos é presumida a irrelevância da biologia para papéis sociais e abre a possibilidade para diferentes tipos de corpos assumindo tais papéis.	Tra duç ão
2 1 8	If sex does not determine gender, then what justifies enforcement of heterosexual norms?	Se o sexo não determina o gênero, então o que justificaria o fortalecimento das normas heterossexuais?	Tra duç ão

2 1 9	This is a tension that travels with gender; it comes to light in disputes about its translation which either try to foreclose or acknowledge the troubling implications of the idea.	Essa é uma tensão que caminha junto ao gênero; torna-se conhecido em conflitos sobre essa tradução que hora tenta impedir ou reconhecer os impactos problemáticos da ideia.	Tra duç ão
2 2 0	Here we can point to a 2014 article in Signs by Lola Sanchez which identifies a discrepancy between some wording in the original of my article, "Gender: A Useful Category of Analysis" and its Spanish translation.	Aqui podemos apontar para um artigo de 2014 em Signs por Lola Sanchez que identifica uma discrepância entre algumas palavras no meu artigo original, "Gender: a Useful Category of Analysis" e a em sua tradução em espanhol.	Tra duç ão (M T)
2 2 1	Sanchez notes that my piece refers to "perceived differences between the sexes," (in that way endorsing Butler's point that gender defines sexed bodies; that there is no transparent meaning for anatomical difference, that sex, like gender, is a "cultural construction").	Sanchez aponta que meu trabalho se refere a "notáveis diferenças entre os sexos," (em seu modo aprovando ideia de Butler de que gênero define corpos sexuados; que não há um significado transparente para diferenças anatômicas, que o sexo, como gênero, é um "construção social").	Tra duç ão
2 2 2	The Spanish translation drops the word "perceived" and instead reads "the differences that distinguish the sexes" (thereby introducing the very	A tradução em espanhol deixa de lado a palavra "notáveis" e utiliza "as diferenças que distinguem os sexos" (introduzindo, assim, o próprio	Tra duç ão

	biological essentialism my piece was trying to avoid).	essencialismo biológico que meu artigo estava tentando evitar).	
2 2 3	Sanchez attributes this to the difficulty “our culture” (that is Spain) has in relinquishing the idea that “sex is ...something presocial” (Sanchez 2014: 574).	Sanchez atribui isso a dificuldade que "a nossa cultura" (na Espanha) possui em abandonar que "sexo é... algo presocial." (SANCHEZ, 2014. P. 574)	Tra duç ão
2 2 4	A similar resistance is evident in Egypt, according to Samia Mehrez: “the use [in Arabic]of the essentialist nouns nau or jins (kind, species, sort) to translate gender, given their history and current prevailing signification, reinforces notions of separation and difference.	Uma resistência similar é evidente no Egito. De acordo com Samia Mehrez: "o uso (em Árabe) de substantivos essencialistas "nau" ou "jins" (espécies, tipos) para traduzir gênero, dada a sua história e atual notável significado, reforçando noções de distinção e diferenças.	Tra duç ão
2 2 5	Both translations re-station us in natural and fixed categories.	Ambas as traduções nos posicionam em categorias naturais e fixas.	Tra duç ão (M T)
2 2 6	Suddenly, ideas of socially constructed identities, of formation and of performance, all of which are packed into the concept of gender as we	Subitamente, perdem-se ideias de identidades socialmente construídas, de formação e de desempenho, todas elas integradas no conceito de gênero	Tra duç ão (M T)

	understand it today, are lost” (Mehrez 2007: 112).	tal como o entendemos hoje” (MEHREZ, 2007. P. 112).	
2 2 7	2.4	2.4	Tra duç ão
2 2 8	A long history of feminist writing had proclaimed that “the mind has no sex,” that bearing children was (in the words of the French revolutionary the Marquis de Condorcet) only “a passing indisposition” which ought not disqualify women from active citizenship, and that inequality was an invention of men, not nature (Condorcet 1790).	Uma longa história de textos feministas tinha proclamado que "a mente não tem sexo", que ter filhos seria (nas palavras do revolucionário francês, o Marquês de Condorcet) apenas "uma breve indisposição", que não deveria desqualificar as mulheres de uma cidadania ativa, e que a desigualdade foi uma invenção de homens, não da natureza. (CONDORCET, 1790).	Tra duç ão (M T)
2 2 9	For twentieth century Anglo-American feminists “gender” clarified this long-standing feminist distinction between social and biological differences.	Para as feministas Anglo-Americanas do século XX "gênero" esclareceu esta distinção feminista de longa data entre diferenças sociais e biológicas.	Tra duç ão (M T)
2 3 0	The sex/gender distinction was a handy way for Second Wave feminists to formulate their critique.	A distinção sexo/gênero foi uma forma acessível para que feministas da Segunda Onda formulassem sua crítica social.	Tra duç ão

2 3 1	Whether sex was the biological ground and gender its social interpretation, or gender the cultural distinction which, after the fact, established sexed bodies as its referent, the point was to insist on a distinction between them.	Quer o sexo fosse o terreno biológico e o gênero a sua interpretação social, ou o gênero a distinção cultural que, após o facto, estabelecia como referência organismos sexistas, o objetivo era insistir numa distinção entre eles.	Tra duç ão (M T)
2 3 2	In ordinary English parlance this was difficult enough to do.	Em linguagem coloquial inglesa isso era difícil o suficiente.	Tra duç ão
2 3 3	As the American Heritage dictionary noted in 1992, the distinction between sex and gender was “useful in principle, but ...by no means widely observed, and considerable variation in usage occurs at all levels.”	Como o dicionário American Heritage observou em 1992, a distinção entre sexo e gênero era “útil em princípio, mas... de modo algum amplamente observado, e uma variação considerável em uso ocorre em todos os níveis.	Tra duç ão
2 3 4	It was even more difficult when feminists struggled to find suitable equivalents in other languages.	Foi ainda mais difícil quando as feministas lutaram para encontrar equivalentes adequados em outras línguas.	Tra duç ão (M T)
2 3 5	Donna Haraway suggested, in her effort at translation for a German audience (“Gender for a Marxist Dictionary”), that	Donna Haraway sugeriu, em seu esforço de traduzir para o público alemão (“Gênero para um Dicionário Marxista”), que o	Tra duç ão

	sex/gender represented a kind of binary thinking that is a peculiarly western phenomenon (Haraway 1991).	sexo/gênero representou um tipo de pensamento binário que é um peculiar fenômeno ocidental (HARAWAY, 1991).	(M T)
2 3 6	But I think that overstates the case, since in many European languages the binary did not exist; instead, the same word was used for sex and gender.	Mas penso que isso é um exagero nesse caso, já que em muitas línguas Européias o "binário" não existe. Ao invés disso, a mesma palavra era usada para sexo e gênero.	Tra duç ão
2 3 7	In other instances, the biological and the social referents carried so many other connotations that feminists looking for a linguistic equivalent had to choose between unsatisfactory alternatives.	Em outros casos, os referentes biológicos e sociais carregavam tantas outras conotações em que as feministas procuravam em um equivalente linguístico e tinham que escolher entre alternativas não satisfatórias.	Tra duç ão
2 3 8	The choice of the neologism 'gender' was a way out of an impasse, but it inevitably troubled received	As escolha do neologismo "gênero" era uma saída para o impasse, porém, inevitavelmente problemático recebeu	Tra duç ão
2 3 9	notions of the relationships among sex, gender and sexuality.	noções de relações entre sexo, gênero e sexualidade.	Tra duç ão
2 4 0	The French Commission on Terminology and Neology ruled in 2005 that "the substitution of gender for sex responds to no	A Comissão de Terminologia e Neologia decidiu, em 2005, que "a substituição de gênero por sexo não responde a uma	Tra duç ão

	linguistic need” and thus had no place in the French lexicon.	necessidade linguística,” e, portanto, não possui lugar no léxico francês.	
2 4 1	Some feminists agreed, preferring “the social relations of sex” (les rapports sociaux de sexe) or “the power relations of sex” (les rapports de force de sexe) to gender. ⁹ Others, however, used either the English “gender” or the French “genre,” extending its meaning beyond the grammatical and the notion of	Algumas feministas concordaram, preferindo “as relações sociais do sexo” (les rapports sociaux de sexe) ou “as relações de poder do sexo” (les rapports de force de sexe) para gênero. Outras, no entanto, usaram tanto termo inglês “gender” ou o francês “genre,” extendendo o seu significado além do gramatical e da noção de	Tra duç ão
2 4 2	For examples, see the various propositions de loi of the French National Assembly in the category of “genre.”	Para exemplos, veja as várias proposições de LOI (Carta de Intenção) da Assembleia Nacional francesa na categoria de “gênero”.	Tra duç ão (M T)
2 4 3	See also the discussions in Dominique Fougeyrollas-Schwebel, Christine Planté, Michèle Riot-Sarcey et Claude Zaidman, eds.	Veja também os debates em Dominique Fougeyrollas-Schwebel, Christine Planté, Michèle Riot-Sarcey et Claude Zaidman, eds.	Tra duç ão
2 4 4	Le Genre comme catégorie d’analyse: soci- ologie, histoire, littérature.	“Le Genre comme catégorie d’analyse: soci- ologie, histoire, littérature.”	Tra duç ão

			(M T)
2 4 5	Paris: L'Harmattan, 2003.	Paris: L'Harmattan, 2003.	Tra duç ão (M T)
2 4 6	See especially the comments of Eliane Viennot, pp. 164–65.	Ver, em especial, os comentários de Eliane Viennot, páginas 164 e 165.	Tra duç ão (M T)
2 4 7	“J'utilise donc toujours les périphrases traditionnelles, qui ont le mérite d'être claires: rapports sociaux de sexe, rapports de pouvoir, contraintes à la féminité/à la mas- culinité, délimitation idéologique des frontières de sexes, etc.”	"J'utilise donc toujours les périphrases traditionnelles, qui ont le mérite d'être claires: rapports sociaux de sexe, relações de pouvoir, contraintes à la feminite/à la mas - culinité, délimitation idéologique des fronteiras de gêneros, etc.” ("Por isso, sempre utilizo as perifras tradicionais, que têm o mérito de ser claras: relações sociais de sexo, relações de poder, restrições à feminilidade/mas - culinidade, delimitação ideológica de fronteiras de gêneros, etc.".)	Tra duç ão (M T)

2 4 8	style or kind.	estilo ou tipo.	Tra duç ão
2 4 9	Scandinavian feminists report that the words ‘kjønn’ (Norwegian), ‘køn’ (Danish), and ‘kön’ (Swedish) cover the meanings of both ‘sex’ and ‘gender,’ the physical and the social.	As feministas escandinavas afirmam que as palavras "kjønn" (Norueguês), "køn" (dinamarquês) e "kön" (Sueco) abrangem os significados tanto do "sexo" como do "gênero", tanto do físico como do social.	Tra duç ão (M T)
2 5 0	The search for something that would distinguish between them led some scholars to the term “genus,” which they took to be gender’s equivalent, while others insisted that genus posited the intertwining of biology and culture in a more “symbiotic” and “performative” way. ¹⁰	A busca por algo que os distinguiria levou acadêmicos ao termo "genus," no qual escolheram como um equivalente para gênero, enquanto outros insistiram que "genus" supunha que o entrelaçamento entre a biologia e a cultura é mais "simbiótica" e mais "performativa".	Tra duç ão
2 5 1	The Iraqi literary scholar Ferial Ghazoul reported in the bilingual journal Alif that the editors decided “not to Arabize the term ‘gender’ by giving it an Arabic pronunciation and script, but to derive a term from the Arabic root which	O estudioso literário Iraquiano Ferial Ghazoul relatou no jornal bilíngüe Alef que os editores decidiram "não arabizar o termo "gênero", dando-lhe uma pronúncia e escrita árabe, mas derivar um termo a partir da raiz árabe que corresponde	Tra duç ão (M T)

	<p>corresponds to the etymological significance of 'gender.' The tri-literal root j-n-s has mothered so many specifically defined terms such as jins (sex), jinsaniyya (sexuality), ajinas (races), jinas (alliteration), tanjis (naturalization and homogenization), among others.</p>	<p>ao significado etimológico de 'gênero'." A raiz triliteral j-n-s gerou tantos termos especificamente definidos, como jins (sexo), jinsaniyya (sexualidade), ajinas (raças), jinas (aliteração), tanjis (naturalização e homogeneização), entre outros.</p>	
2 5 2	<p>To use any of these terms would add confusion to an already misunderstood concept.</p>	<p>Usar qualquer um destes termos acrescentaria confusão a um conceito já mal compreendido.</p>	<p>Tra duç ão (M T)</p>
2 5 3	<p>While the biological factor is present in gender, the term is not biological in the first place, but cultural.</p>	<p>Embora o fator biológico esteja presente no gênero, o termo não é biológico, mas sim cultural.</p>	<p>Tra duç ão (M T)</p>
2 5 4	<p>Thus, we rendered gender (the collective formalization of the image, status, tasks, potential rights and responsibilities of males and females in a given culture at a certain historical moment) in Arabic in the neologism j[u]nusa which corresponds morphologically to</p>	<p>Assim, nós traduzimos o gênero (a formalização coletiva da imagem, status, tarefas, direitos e responsabilidades potenciais de homens e mulheres em uma determinada cultura em um determinado momento histórico) em árabe no neologismo j[u]nusa que corresponde</p>	<p>Tra duç ão (M T)</p>

	unutha (femininity) and dh[u]kura (masculinity).	morfologicamente a unutha (feminilidade) e dh[u]kura (masculinidade).	
2 5 5	J[u]nusa (gender) incorporates notions of the masculine and the feminine as they are perceived in a given time and place, with all the ideological twists and politics that such a construction and a vision imply" (Ghazoul 1999).	J[u]nusa (gênero) incorpora noções do masculino e do feminino como eles são percebidos em um determinado tempo e lugar, com todas as reviravoltas ideológicas e políticas que tal construção e uma visão implica" (GHAZOUL, 1999).	Tra duç ão (M T)
2 5 6	In Bulgaria (as elsewhere in Eastern Europe) the choices were between 'rod' and 'pol,' the former – decidedly asexual – denoting kinship or nation, the latter the sexual organs, the sexual act or even sexually transmitted diseases.	Na Bulgária (como em outros países da Europa Oriental) as escolhas foram entre " rod " e "pol", o primeiro – decididamente assexuado – denotando parentesco ou nação, o segundo os órgãos sexuais, o ato sexual ou mesmo doenças sexualmente transmissíveis.	Tra duç ão (M T)
2 5 7	But pol was also etymologically close to the Bulgarian word for half and divide, so sexual difference could be elided with gender difference, at once avoiding and acknowledging the essentialist meanings feminists wanted to contest.	Mas "pol" era também etimologicamente próximo da palavra búlgara para metade e dividir, então a diferença sexual poderia ser elidida com a diferença de gênero, evitando e reconhecendo ao mesmo tempo	Tra duç ão (M T)

		os significados essencialistas que as feministas queriam contestar.	
2 5 8	Debates about which was the more appropriate translation exposed, says Miglena Nikolchina, not so much an opposition between essentialism and anti-essentialism, but rather “a certain understanding of the praxis of feminist theory.”	Debates sobre qual foi a tradução mais apropriada apresentado, diz Miglena Nikolchina, não tanto uma oposição entre essencialismo e anti-essencialismo, mas sim “uma certa compreensão da praxis da teoria feminista.”	Tra duç ão (M T)
2 5 9	While academic feminists debated the virtues of ‘rod’ and ‘pol,’ many NGOs (and Nikolchina herself) opted for the neologism ‘gender’ (Nikolchina 2001). ¹¹	Enquanto as feministas acadêmicas debatiam as virtudes de “rod” e “pol”, muitas ONGs (e a própria Nikolchina) optaram pelo neologismo “gênero” (NIKOLCHINA, 2001).	Tra duç ão (M T)
2 6 0	“Genus,” like gender, can be traced back to the ancient Greek γένος – genos, defined as “race, stock, kin,” so its use actually diminishes the specifically sexual aspect that is present in kön and its equivalents, while nonetheless importing a biological underpinning.	“Genus”, como gênero, pode ser traçada de volta para o grego antigo γένος – genos, definido como “raça, linhagem, parentes,” então sua utilização, na verdade, diminui, especificamente, o aspecto sexual que está presente em kön e seus equivalentes, enquanto que, não obstante, importa uma fundamentação biológica.	Tra duç ão (M T)

2 6 1	See the various articles on the question of translating gender into different languages in the collection of articles edited by Rosi Braidotti and al. (2001).	Veja os vários artigos sobre a questão da tradução de gênero em diferentes línguas na coleção de artigos editados por Rosi Braidotti e col (2001).	Tra duç ão (M T)
2 6 2	On the history and impact of translations of sex and gender in Iran, see Afsaneh Najmabadi (2013).	Em relação a história e impacto das traduções de sexo e gênero no Irã, ver Afsaneh Najmabadi (2013).	Tra duç ão
2 6 3	Nikolchina suggests that the very difficulties of translation can become a site for research into the theoretical and strategic assumptions of feminism in its local/global interactions.	Nikolchina sugere que as próprias dificuldades de tradução podem se tornar um local de pesquisa sobre os pressupostos teóricos e estratégicos do feminismo em suas interações locais/ globais.	Tra duç ão (M T)
2 6 4	This is a way of exploring Tsing's notion of a "heterogeneous continuum" produced when universal categories are grounded in local usages and when different local usages reflect philosophical and political disagreements.	Esta é uma maneira de explorar a noção de Tsing de um "contínuo heterogêneo" produzido quando as categorias universais são baseadas em usos locais e quando diferentes usos locais refletem desacordos filosóficos e políticos.	Tra duç ão (M T)
2 6 5	I would add, though, that the disagreements also speak to tensions already contained in the term itself; the tension between	Acrescentaria, no entanto, que os desacordos também falam de tensões já contidas no próprio termo; a tensão entre a natureza	Tra duç ão

	nature and culture, bodies and practices is evident in these disagreements about which local words, if any, are appropriate to render the concept intelligible and politically efficacious.	e a cultura, os organismos e as práticas é evidente nesses desacordos sobre os quais as palavras locais, se as houver, são adequadas para tornar o conceito inteligível e politicamente eficaz.	(M T)
2 6 6	2.5	2.5	Tra duç ão
2 6 7	The nub of the problem is that sex and gender are inseparable, however careful are the distinctions made between them.	O cerne do problema é que sexo e gênero são inseparáveis, por mais cuidadosas as distinções feitas sobre eles.	Tra duç ão
2 6 8	Berger comments that “American gender theory was from the outset a theory of gender trouble” (Berger 2014: 74).	Berger cita que "a teoria de gênero americano foi desde o princípio da teoria do problema de gênero." (BERGER, 2014. P. 74)	Tra duç ão
2 6 9	Whether for Rubin or Butler, gender implies a “breakdown” of the relationship between fixed biological categories and social behavior, the lack of necessary correspondence between a body and its social attribution (Berger 2014: 77).	Seja para Rubin ou Butler, o gênero implica uma "ruptura" da relação entre categorias biológicas fixas e comportamento social, a falta de correspondências necessárias entre um corpo e sua atribuição social (BERGER, 2014. P. 77).	Tra duç ão (M T)

270	As the use of the grammatical reference implies, the assignment of masculinity and femininity is an arbitrary exercise.	Como o uso da referência gramatical implica, a atribuição de masculinidade e feminilidade é um exercício arbitrário.	Tra duç ão (M T)
271	If there is nothing inherent in objects that leads to their gendered designation (for example, table in German is masculine, feminine in French), then the logical extension from things to people is there to be drawn.	Se não há nada inerente em objetos que leva à sua designação de gênero (por exemplo, o termo "mesa" que em alemão é masculino, e feminina em francês), então a extensão lógica das coisas para as pessoas está presente para ser desenhada.	Tra duç ão (M T)
272	And it may be that the critics of the term see more clearly than its proponents exactly how this is the case.	E pode ser que os críticos do termo vejam mais claramente do que os seus proponentes exatamente como este é o caso.	Tra duç ão (M T)
273	Take for example the efforts to rein in the meaning of gender at Beijing.	Tomemos por exemplo os esforços para controlar o significado do "gênero" em Pequim.	Tra duç ão (M T)
274	The Catholic opposition fixated on the idea that gender opened the door to homosexuality.	A oposição Católica fixava-se na ideia de que o gênero abriria a porta à homossexualidade.	Tra duç ão

			(M T)
2 7 5	Even after the phrase “generally accepted usage” was accepted, several Latin American delegates, apparently concerned about the normalization of homosexuality, felt compelled to say exactly what they thought gender meant.	Mesmo depois que a frase "uso genericamente aceito" foi aceito, vários delegados latino-americanos, aparentemente preocupados com a normalização da homossexualidade, se sentiram compelidos a dizer exatamente o que eles pensavam que o gênero significava.	Tra duç ão (M T)
2 7 6	“Guatemala interprets the concept of gender solely as female and male gender in reference to women and men.”	"A Guatemala interpreta o conceito de gênero unicamente como gênero feminino e masculino em referência a mulheres e homens.”	Tra duç ão (M T)
2 7 7	Peru’s delegate insisted that “sexual rights refer solely to heterosexual relationships.”	Um representante do Peru insistiu que "os direitos sexuais se referem apenas a relações heterossexuais.”	Tra duç ão (M T)
2 7 8	The Vatican expressed a more general anxiety about the breaking apart of society’s very foundations: it took the meaning of gender to be “grounded in biological sexual identity, male	O Vaticano expressou uma ansiedade mais geral sobre o rompimento dos próprios fundamentos da sociedade: tomou o significado de gênero para ser "baseado na identidade	Tra duç ão (M T)

	or female” (United Nations 1995).	sexual biológica, masculino ou feminino” (ONU, 1995).	
2 7 9	During the discussions of the drafting of the Rome Statute which created the International Criminal Court (ICC) in 1998, ‘gender’ was singled out for special definition, while terms like ‘political,’ ‘racial,’ ‘national,’ ‘ethnic,’ ‘cultural,’ ‘religious,’ ‘wealth,’ ‘birth,’ and ‘age,’ were taken to be self-evident and in need of no clarification (Oosterveld 2005).	Durante as discussões da elaboração do Estatuto de Roma que criou o Tribunal Penal Internacional (TPI), em 1998, “gênero” foi apontada para a definição especial, enquanto termos como ‘político,’ ‘racial,’ ‘nacional,’ ‘étnica’ ‘cultural’ de ‘religiosos,’ ‘riqueza’ ‘nascimento’ e ‘idade’ foram considerados como auto evidentes e não necessitaram de esclarecimento (OOSTERVELD, 2005).	Tra duç ão (M T)
2 8 0	Long negotiations were required to find exactly the right wording – a wording whose awkwardness reflects the controversies the words were crafted to resolve.	Foram necessárias longas negociações para encontrar exatamente a redação correta - uma formulação cuja estranheza reflete as controvérsias que as palavras foram concebidas para resolver.	Tra duç ão (M T)
2 8 1	Article 7(3) of the Rome Statute defines gender this way:	O n. ° 3 do artigo 7. ° do Estatuto de Roma define o gênero desta forma:	Tra duç ão (M T)

2 8 2	For the purposes of this Statute, it is understood that the term ‘gender’ refers to the two sexes, male and female, within the context of society.	Para efeitos do presente Estatuto, entende-se que o termo "gênero" se refere aos dois sexos, masculino e feminino, no contexto da sociedade.	Tra duç ão (M T)
2 8 3	The term ‘gender’ does not indicate any meaning different from the above.	O termo "gênero" não indica qualquer significado diferente do acima exposto.	Tra duç ão (M T)
2 8 4	(United Nations General Assembly 1998)	(Assembleia Geral Das Nações Unidas, 1998)	Tra duç ão (M T)
2 8 5	The phrase “two sexes” was a concession to the Right; “within the context of society” was meant to mollify social constructionists.	A frase "dois sexos" foi uma concessão à Direita; "no contexto da sociedade" era destinada a apaziguar os construcionistas sociais.	Tra duç ão
2 8 6	The final sentence seems to me to convey everyone’s deep anxiety about the uncontainable nature of gender.	A última frase parece-me transmitir a profunda ansiedade de todos em relação à natureza inacessível do gênero.	Tra duç ão (M T)
2 8 7	Gender could mean much more than “two sexes, male and female”; its exact referent had	O gênero poderia significar muito mais do que "dois sexos, masculino e feminino"; seu	Tra duç ão

	therefore to be repeatedly specified and that might not be enough.	referente exato tinha, portanto, que ser repetidamente especificado e ainda sim poderia não ser suficiente.	(M T)
2 8 8	Even if the referents were restricted to men and women, the idea that they are defined “within the context of society” calls into question any self-evident biological claim. ¹²	Mesmo que seus referentes fossem restringidos a homens e mulheres, a ideia que eles eram definidos “no contexto da sociedade” coloca em questionamento qualquer autoevidência de reivindicação biológica.	Tra duç ão
2 8 9	During the ICC debates one commentator noted that if gender were allowed to refer to anything beyond biological males and females in heterosexual relationships, the Court would be in the position of “drastically restructuring societies throughout the world.” ¹³ This same concern, about the radical potential of the word, was expressed by the opponents of a French curriculum that had introduced the concept of gender in 2011.	Durante os debates no TPI, um comentarista observou que se o gênero fosse permitido se referir a qualquer coisa além dos homens e mulheres biológicos em relações heterossexuais, o Tribunal estaria na posição de “reestruturar drasticamente as sociedades em todo o mundo”. Esta mesma preocupação, sobre o potencial radical da palavra, foi expressa pelos opositores de um programa de ensino francês que tinha introduzido o conceito de gênero em 2011.	Tra duç ão (M T)

2 9 0	<p>The “theory of gender,” as these critics dubbed it, “by denying sexual difference, [would] overturn the organization of our society and call into question its very foundations.”¹⁴ Speaking at the Vatican in November 2011, the French priest and psychoanalyst Tony Anatrella warned that the “ideology of gender” would “transform the meaning of the relations between women and men, the meaning of sexuality, and even the meaning of the family and procreation.”¹⁵ In the reasoning of these critics, gender leads inexorably to freedom of sexual orientation, the detachment of desire from its reproductive mandate.</p>	<p>A "teoria do gênero", como estes críticos chamaram, "por negar a diferença sexual, derrubaram a organização de nossa sociedade e colocariam em questão seus próprios fundamentos." Falando no Vaticano, em novembro de 2011, o padre francês e psicanalista Tony Anatrella avisou que a "ideologia de gênero" iria "transformar o significado das relações entre mulheres e homens, o significado da sexualidade, e até mesmo o significado da família e da procriação." No raciocínio destes críticos, o gênero conduz inexoravelmente à liberdade de orientação sexual e ao desprendimento do desejo de suas funções reprodutivas.</p>	Tra duç ão (M T)
2 9 1	<p>Once desire is freed in this way, it seemingly has no limits.</p>	<p>Uma vez que o desejo é libertado desta forma, ele aparentemente não tem limites.</p>	Tra duç ão (M T)

2 9 2	Homosexuals, bisexuals, transsexuals are the phantasmatic incarnation of the end of man (Edelman 2004).	Homossexuais, Bissexuais e Transsexuais são a encarnação fantasmática do fim do homem (EDELMAN, 2004).	Tra duç ão (M T)
2 9 3	Here the identity claims of sexual liberation movements confound the issue, fueling the anxieties of the Right.	Aqui as reivindicações de identidade dos movimentos de libertação sexual confundem o problema, alimentando as ansiedades da Direito.	Tra duç ão (M T)
2 9 4	Interestingly, the translations of the word in the final document vary.	Curiosamente, as traduções da palavra no documento final variam.	Tra duç ão (M T)
2 9 5	In French, the translation of gender is “sexe.”	Em francês, a tradução para gênero é "sexe.”	Tra duç ão (M T)
2 9 6	In Spanish it is “genero;” in Russian a transliteration – “gender”; and in Arabic, nau’ al-jins, which means type of sex or character of sex (nau hedges the sex in this translation).	Em espanhol é "genero"; em russo uma transliteração - "gender"; E em árabe, "nau ' al-jins", que significa tipo de sexo ou carácter do sexo (nau restringe o sexo nesta tradução).	Tra duç ão (M T)

2 9 7	This comes from an unpublished position paper cited in Oosterveld, “The Definition of ‘Gender’ in the Rome Statute.”	Isto vem de um documento inédito citado em Oosterveld, " A definição de 'gênero' no Estatuto de Roma."	Tra duç ão (M T)
2 9 8	Note 51.	Nota 51.	Tra duç ão (M T)
2 9 9	The paper was submitted to the conference by the David	O documento foi submetido à conferência pelo David	Tra duç ão (M T)
3 0 0	M. Kennedy Center for International Studies and is contained in Oosterveld’s files.	M. Kennedy Center para International Studies e consta nos arquivos de Oosterveld.	Tra duç ão (M T)
3 0 1	“La Théoricienne du gender honoré par l’ Université Bordeaux 3,” a protest circulated by the Association pour la Fondation de Service politique, a Catholic organization, protesting the award to Butler.	"La Théoricienne du gender honoré par l'Université Bordeaux 3", um protesto circulado pela "Association pour la Fondation de Service Politique," uma organização católica, protestando contra o prêmio de Butler.	Tra duç ão (M T)

	www.libertepolitique.com (consulted November 23, 2011.)	www.libertepolitique.com (consultado em 23 de novembro de 2011.)	
302	Cited in Mary Ann Case (2011), "After Gender The Destruction of Man?"	Citado por Mary Ann Case (2011), "After Gender The Destruction of Man?"	Tra duç ão
303	If the term gender was meant to install walls of separation between biological sex, social roles, and sexual practice, its critics see only a proliferation of sexualities expressed as formal identities, the replacement of the simple male/female binary by three, four, even five genders.	Se o termo gênero foi concebido para instalar paredes de separação entre sexo biológico, papéis sociais e prática sexual, seus críticos veem apenas uma proliferação de sexualidades expressas como identidades formais, a substituição do simples binário masculino/feminino por três, quatro, até mesmo cinco gêneros.	Tra duç ão (M T)
304	I think it is the status of sexual difference that is at issue, not only for Catholic crusaders, but for feminist translations of gender as well – sexual difference in the psychoanalytic sense, as the impossibility of knowing exactly what biological dif- ference means.	Penso que é o status da diferença sexual que está em causa, não só para os cruzados católicos, mas também para as traduções feministas de "gênero" – diferença sexual no sentido psicanalítico, como a impossibilidade de saber exatamente o que significa diferença biológica.	Tra duç ão (M T)

3 0 5	The critique of male domination, attributed as it is to “cultural construction,” inevitably raises the question of the arbitrary nature of the assignment of meaning to sexed bodies and so provokes what might be called the return of the repressed.	A crítica à dominação masculina, atribuída como é à "construção cultural", levanta inevitavelmente a questão da natureza arbitrária da atribuição de significado a corpos sedimentados e provoca assim o que se pode chamar o retorno dos reprimidos.	Tra duç ão (M T)
3 0 6	For Laplanche (2011: 161), the repressed is the sexual, “it is essentially perverse infantile sexuality,” the “unconscious residue of the symbolization-repression of gender by sex.”	Para Laplanche (2011. P. 161), o reprimido é o sexual, “é essencialmente perversa sexualidade infantil”, o “resíduo inconsciente da simbolização e repressão do sexo por sexo.”	Tra duç ão (M T)
3 0 7	Gender is the representation of plurality or doubleness (male/female).	Sexo é a representação da pluralidade ou dualidade (masculino/feminino).	Tra duç ão (M T)
3 0 8	However, “the sex that enters into a symbolic relation with gender is not the sex of biology, but in large part the sex of a fantasy anatomy, profoundly marked by the condition of the human animal” (Laplanche 2011: 167).	No entanto, "o sexo que entra em uma relação simbólica com o gênero não é o sexo da biologia, mas em grande parte o sexo de uma anatomia de fantasia, profundamente marcada pela condição da humano animal " (LAPLANCHE, 2011. P. 167).	Tra duç ão (M T)

309	<p>The fantasy of sex is expressed in terms of the dualisms presence/absence, phallic/castrated, but these don't correspond to the physical properties of men's and women's bodies.</p>	<p>A fantasia do sexo é expressa em termos da presença/ausência de dualismos, fálico/castrado, mas estes não correspondem às propriedades físicas dos corpos dos homens e das mulheres.</p>	<p>Tra duç ão (M T)</p>
310	<p>The confusions of sex, gender, and sexuality, Laplanche suggests, are universal ("the condition of the human animal"), although they may play out in a variety of different ways.</p>	<p>Laplanche sugere que as confusões entre sexo, gênero, e sexualidade, são universais ("a condição do humano animal"), embora eles podem jogar em uma variedade de maneiras diferentes.</p>	<p>Tra duç ão (M T)</p>
311	<p>Referring to Laplanche, Butler puts it really nicely: "...gender is in part constituted by unconscious wishes conveyed through the enigmatic assignment of gender, so that one might say that gender emerges, from early on, as an enigma for the child.</p>	<p>Referindo-se a Laplanche, Butler a cita bem: "...o gênero é em parte constituído por desejos inconscientes transmitidos através do enigmático compromisso de gênero, para que se possa dizer que o gênero emerge, desde cedo, como um enigma para a criança.</p>	<p>Tra duç ão (M T)</p>
312	<p>And the question may well not be, 'what gender am I?' but rather, 'what does gender want of me?' or even, 'whose desire is being carried through the assignment of gender that I have</p>	<p>E a questão pode muito bem não ser: "que gênero sou eu? mas antes, o que é que o gênero quer de mim?" ou mesmo, "de quem o desejo é realizado através da atribuição de gênero que eu</p>	<p>Tra duç ão (M T)</p>

	received and how can I possibly respond?	recebi e como eu posso responder?	
3 1 3	Quick – give me a way to translate!” (Butler 2014: 162).	Rápido! Dê-me uma maneira de traduzir!” (BUTLER, 2014. P. 162).	Tra duç ão (M T)
3 1 4	Linguistic resistances to translations of gender, I would argue, have to do with the way cultures have attempted to resolve those psychic confusions with fixed categories, whatever their referents.	Eu diria que, resistências linguísticas a traduções de gênero, têm a ver com a forma como as culturas tentaram resolver essas confusões psíquicas com categorias fixas, quaisquer que sejam os seus referências.	Tra duç ão (M T)
3 1 5	So the French “sexe” and the Swedish “kön” insist on a dualism that conflates the biological and the social, while “rod” and “pol” distinguish between race/nation and sex, respectively, although they are both grounded in biology.	Assim, o francês "sexe" e o sueco "kön" insistem em um dualismo que funde o biológico e o social, enquanto que "rod" e "pol" distinguem entre raça/nação e sexo, respectivamente, embora ambos são fundamentadas em biologia.	Tra duç ão (M T)
3 1 6	Formal written Arabic struggles with “nau” and “jin” and also invents new terms “al-jinsaaniyya” or “al-nu al-jinsaani” to correspond to	A forma escrita do árabe batalha com "nau" e "jin" e também inventa novos termos como "al-jinsaaniyya" ou "al-nu al-jinsaani" para corresponder	Tra duç ão (M T)

	gender, but the referents are not precise (sex? social attribution? m/f relations of power? women's inequality?) Whether explicitly or implicitly, feminist attempts to translate gender trouble established ways of thinking.	ao gênero, mas os referentes não são precisos (sexo? Atribuição social? Relações de poder masculinas e femininas? A desigualdade entre mulheres?) Seja explícita ou implicitamente, as tentativas feministas de traduzir problemas de gênero estabeleceram maneiras de pensar.	
317	Most often, the effort to deploy or adapt existing language is unsatisfactory, so a new word is invented or a transliteration – “gender” – is adopted.	Na maioria das vezes, o esforço para implantar ou adaptar a linguagem existente é insatisfatório, então uma nova palavra é inventada ou uma transliteração – "gênero" – é adotada.	Tra duç ão (M T)
318	This doesn't usually solve the problem, and the contest goes on.	Isto normalmente não resolve o problema, e a competição continua.	Tra duç ão (M T)
319	That is because the contest is less about the hegemony	Isso porque a competição trata menos sobre a hegemonia	Tra duç ão
320	of English or the imperialism of western feminism, than it is about the status of sexual	da língua inglesa ou do imperialismo do feminismo ocidental, do que se trata sobre	Tra duç ão

	difference – open to interpretation or confined by the rules?	o status das diferenças sexuais – aberta à interpretação ou confinada por regras?	
3 2 1	Does biology justify inequality?	A biologia justifica a desigualdade?	Tra duç ão (M T)
3 2 2	If “gender” is synonymous with a demand for equality, what does that imply about the status, the meaning, the determinations of biology?	Se "gênero" é sinônimo de uma demanda por igualdade, o que isso implica sobre o status, o significado e as determinações da biologia?	Tra duç ão (M T)
3 2 3	The common dimension of feminist political movements, expressed in the word gender (whether in translation or in the original), opens those questions with whatever local strategies – linguistic and otherwise – activists devise.	A dimensão usual dos movimentos políticos feministas, expressa na palavra gênero (seja na tradução ou no original), abre essas questões com quaisquer estratégias locais – lingüísticas e de outra forma – que ativistas concebem.	Tra duç ão (M T)
3 2 4	Even when pragmatic considerations call for restricting gender to an analysis of material and social inequalities, anxieties about sexual difference percolate.	Mesmo quando considerações pragmáticas exigem que se restrinja o gênero a uma análise das desigualdades materiais e sociais, as ansiedades acerca da diferença sexual são adentradas.	Tra duç ão (M T)

3 2 5	These are expressed in any number of ways, including calls for the protection of cultural integrity, communal tradition, religious belief, and national identity.	Sendo expressadas de várias formas, incluindo apelos à proteção da integridade cultural, da tradição, da crença religiosa e da identidade nacional.	Tra duç ão (M T)
3 2 6	If there is a universal element to all of this, it is not the concept of gender (which has a variety of definitions and uses), but the conundrum of sexual difference (an aspect of the human condition as Laplanche put it) that efforts to translate gender repeatedly expose.	Se há um elemento universal de tudo isso, não é o conceito de gênero (que tem uma variedade de definições e usos), mas o enigma da diferença sexual (um aspecto da condição humana como Laplanche aponta) que os esforços para traduzir gênero repetidamente expõe.	Tra duç ão (M T)
3 2 7	2.6	2.6	Tra duç ão
3 2 8	This is perhaps the time to return to the anecdote with which I began.	Este é talvez seja o momento ideal de voltar à anedota que usei anteriormente.	Tra duç ão (M T)
3 2 9	The decision to put gender between brackets was an effort at containment.	A decisão de colocar o gênero entre parênteses foi um esforço de contenção.	Tra duç ão (M T)

3 3 0	It aimed to prevent a feminist challenge to established notions of masculinity and femininity.	O objetivo era evitar um desafio feminista para as noções estabelecidas de masculinidade e feminilidade.	Tra duç ão (M T)
3 3 1	Since masculinity achieves its meaning in relation to femininity, the association of gender with feminist demands for equality – and so with a redefinition of the understandings of male and female it required – poses a threat to norms of masculinity whatever they are.	Uma vez que a masculinidade atinge o seu significado em relação à feminilidade, a associação do gênero com as exigências feministas de igualdade – e assim com uma redefinição da interpretação sobre homens e mulheres que era exigida – representa uma ameaça às normas de masculinidade, sejam elas quais forem.	Tra duç ão (M T)
3 3 2	Gender had to be put “entre braguette” because it represented the very threat of unthinkable radical transformation that the mispronounced phrase itself implied.	O gênero teve que ser colocado "entre braguette" (entre parênteses) porque representava a própria ameaça de transformação radical impensável que a frase em si implicava.	Tra duç ão (M T)
3 3 3	3. Afterword: Applying Scott’s work (Luise von Flotow)	3. Posfácio: Aplicando o trabalho de Scott (por Luise von Flotow)	Tra duç ão (M T)

3 3 4	A number of issues raised in Scott's text can be expanded upon immediately in order to develop broader contact zones and connections between gender studies and translation studies: these include	Uma série de questões levantadas no texto de Scott pode ser expandida imediatamente, a fim de desenvolver zonas de contato mais amplas e conexões entre estudos de gênero e estudos de tradução:	Tra duç ão (M T)
3 3 5	the political nature of both fields;	a natureza política de ambos os domínios;	Tra duç ão (M T)
3 3 6	the challenges of defining a new concept such as gender and then adapting it to new contexts and cultures;	os desafios de definir um novo conceito como o gênero e, em seguida, adaptá-lo a novos contextos e culturas;	Tra duç ão (M T)
3 3 7	the struggle over meaning that marks both fields;	a luta pelo significado que marca ambos os campos;	Tra duç ão (M T)
3 3 8	the 'universal' applied to the local;	o "universal" aplicado ao local;	Tra duç ão (M T)

3 3 9	the effects of translation upon “gender” arrangements.	os efeitos da tradução nos acordos políticos de "gênero"	Tra duç ão (M T)
3 4 0	1.Politics	1. Políticas	Tra duç ão
3 4 1	Early on in her text Joan Scott makes it clear that she is writing from a political feminist perspective; she writes “My interest in the translatability of gender has to do with its function as a feminist political concept.”	No início de seu texto, Joan Scott deixa claro que ela está escrevendo de uma perspectiva política feminista. Ela escreve: “Meu interesse na translatabilidade de gênero tem a ver com sua função como um conceito político feminista.”	Tra duç ão (M T)
3 4 2	Her analysis of the translation issues around the Anglo-American term ‘gender’ stems from that perspective, and she systematically shows how politicized the term ‘gender’ can be and how attempts to translate and use the term in international fields is affected by politics.	A sua análise das questões de tradução em torno do termo Anglo americano "gênero" tem origem nessa perspectiva, e mostra sistematicamente como o termo "gênero" pode ser politizado e como as tentativas de traduzir e utilizar o termo em domínios internacionais são afetadas pela política.	Tra duç ão (M T)

3 4 3	For scholars who have studied gender issues in translation over the past thirty years this is nothing new.	Para acadêmicos que estudaram questões de gênero na tradução ao longo dos últimos trinta anos, isso não é nada de novo.	Tra duç ão (M T)
3 4 4	They quickly discovered that all questions around gender and translation are political: gender, a term standing in for sexual difference and its socio-political ramifications, is the basis for major societal structures.	Eles rapidamente descobriram que todas as questões entorno de gênero e tradução são políticas: gênero, um termo que representa uma diferença sexual e de ramificações políticas, é a base para as principais estruturas sociais.	Tra duç ão
3 4 5	Any critique of gender arrangements thus means a critique of social/societal arrangements.	Qualquer crítica à disposições de gênero, significa uma crítica à estruturação social.	Tra duç ão
3 4 6	To use a longstanding literary example: feminist writers who point out how the officially sanctioned uses of a language can be systematically misogynist cause a political event.	Para usar um exemplo literário de longa data: escritoras feministas que apontam como os usos oficialmente sancionados de uma língua pode ser sistematicamente misógino causa um evento político.	Tra duç ão (M T)
3 4 7	The translation of their texts into other languages is also a political event.	A tradução dos seus textos para outras línguas é também um acontecimento político.	Tra duç ão

			(M T)
3 4 8	Language, after all, is a social convention that is deployed and often controlled in order to maintain the social structures a society builds around its management of gender/sexual difference.	A linguagem, afinal de contas, é uma convenção social que é implantada e muitas vezes controlada a fim de manter as estruturas sociais que uma sociedade constrói em torno de sua gestão da diferença de gênero/sexual.	Tra duç ão (M T)
3 4 9	To translate texts critical of gender relations or gender structures carries subversive influences into other cultures and languages, and is perceived as threatening.	Traduzir textos críticos das relações de gênero ou estruturas de gênero carrega influências subversivas para outras culturas e línguas, e é percebido como algo ameaçador.	Tra duç ão (M T)
3 5 0	This political edge stems from what Scott calls “the common dimension of feminist political movements, expressed in the word gender (whether in translation or in the original)” which, regardless how circumspect, cause “anxieties about sexual difference [to] percolate.”	Esta margem política deriva do que Scott chama de "a dimensão comum dos movimentos políticos feministas, expressa na palavra gênero (seja em translação ou no original)" que, independentemente de quão prudente, causa "ansiedades sobre a diferença sexual penetrada"	Tra duç ão (M T)

3 5 1	<p>As Scott shows in her references to international organisms struggling over a workable definition of the term gender, these anxieties stem from the wish by any number of often competing groups to manage, control, and direct human sexualities.</p>	<p>Como Scott mostra em suas referências a Órgãos Internacionais lutando por uma definição viável do termo gênero, essas ansiedades derivam do desejo de qualquer número de grupos frequentemente competindo para gerenciar, controlar e direcionar as sexualidades humanas.</p>	<p>Tra duç ão (M T)</p>
3 5 2	<p>Many different players – governments, political parties, lobbyists, religious groups, academics and the media – interact and confront each other in such discussions, and consensus is never a given.</p>	<p>Muitos intervenientes diferentes – governos, partidos políticos, lobistas, grupos religiosos, acadêmicos e meios de comunicação - interagem e se confrontam em tais discussões, e um consenso nunca é um dado adquirido.</p>	<p>Tra duç ão (M T)</p>
3 5 3	<p>On the one hand, this renders the translation of texts dealing with gender issues very edgy, while on the other it opens the way for translation studies approaches to serve as useful instruments for analyzing and understanding these difficulties and the political attitudes that underlie them.</p>	<p>Por um lado, isso torna a tradução de textos que lidam com questões de gênero muito ousada, enquanto por outro abre o caminho para abordagens de estudos de tradução para servir como instrumentos úteis para analisar e compreender essas dificuldades e as atitudes políticas que os sustentam.</p>	<p>Tra duç ão (M T)</p>

3 5 4	Much research remains to be done on the political and politicized relations between these two areas of human interaction.	Ainda há muita pesquisa a ser feita sobre as relações políticas e politizadas entre estas duas áreas de interação humana.	Tra duç ão (M T)
3 5 5	Difficulties of definition, and then translation	Dificuldades de definição, e depois a tradução	Tra duç ão (M T)
3 5 6	Scott starts her essay with a discussion around the meaning of the word “gender” in English.	Scott começa seu artigo com uma discussão sobre o significado da palavra "gender" em inglês.	Tra duç ão (M T)
3 5 7	This is something any working translator would need to consider before beginning on the interpretive and transformational process that is translation.	Isso é algo que qualquer tradutor precisaria considerar antes de começar em um processo de interpretação e de transformação que é a tradução.	Tra duç ão
3 5 8	Yet it seems there is no unified, agreed-upon meaning: “gender” is a multiple term meaning different things to different groups, and used in different ways by academics, journalists,	Ainda sim, parece que não há algo unificado, acordado: "gênero" é um termo múltiplo que significa várias coisas diferentes para variados grupos, e usado em diferentes áreas por acadêmicos, jornalistas,	Tra duç ão

	activists, and politicians as well as by the general public.	ativistas, políticos, assim como pelo público em geral.	
3 5 9	Scott had pointed this out in an earlier reference to the American Heritage Dictionary of the English Language (Scott 1999) which notes the ongoing confusion in English usage between the terms “sex” and “gender.”	Anteriormente, Scott tinha apontado isso em uma referência ao dicionário "American Heritage Dictionary of the English Language" (SCOTT, 1999), que observa a contínua confusão no uso inglês entre os Termos "sexo" e "gênero".	Tra duç ão (M T)
3 6 0	This instability of meaning does not bode well for any attempt to produce an “equivalent” translation of the term into other languages.	Esta instabilidade de significado não prenuncia nada de bom para qualquer tentativa de produzir uma tradução "equivalente" do termo para outras línguas.	Tra duç ão (M T)
3 6 1	Indeed, it makes its translation and use in the target culture contingent upon many other factors at work in that culture.	De fato, faz com que a sua tradução e utilização na cultura de chegada dependa de muitos outros fatores em ação nessa cultura.	Tra duç ão (M T)
3 6 2	And while there is always the solution of transliteration, i.e. importing the term into the new language as a neologism which Scott describes as “a means of signifying membership in a	E embora haja sempre a solução da transliteração, ou seja, a importação do termo para a nova língua como um neologismo que Scott descreve como "um meio de significando	Tra duç ão (M T)

	<p>global political project”, this does not solve the original problem of meaning and simply provides membership in an international grouping.</p>	<p>a participação num projeto político global”, isso não resolve o problema original do significado e simplesmente fornece a adesão a um agrupamento internacional.</p>	
363	<p>The same applies to other new terms that have appeared in the ongoing research, lobbying and debate around gender, terms such as gay or queer, or the acronym “GBLTQI” [Gay, bisexual, lesbian, transsexual, queer, intersex].</p>	<p>O mesmo se aplica a outros novos termos que apareceram na pesquisa em curso e debate em torno do gênero, termos como gay ou queer, ou o acrônimo “LGBTQI+” (Lésbicas, Gays, Bissexuais, Transexuais, Queers, Intersexual e mais).</p>	<p>Tra duç ão (M T)</p>
364	<p>Research initiatives in gender studies that reach beyond the bounds of English must, at the moment, engage with translation issues; there is no way around this, and this is where the two disciplines most obviously meet.</p>	<p>Iniciativas de pesquisa em estudos de gênero que ultrapassam os limites do inglês devem, no momento, envolver-se com questões de tradução; não há maneira de contornar isso, e é aqui que as duas disciplinas mais obviamente se encontram.</p>	<p>Tra duç ão (M T)</p>
365	<p>Struggles over meaning</p>	<p>Conflitos por significado</p>	<p>Tra duç ão</p>

3 6 6	One of the most important links Scott's text establishes between translation studies and gender studies is that of ideology and the struggle to control meaning.	Um dos elos mais importantes do texto de Scott estabelece entre os estudos de tradução e estudos de gênero é o da ideologia e da luta para controlar o significado.	Tra duç ão (M T)
3 6 7	She writes,	Ela escreve que,	Tra duç ão
3 6 8	Whether explicitly or implicitly, feminist [or any other] attempts to translate gender trouble established ways of thinking.	Seja explícita ou implicitamente, uma feminista [ou qualquer outra] tentativa de traduzir o problema de gênero estabelecem formas de pensar.	Tra duç ão (M T)
3 6 9	Most often, the effort to deploy or adapt existing language is unsatisfactory, so a new word is invented or a transliteration [...] is adopted.	Na maioria das vezes, o esforço para implantar ou adaptar a linguagem existente é insatisfatório, então uma nova palavra é inventada ou uma transliteração [...] é adotada.	Tra duç ão (M T)
3 7 0	This doesn't usually solve the problem, and the contest goes on.	Isto normalmente não resolve o problema, e a competição continua.	Tra duç ão (M T)
3 7 1	That is because the contest is less about the hegemony of English or the imperialism of	Isso porque a competição trata menos sobre a hegemonia da língua inglesa ou do	Tra duç ão

	western feminism, than it is about the status of sexual difference – open to interpretation or confined by the rules?	imperialismo do feminismo ocidental, do que se trata sobre o status das diferenças sexuais – aberta à interpretação ou confinada por regras?	
3 7 2	Does biology justify inequality?	A biologia justifica a desigualdade?	Tra duç ão (M T)
3 7 3	If “gen- der” is synonymous with a demand for equality, what does that imply about the status, the meaning, the determinations of biology?	Se "gênero" é sinônimo de uma demanda por igualdade, o que isso implica sobre status, o significado e as determinações biológicas?	Tra duç ão
3 7 4	In other words, swirling around questions about the translation of one small word are many other questions about the meaning of sexual difference: what is the legal situation of a female hotel cleaner in New York when she is assaulted by a male guest?	Em outras palavras, rodopiar em volta de questionamentos sobre a tradução de uma pequena palavra havendo muitas outras questões de significado de diferenças sexuais: qual é a situação legal de camareiras de hotéis em Nova Iorque quando são abusadas por hóspedes homens?	Tra duç ão
3 7 5	Who decides?	Que decide?	Tra duç ão

3 7 6	Do questions of gender play a role?	As questões de gênero desempenham algum papel?	Tra duç ão (M T)
3 7 7	Do the cultures of origin of the two characters play a role?	As culturas de origem das duas partes desempenham um papel no comportamento?	Tra duç ão (M T)
3 7 8	Does an American translation of the event, which could be stamped as hegemonically English and strongly affected by feminism, carry more weight than other versions?	Será que uma tradução americana do evento, que poderia ser carimbada como hegemonicamente em inglês e fortemente afetada pelo feminismo, tem mais peso do que outras versões?	Tra duç ão (M T)
3 7 9	And what do the biological differences between these two people, and indeed, any two people, mean when “gender” is invoked, or “gender studies” are pursued, or “gender policies” are established?	E o que as diferenças biológicas entre essas duas pessoas, e de fato, quaisquer duas pessoas, significam quando "gênero" é invocado, ou "estudos de gênero" são perseguidos, ou "políticas de gênero" são estabelecidas?	Tra duç ão (M T)
3 8 0	Or when gender is translated across linguistic and cultural borders.	Ou quando o gênero é traduzido para além das fronteiras linguísticas e culturais.	Tra duç ão

			(M T)
3 8 1	The points of contact, and the research questions that can be raised are considerable, and not confined to the present.	Os pontos de contato e as questões de investigação que podem ser levantadas são consideráveis e não se limitam ao presente.	Tra duç ão (M T)
3 8 2	As Scott shows, discourses around “gender” involve problems of definition, philosophy, tradition and political meaning.	Como Scott mostra, discursos em torno de “gênero” envolvem problemas de definição, filosofia, tradição e significado político.	Tra duç ão (M T)
3 8 3	The same applies to discourses around “translation” – where not only scholars but currently also business interests in translation technologies compete to establish what exactly is meant by the term, and where different cultures have different understandings of the processes, functions and importance of how meaning is transferred and disseminated over linguistic boundaries.	O mesmo se aplica a discursos em torno de “tradução” – onde não apenas os eruditos, mas atualmente também interesses de negócios em tecnologias de tradução competem para estabelecer o que significa exatamente o termo, e que diferentes culturas têm diferentes entendimentos sobre os processos, as funções e a importância de como o significado é transferido e divulgados através de linguística limites.	Tra duç ão (M T)

3 8 4	<p>While ‘Western’ theories of translation often start with wishful ideas about equivalence that seem to date from late medieval dangers around Bible translations, and have no vocabulary to express degrees of translation (Simon 2007), certain Asian cultures see translation as a more open and benign process where water (text) is poured into new vessels and must necessarily take new shapes.</p>	<p>Enquanto as teorias "ocidentais" da tradução muitas vezes começam com ideias desejosas sobre equivalência que parecem datar de perigos medievais tardios em torno das traduções da Bíblia, e não têm vocabulário para expressar graus de tradução (SIMON, 2007), certas culturas asiáticas veem a tradução como um processo mais aberto e benigno onde a água (texto) é derramada em novos vasos e deve necessariamente tomar novas formas.</p>	Tra duç ão (M T)
3 8 5	<p>There is much disagreement on the boundaries between translation, rewriting, adaptation, paraphrasing, and other ways of hand(l)ing texts across linguistic borders, with the effect that “our contemporary vocabulary [for these processes] is impoverished and judgmental” and at a loss to “account for looser forms of translation” (Simon 2007: 10).</p>	<p>Há muita discordância sobre as fronteiras entre a tradução, reescrita, adaptação, para-fraseamento e outras formas de lidar com textos através das fronteiras linguísticas, com o efeito de que “o nosso vocabulário contemporâneo [para estes processos] é empobrecido e julgador” e com a perda de “conta para formas mais frouxas de tradução” (SIMON, 2007. P. 10).</p>	Tra duç ão (M T)

3 8 6	Like gender studies, translation studies has not finally defined its object, and this may well be an ongoing challenge.	Tal como os estudos de gênero, os estudos de tradução não definiram finalmente o seu objeto, o que pode muito bem ser um desafio permanente.	Tra duç ão (M T)
3 8 7	Universal vs local	Universal vs local	Tra duç ão (M T)
3 8 8	Scott often evokes the tension between the universal meanings that can be assigned to “gender” or other related terms and the local differences when such terminology is translated.	Scott frequentemente evoca a tensão entre os significados universais que podem ser atribuídos a "gênero" ou outros termos relacionados e as diferenças locais quando tal terminologia é traduzida.	Tra duç ão (M T)
3 8 9	Citing Nikolchina, she suggests that the very difficulties of translation that she has described can become a site for research into the theoretical and strategic assumptions of feminism [or other gender interests] in its [their] local/global interactions.	Citando Nikolchina, ela sugere que as próprias dificuldades de transferência que ela descreveu podem se tornar um local de pesquisa sobre as suposições teóricas e estratégicas do feminismo [ou outros interesses de gênero] em suas interações locais/ globais.	Tra duç ão (M T)

390	Such research, combining gender studies and translation studies explores what happens when “universal categories are grounded in local usages	Tal pesquisa, que combina estudos de gênero e estudos de tradução, explora o que acontece quando "as categorias universais se baseiam em usos locais e	Tradução (MT)
391	and when different local usages reflect philosophical and political disagreements.”	quando diferentes usos locais refletem desacordos filosóficos e políticos.”	Tradução (MT)
392	In the case of the term “gender”, researchers may well ask “which local words, if any, are appropriate to render the concept intelligible and politically efficacious”, or pose more wide-ranging questions about the local translation and implementation of foreign concepts related to gender, concepts such as heteronormativity, or queer, or other GLBTQI terminology and thinking.	No caso do termo "gênero", os pesquisadores podem perguntar-se: "que as palavras locais, se houver, que são apropriados para compor o conceito inteligível e politicamente eficaz? ", ou constituir indagações mais amplas sobre tradução local e implementação de conceitos diferentes relacionados ao gênero, conceitos, tais como a heteronormatividade, ou queer, ou outras terminologias LGBTQI+ .	Tradução (MT)
393	Universalisms, in Scott’s text, are available for “strategic appropriation.”	Os universalismos, no texto de Scott, estão disponíveis para "apropriação estratégica".”	Tradução

			(M T)
3 9 4	And the process is not uni-directional.	E o processo não é unidirecional.	Tra duç ão (M T)
3 9 5	Through the processes of translation, a kind of negotiation takes place that also affects the source text – as Davis (2007) showed in regard to the translations of <i>Our Bodies, Ourselves</i> .	Através dos processos de tradução, ocorre uma espécie de negociação que também afeta o texto de partida, como Davis (2007) mostrou em relação às traduções de " <i>Our Bodies, Ourselves</i> ."	Tra duç ão (M T)
3 9 6	Texts dealing with gender issues and the translations of these texts – regardless of language pairs – thus exist in a “heterogeneous continuum” where meaning is in flux, and contingent upon many different factors.	Textos que lidam com questões de gênero e as traduções desses textos – independentemente dos pares de idiomas – assim existem em um "continuum heterogêneo" onde o significado está em fluxo, e depende de muitos fatores diferentes.	Tra duç ão (M T)
3 9 7	Translation effects	Efeitos da tradução	Tra duç ão (M T)

398	It is notoriously difficult to gauge the effects of a translation, at least at first blush.	É notoriamente difícil avaliar os efeitos de uma tradução, pelo menos logo de primeira.	Tradução (M T)
399	In literary studies, translation effects can take several generations to develop.	Em estudos literários, os efeitos da tradução podem levar várias gerações para se desenvolver.	Tradução (M T)
400	In Scott's essay, the effects of the translation and use of the concept of "gender" in international settings of treaties, agreements, memoranda and accords may be more immediate as the political dithering over the meaning of the word shows.	No trabalho de Scott, os efeitos da tradução e uso do conceito de "gênero" em contextos internacionais de tratados, acordos, memorandos e acordos podem ser mais imediatos como a hesitação política sobre o significado da palavra mostra.	Tradução (M T)
401	Scott cites the case of the UN Commission on the Status of Women, which came to the grand conclusion that "the word 'gender' as used in the Platform for Action was intended to be interpreted and understood as it was in ordinary accepted usage."	Scott cita o caso da Comissão das Nações Unidas sobre o estatuto das mulheres, que chegou à grande conclusão de que "a palavra 'gênero', como usada na plataforma de ação, se destinava a ser interpretada e entendida como sendo de uso comum aceito".	Tradução (M T)

402	<p>A current research project, located at the cusp of gender studies and translation studies, sets out to move beyond such bland effects; it provides a strong example of how these two transdisciplines can indeed be brought together for mutual enrichment and very creative research.</p>	<p>Um projeto de pesquisa em curso, localizado à beira dos estudos de gênero e dos estudos da tradução, pretende ir além desses efeitos brandos; constitui um forte exemplo de como estas duas transdisciplinas podem, de fato, ser reunidas para enriquecimento mútuo e estudo criativo.</p>	<p>Tra duç ão (M T)</p>
403	<p>Noting that the “transformation of women’s social status is one of the most significant developments of the post-war [post-1945] period,” but that little is known about the precise ways that “women’s rights campaigners across different national and cultural settings communicated with one another, read and translated each other’s texts, and locally re-contextualized them,” authors Penny Morris and Maud Bracke of the University of Glasgow¹⁶ are examining the transnational communication processes that set feminist thought and politics into</p>	<p>Observando que a “transformação do estado social de mulheres é um dos mais significativos desenvolvimentos do período pós-guerra [pós-1945]” mas que pouco é conhecido sobre o preciso maneiras de que “as mulheres ativistas de direitos entre nacionais diferentes definições culturais e comunicava - se com o outro, leia e traduziu cada um dos outros textos, e, localmente, re-contextualizada-los,” os autores Penny Morris e Maud Bracke, da Universidade de Glasgow, estão examinando os processos de comunicação transnacional que colocam o pensamento feminista e a</p>	<p>Tra duç ão (M T)</p>

	international motion, and allowed them to take effect.	política em movimento internacional, e permitiram que eles fizessem efeito.	
404	Their project is entitled “Translating Feminism: Transfer, Transgression, Transformation (ca. 1960–1990)” and sets out to transform historical views of “global women’s movements, feminist thought, transnationalism in political	Seu projeto é intitulado “Translating Feminism: Transfer, Transgression, Transformation (ca.1960-1990)” e pretende transformar os pontos de vista históricos dos “movimentos globais das mulheres, pensamento feminista, transnacionalismo na política”.	Tra duç ão (M T)
405	16. Penny Morris and Maud Bracke, University of Glasgow, unpublished paper.	Penny Morris and Maud Bracke, University of Glasgow, unpublished paper.	Tra duç ão (M T)
406	activism and the inter-connectedness of the post-1945 world.”	activism and the inter-connectedness of the post-1945 world.”	Tra duç ão (M T)
407	Clearly an interna- tional gender studies project, it examines the transformations of women’s rights and legal/civil status, with a methodology located squarely in translation	Claramente um projeto internacional de estudos de gênero, ele examina as transformações dos direitos das mulheres e legal/estado civil, com uma metodologia localizado	Tra duç ão (M T)

	<p>studies, which allows it to study the “transnational journeys of ‘canonical’ texts” along with the actors, sites and practices of translation, as well as the geopolitics affecting patterns of transmission.</p>	<p>diretamente em estudos de tradução, o que lhe permite estudar a "as viagens transnacionais de textos canônicos", juntamente com os atores, sites e práticas da tradução, bem como a geopolítica que afetam os padrões de transmissão.</p>	
<p>4 0 8</p>	<p>Further work on feminism and post-colonial settings, East-West transfers, and Cold War appropriations move the focus well beyond the West, and workshops addressing the key questions that “evolve around the practices of translation, the significance of translation work to the individual and to activist networks, transnational encounters and the (perception of) its [translation’s] impact on wider feminist debates” bring the research directly into the area of practical applications and effects – of both gender and translation studies.</p>	<p>Outros trabalhos sobre o feminismo e o pós-colonial definições, Leste-Oeste, transferências, e a Guerra Fria dotações mover o foco para além do Ocidente, e workshops abordando as questões-chave que "evoluir em torno de práticas de tradução, o significado do trabalho de tradução para o indivíduo e para o ativista de redes transnacionais de encontros e a (percepção) de sua [da tradução] impacto mais amplo feminista debates" trazer a pesquisa diretamente para a área de aplicações práticas e efeitos – de ambos os sexos e estudos de tradução.</p>	<p>Tra duç ão (M T)</p>

4 0 9	Joan Scott's focus on the translation issues around one single English word "gender" can thus be substantially broadened to show how else and where else contacts between translation studies and gender studies already exist, or can be created.	O foco de Joan W. Scott nas questões de tradução em torno de uma única palavra em inglês "gender" pode, assim, ser substancialmente ampliado para mostrar como e onde outros contatos entre estudos de tradução e estudos de gênero já existem, ou podem ser criados.	Tra duç ão (M T)
4 1 0	In the project that studies the post-1945 successes of feminist thinking by examining translations and disseminations of feminist texts, women are the center of interest, and indeed, the term "gender" often evokes women's rights.	No projeto que estuda os sucessos pós 1945 do pensamento feminista examinando traduções e disseminações de textos feministas, as mulheres são o centro de interesse, e na verdade, o termo "gênero" muitas vezes evoca os direitos das mulheres.	Tra duç ão (M T)
4 1 1	But it is not restricted to women.	Mas não se restringe às mulheres.	Tra duç ão (M T)
4 1 2	All humans are sexed, and therefore gendered, and all manifestations of gender can be studied.	Todos os seres humanos são sexuados e, portanto, generados, e todas as manifestações de gênero podem ser estudadas.	Tra duç ão (M T)

4 1 3	Translation studies offer the means and methods to do so across boundaries set by cultures and languages.	Os estudos de tradução oferecem os meios e métodos para essa pesquisa além das fronteiras estabelecidas por culturas e línguas.	Tra duç ão (M T)
4 1 4	References	Referências	Tra duç ão
4 1 5	Apter, Emily. 2012.	Apter, Emily. 2012.	Tra duç ão (M T)
4 1 6	“Transatlantic Feminism.	"Transatlantic Feminism.	Tra duç ão (M T)
4 1 7	Post-DSK Affair” in Public Books, Accessed Jan. 18, 2015 at http://www.publicbooks.org/non-fiction/transatlantic-feminism-post-dsk-affair .	Caso pós-DSK " em Livros Públicos, Accessed Jan. 18, 2015 at http://www.publicbooks.org/non-fiction/transatlantic-feminism-post-dsk-affair .	Tra duç ão (M T)
4 1 8	Baden, Sally and Goetz, Anne Marie. 1997.	Baden, Sally e Goetz, Anne Marie. 1997.	Tra duç ão

			(M T)
4 1 9	“Who Needs [Sex] when you can have [Gender]?”	"Quem precisa de sexo quando se pode ter sexo?"	Tra duç ão (M T)
4 2 0	Conflicting Discourses on Gender at Beijing”.	Discourses confliting on Gender at Beijing”.	Tra duç ão (M T)
4 2 1	Feminist Review (56): 3–25.	Revista Feminista (56): 3–25.	Tra duç ão (M T)
4 2 2	doi: 10.1057/fr.1997.13	doi: 10.1057 / fr.1997.13	Tra duç ão (M T)
4 2 3	Barthes, Roland. 1986.	Barthes, Roland. 1986.	Tra duç ão (M T)

4 2 4	“The War of Languages”.	"The War of Languages".	Tra duç ão (M T)
4 2 5	In Barthes, The Rustle of Language. (Trans.	Em Barthes, o turbilhão da linguagem. (Trans.	Tra duç ão (M T)
4 2 6	Richard Howard).	Richard Howard).	Tra duç ão (M T)
4 2 7	Oakland : University of California Press.	Oakland: University of California Press.	Tra duç ão (M T)
4 2 8	Bassi, Serena. 2014.	Bassi, Serena. 2014.	Tra duç ão (M T)
4 2 9	“Tick as Appropriate: (A) Gay, (B) Queer, or (C) None of the Above: Trans- lation and Sexual	"Tick as Appropriate: (A) Gay, (B) Queer, or (C) None of the Above: Trans-lation and Sexual	Tra duç ão

	Politics in Lawrence Venuti's A Hundred Strokes of the Brush Before Bed“.	Politics in Lawrence Venuti's Cem pinceladas Antes de Dormir“.	(M T)
430	Comparative Literature Studies 51 (2): 298–320. doi: 10.5325/complitstudies.51.2.0298	Estudos De Literatura Comparativa 51 (2): 231–252. doi: 10.5325/complitstudies.51.2.0231	Tra duç ão TM (77 %)
431	Berger, Anne Emmanuelle. 2014.	Berger, Anne Emmanuelle. 2014.	Tra duç ão (M T)
432	The Queer Turn in Feminism: Identities, Sexualities, and the Theory of Gender, (trans.	The Queer Turn in Feminism: Identities, Sexualities, and the Theory of Gender, (trans.	Tra duç ão (M T)
433	Catherine Porter).	Catherine Porter).	Tra duç ão (M T)
434	NY: Fordham University Press.	NY: Fordham University Press.	Tra duç ão

			(M T)
4 3 5	Bogic, Anna. 2011.	Bogic, Anna. 2011.	Tra duç ão (M T)
4 3 6	“Why Philosophy Went Missing.	“Why Philosophy Went Missing.	Tra duç ão (M T)
4 3 7	Understanding the English Version of Simone de Beauvoir’s Le deuxième sexe“.	Understanding the English Version of Simone de Beauvoir’s 'Le deuxième sexe“.	Tra duç ão (M T)
4 3 8	In Translating Women, Luise von Flotow (ed), 151–166.	Em Translating Women, Luise von Flotow (ed), 151-166.	Tra duç ão (M T)
4 3 9	Ottawa: University of Ottawa Press.	Ottawa: University of Ottawa Press.	Tra duç ão (M T)

4 4 0	Braidotti, Rosi, Ilse Lazaroms, and Esther Vonk. 2001.	Braidotti, Rosi, Ilse Lazaroms, e Esther Vonk. 2001.	Tra duç ão (M T)
4 4 1	The Making of European Women's Studies	The Making of European Women's Studies	Tra duç ão
4 4 2	,	,	Tra duç ão
4 4 3	3. Utrecht: Utrecht University.	3. Utrecht: Utrecht University.	Tra duç ão (M T)
4 4 4	Butler, Judith. 1990.	Butler, Judith. 1990.	Tra duç ão (M T)
4 4 5	Gender Trouble: Feminism and the Subversion of Identity.	Gender Trouble: Feminism and the Subversion of Identity	Tra duç ão
4 4 6	NY: Routledge.	Routledge.	Tra duç ão

			(M T)
4 4 7	Butler, Judith. 2014.	Butler, Judith. 2014.	Tra duç ão (M T)
4 4 8	“Gender and Gender Trouble”.	"Gender and Gender Trouble".	Tra duç ão (M T)
4 4 9	In Philosopher en langues: Les intraduisibles en traduction, Barbara Cassin (ed).	Em Philosopher en langues: Les intraduisibles en traduction, Barbara Cassin (ed).	Tra duç ão
4 5 0	Paris: Editions Rue d'Ulm.	Paris: Editions Rue d'Ulm.	Tra duç ão (M T)
4 5 1	Case, Mary Ann. 2011.	Case, Mary Ann. 2011.	Tra duç ão (M T)

4 5 2	“After Gender The Destruction of Man?”	“After Gender The Destruction of Man?”	Tra duç ão
4 5 3	The Vatican’s Nightmare Vision of the ‘Gender Agenda’ for Law.”	The Vatican’s Nightmare Vision of the ‘Gender Agenda’ for Law.”	Tra duç ão
4 5 4	Pace Law Review, 31 (3): 805.	Pace Law Review, 31 (3): 805.	Tra duç ão (M T)
4 5 5	Condorcet, M-J-A-N-C. 1790.	Condorcet, M-J-A-N-C. 1790.	Tra duç ão (M T)
4 5 6	“On the Admission of Women to the Rights of Citizenship.”	“On the Admission of Women to the Rights of Citizenship.”	Tra duç ão
4 5 7	In	Em	Tra duç ão
4 5 8	Selected Writings, Keith Michael Baker (ed).	Selected Writing, Keith Michael Baker (ed).	Tra duç ão (M T)

4 5 9	Indianapolis: Bobbs-Merrill, 1976.	Indianapolis: Bobbs-Merrill, 1976.	Tra duç ão (M T)
4 6 0	Davis, Kathy. 2007.	Davis, Kathy. 2007.	Tra duç ão (M T)
4 6 1	The Making of ‘Our Bodies, Ourselves’: How Feminism Travels Across Borders.	The Making of ‘Our Bodies, Ourselves’: How Feminism Travels Across Borders	Tra duç ão
4 6 2	Durham: Duke University Press. doi: 10.1215/9780822390251	Durham: Duke University Press. doi: 10.1215/9780822390251	Tra duç ão (M T)
4 6 3	Derrida, Jacques. 1991.	Derrida, Jacques. 1991.	Tra duç ão (M T)
4 6 4	“Des Tours de Babel”.	"Des Tours de Babel".	Tra duç ão (M T)

4 6 5	In A Derrida Reader: Between the Blinds, Peggy Kamuf (ed), 243–53.	Em A Derrida Reader: Between the Blinds, Peggy Kamuf (ed), 243–53.	Tra duç ão
4 6 6	NY: Columbia University Press.	NY: Columbia University Press.	Tra duç ão (M T)
4 6 7	Edelman, Lee. 2004.	Edelman, Lee. 2004.	Tra duç ão (M T)
4 6 8	No Future: Queer Theory and the Death Drive.	No Future: Queer Theory and the Death Drive.	Tra duç ão
4 6 9	Durham, N.C.: Duke University Press. doi: 10.1215/9780822385981	Durham, N. C.: Duke University Press. doi: 10.1215/9780822385981	Tra duç ão (M T)
4 7 0	French Commission on Terminology and Neology [Commission Générale de Terminologie et de Néologie]. 2005.	French Commission on Terminology and Neology [Commission Générale de Terminologie et de Néologie]. 2005.	Tra duç ão

4 7 1	“Recommandation sur les équivalents français du mot gender.”	“Recommandation sur les équivalents français du mot gender.”	Tra duç ão
4 7 2	In Journal Officiel de la République Française, Avis et communications.	Em Journal Officiel de la République Française, Avis et communications.	Tra duç ão
4 7 3	Texte 107 sur 115, July 22, 2005.	Texte 107 sur 115, July 22, 2005.	Tra duç ão (M T)
4 7 4	Ghazoul, Ferial. 1999.	Gazoul, Ferial. 1999.	Tra duç ão (M T)
4 7 5	“Gender and Knowledge: Contribution of Gender Perspectives to Intellectual Formations.”	“Gender and Knowledge: Contribution of Gender Perspectives to Intellectual Formations.”	Tra duç ão
4 7 6	Alif (19): 6.	Alef (19): 6.	Tra duç ão (M T)

4 7 7	Cited in Massad (2015: 159).	Citado em Massad (2015: 159).	Tra duç ão (M T)
4 7 8	Haraway, Donna. 1991.	Haraway, Donna. 1991.	Tra duç ão (M T)
4 7 9	“Gender for a Marxist Dictionary.”	“Gender for a Marxist Dictionary.”	Tra duç ão
4 8 0	In her Simians, Cyborgs, and Women, 127–148.	Em Simians, Cyborgs, and Women, 127–148.	Tra duç ão
4 8 1	NY: Routledge.	Routledge.	Tra duç ão (M T)
4 8 2	Johnson, Barbara. 1994.	Johnson, Barbara. 1994.	Tra duç ão (M T)

4 8 3	The Wake of Deconstruction.	The Wake of Deconstruction.	Tra duç ão
4 8 4	Blackwell USA.	Blackwell USA.	Tra duç ão (M T)
4 8 5	Lacan, Jacques. 1977.	Lacan, Jacques. 1977.	Tra duç ão (M T)
4 8 6	“The Signification of the Phallus”.	“The Signification of the Phallus”.	Tra duç ão
4 8 7	In his Ecrits (trans.	Em Ecrits (trans.	Tra duç ão
4 8 8	Alan Sheridan).	Alan Sheridan).	Tra duç ão (M T)
4 8 9	NY:	NY:	Tra duç ão

			(M T)
4 9 0	W. W. Norton.	W. W. Norton.	Tra duç ão (M T)
4 9 1	Laplanche, Jean. 2011.	Laplanche, Jean. 2011.	Tra duç ão (M T)
4 9 2	“Gender, Sex, and the Sexual,” in his Freud and the Sexual: Essays 2000– 2006.	“Gender, Sex, and the Sexual,” em seu e de Freud Sexual: Essays 2000– 2006.	Tra duç ão
4 9 3	John Fletcher, Jonathan House, Nicholas Ray (Trans).	John Fletcher, Jonathan House, Nicholas Ray (Trans).	Tra duç ão (M T)
4 9 4	International Psychoanalytic Books.	International Psychoanalytic Books.	Tra duç ão (M T)

4 9 5	Magyari-Vincze, Enikö. 2002.	Magyari-Vincze, Enikö. 2002.	Tra duç ão (M T)
4 9 6	“Behind Translations as a Linguistic Issue: The Case of Roma- nia”.	“Behind Translations as a Linguistic Issue: The Case of Romania”.	Tra duç ão
4 9 7	In The Making of European Women’s Studies: A work in progress report on curriculum development and related issues in gender education and research, Rosi Braidotti and Berteke Waaldijk (eds).	Em The Making of European Women’s Studies: A work in progress report on curriculum development and related issues in gender education and research, Rosi Braidotti e Berteke Waaldijk (eds).	Tra duç ão
4 9 8	Utrecht: Athena.	Utrecht: Athena.	Tra duç ão (M T)
4 9 9	Massad, Joseph. 2015.	Massad, Joseph. 2015.	Tra duç ão (M T)
5 0 0	Islam in Liberalism.	Islam in Liberalism.	Tra duç ão

501	Chicago: University of Chicago Press.	Chicago: University of Chicago Press.	Tra duç ão (M T)
502	Mehrez, Samia. 2007.	Mehrez, Samia. 2007	Tra duç ão (M T)
503	“Translating Gender.”	“Translating Gender.”	Tra duç ão
504	Journal of Middle Eastern Women’s Studies 3 (1): 106–127. doi: 10.2979/MEW.2007.3.1.106	Journal of Middle Eastern Women’s Studies 3 (1): 106–127. doi: 10.2979/MEW.2007.3.1.106	Tra duç ão
505	Money, John and Ehrhart, Anke. 1972.	Money, John e Ehrhart, Anke. 1972.	Tra duç ão (M T)
506	Man and Woman, Boy and Girl.	Man and Woman, Boy and Girl.	Tra duç ão
507	Baltimore: Johns Hopkins University Press.	Baltimore: Johns Hopkins University Press.	Tra duç ão

			(M T)
5 0 8	Najmabadi, Afsaneh. 2013.	Najmabadi, Afsaneh. 2013.	Tra duç ão (M T)
5 0 9	“Genus of Sex or the Sexing of Jins.”	“Genus of Sex or the Sexing of Jins.”	Tra duç ão
5 1 0	International Journal of Middle East Studies 45: 211–231. doi: 10.1017/S0020743813000044	International Journal of Middle East Studies 45: 211–231. doi: 10.1017 / S0020743813000044	Tra duç ão (M T)
5 1 1	Nicolchina, Miglena. 2001.	Nicolchina, Miglena. 2001.	Tra duç ão (M T)
5 1 2	“Translating Gender: the Bulgarian Case,” in The Making of Euro- pean Women’s Studies, 3, Rosi Braidotti, Ilse Lazaroms, and Esther Vonk (eds), 92–94.	“Translating Gender: the Bulgarian Case,” em The Making of Euro- pean Women’s Studies, 3, Rosi Braidotti, Ilse Lazaroms, and Esther Vonk (eds), 92–94.	Tra duç ão

5 1 3	Utrecht: Utrecht University.	Utrecht: Utrecht University.	Tra duç ão (M T)
5 1 4	Oosterveld, Valerie. 2005.	Oosterveld, Valerie. 2005.	Tra duç ão (M T)
5 1 5	“The Definition of ‘Gender’ in the Rome Statue of the International Criminal Court: A Step Forward or Back for International Criminal Justice?”	"The Definition of 'Gender' in the Rome Statue of the International Criminal Court: A Step Forward or Back for International Criminal Justice?"	Tra duç ão (M T)
5 1 6	Harvard Human Rights Journal 18: 55–84.	Harvard Human Rights Journal 18: 55–84.	Tra duç ão
5 1 7	Rubin, Gayle. 1975.	Rubin, Gayle. 1975.	Tra duç ão (M T)
5 1 8	“The Traffic in Women: Notes on the ‘Political Economy’ of Sex”.	“The Traffic in Women: Notes on the ‘Political Economy’ of Sex”.	Tra duç ão

5 1 9	In Toward an Anthropology of Women, Rayna R. Reiter (ed.), 157–210.	Em Toward an Anthropology of Women, Rayna R. Reiter (ed.), 157–210.	Tra duç ão
5 2 0	NY and London: Monthly Review Press.	NY and London: Monthly Review Press.	Tra duç ão (M T)
5 2 1	Sanchez, Lola. 2014.	Sanchez, Lola. 2014.	Tra duç ão (M T)
5 2 2	“Translations that Matter”.	“Translations that Matter”.	Tra duç ão
5 2 3	Signs 39 (3): 570–576. doi: 10.1086/674181	Indicação 39 (3): 570–576. doi: 10.1086/674181	Tra duç ão (M T)
5 2 4	Scott, Joan W. 1999.	Scott, Joan W. 1999.	Tra duç ão (M T)

5 2 5	“Some Reflections on Gender and Politics.”	“Some Reflections on Gender and Politics.”	Tra duç ão
5 2 6	In Revisioning Gender, Myra Mary Ferree, Judith Lorber and Beth B. Hess (eds), 70–98.	In Revisioning Gender, Myra Mary Ferree, Judith Lorber and Beth B. Hess (eds), 70–98.	Tra duç ão
5 2 7	Thousand Oaks, London, New Delhi: Sage Publications.	Thousand Oaks, London, New Delhi: Sage Publications.	Tra duç ão (M T)
5 2 8	Simon, Sherry. 2007.	Simon, Sherry. 2007.	Tra duç ão (M T)
5 2 9	“A single brushstroke”: Writing through translation: Anne Carson.”	“A single brushstroke”: Writing through translation: Anne Carson.”	Tra duç ão
5 3 0	In In Translation – Reflections, Refractions, Transformations, Paul St.-Pierre and Prafulla C. Kar (eds), 107–116.	Em Translation-Reflections, Refractions, Transformations, Paul St. - Pierre and Prafulla C. Kar (eds), 107-116.	Tra duç ão (M T)
5 3 1	Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins. doi: 10.1075/btl.71.13sim	Amsterdam / Philadelphia: John Benjamins. doi: 10.1075 / btl.71.13 sim	Tra duç ão

			(M T)
5 3 2	Spivak, Gayatri Chakravorty. 1993.	Spivak, Gayatri Chakravorty. 1993.	Tra duç ão (M T)
5 3 3	“The Politics of Translation”.	"The Politics of Translation".	Tra duç ão (M T)
5 3 4	In her Outside in the Teaching Machine, NY: Routledge.	Em Outside in the Teaching Machine, NY: Routledge.	Tra duç ão
5 3 5	Stoller, Robert. 1968.	Stoller, Robert. 1968.	Tra duç ão (M T)
5 3 6	Sex and Gender: On the Development of Masculinity and Femininity.	Sex and Gender: On the Development of Masculinity and Femininity.	Tra duç ão
5 3 7	NY: Science House.	NY: Science House.	Tra duç ão

			(M T)
5 3 8	Tsing, Anna Lowenhaupt. 1997.	Tsing, Anna Lowenhaupt. 1997.	Tra duç ão (M T)
5 3 9	“Transitions as Translations”.	"Transitions as Translations".	Tra duç ão (M T)
5 4 0	In Transitions, Environments, Translations: Feminisms in International Politics, Joan W. Scott and Debra Keates (eds).	Em Transitions, Environments, Translations: Feminisms in International Politics, Joan W. Scott e Debra Keates (eds).	Tra duç ão
5 4 1	NY: Routledge.	Routledge.	Tra duç ão (M T)
5 4 2	Tyulenev, Sergey. 2014.	Tyulenev, Sergey. 2014.	Tra duç ão (M T)

5 4 3	“Strategies of translating sexualities as part of the secularization of eighteenth- and early nineteenth-century Russia”.	"Strategies of translating sexualities as part of the secularization of eighteenth - and early nineteenth-century Russia".	Tra duç ão (M T)
5 4 4	Comparative Literature Studies 51 (2): 253–276. doi: 10.5325/complitstudies.51.2.0253	Estudos De Literatura Comparativa 51 (2): 253–276. doi: 10.5325/complitstudies.51.2.0253	Tra duç ão (M T)
5 4 5	UNCSW, United Nations Commission on the Status of Women. 1996.	UNCSW, Comissão da Organização das Nações Unidas sobre o Estatuto da Mulher. 1996.	Tra duç ão (M T)
5 4 6	“Annex V: Statement on the Commonly Understood Meaning of the Term ‘Gender.’” In Report of the United Nations Conference on Human Settlements (Habitat II).	"Annex V: Statement on the Commonly understood Meaning of the Term 'Gender.Em Relatório da Conferência das Nações Unidas sobre Povoações humanas (Habitat II).	Tra duç ão (M T)
5 4 7	Istanbul, 3–14 June 1996. 1996. http://www.undp.org/un/habitat/agenda/annex.html .	Istambul, 3-14 De Junho De 1996. http://www.undp.org/un/habitat/agenda/annex.html .	Tra duç ão (M T)

5 4 8	United Nations. 1995.	Organização das Nações Unidas. 1995	Tra duç ão
5 4 9	Report of the Fourth World Conference on Women, Beijing, 4-15 September 1995.	Relatório da Quarta Conferência Mundial sobre a mulher, Pequim, 4-15 September 1995.	Tra duç ão (M T)
5 5 0	Chapter V, section 10(b), iii; section 25, iii; section 11. http://www.un.org/esa/gopher-data/conf/fwcw/off/a--20.en .	Capítulo V, secção 10, alínea b), iii; secção 25, iii; secção 11. http://www.un.org/esa/gopher-data/conf/fwcw/off/a--20.casa .	Tra duç ão (M T)
5 5 1	United Nations General Assembly. 1998.	Assembleia Geral Das Nações Unidas. 1998.	Tra duç ão (M T)
5 5 2	Rome Statute of the International Criminal Court, July 17, 1998.	Estatuto de Roma do Tribunal Penal Internacional, 17 de julho de 1998.	Tra duç ão (M T)
5 5 3	UN General Assembly.	Assembleia Geral da ONU.	Tra duç ão (M T)

5 5 4	Zoberman, Pierre. 2014.	Zoberman, Pierre. 2014.	Tra duç ão (M T)
5 5 5	“Homme” peut-il vouloir dire “Femme”?: Gender and Translation in Seventeenth-Century French Moral Literature”.	"Homme" peut-il vouloir dire "Femme"?: Gender and Translation in Seventeenth-Century French Moral Literature”.	Tra duç ão (M T)
5 5 6	Comparative Literature Studies 51 (2): 231–252. doi: 10.5325/complitstudies.51.2.0231	Estudos De Literatura Comparativa 51 (2): 231–252. doi: 10.5325/complitstudies.51.2.0231	Tra duç ão (M T)
5 5 7	© 2016.	© 2016.	Tra duç ão
5 5 8	John Benjamins Publishing Company All rights reserved	John Benjamins Editora todos os direitos reservados	Tra duç ão (M T)